

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIA DO SOCORRO RODRIGUES DE SOUZA AIRES

**FESTA DE SANT'ANA E O DIVINO ESPÍRITO SANTO NO TERREIRO FÉ EM
DEUS: as relações do pesquisador no campo**



São Luís
2014

MARIA DO SOCORRO RODRIGUES DE SOUZA AIRES

**FESTA DE SANT'ANA E O DIVINO ESPÍRITO SANTO NO TERREIRO FÉ EM
DEUS: as relações do pesquisador no campo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Profª Drª Mundicarmo Maria Rocha Ferretti

São Luís
2014

Aires, Maria do Socorro Rodrigues de Souza

Festa de Sant'Ana e Divino Espírito Santo no terreiro Fé em Deus: as relações do pesquisador no campo/ Maria do Socorro Rodrigues de Souza Aires. – São Luís, 2014.

108 f.

Impresso por computador (Fotocópia).

Orientadora: Mundicarmo Maria Rocha Ferretti.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2014.

1. Tambor de Mina 2. Terreiro Fé em Deus 3. Festa de Sant'Ana 4. Festa do Divino Espírito Santo 5. Interações 6. Dádiva I. Título

CDU 394.3(812.1)

MARIA DO SOCORRO RODRIGUES DE SOUZA AIRES

**FESTA DE SANT'ANA E O DIVINO ESPÍRITO SANTO NO TERREIRO FÉ EM
DEUS: as relações do pesquisador no campo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Mundicarmo Maria Rocha Ferretti.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª. Mundicarmo Maria Rocha Ferretti (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^º Dr. João Aires de Freitas Leal
Universidade Nova de Lisboa

Prof^º Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

À Luna Aires, neta linda que deu ao nosso coração um novo ritmo, a nossa alma um novo perfume e uma nova chance para vivermos o amor verdadeiro.

À Mãe Elzita do Terreiro Fé em Deus por todas as lições de amor aprendidas em meio as lágrimas, sorrisos e superações. Agradecemos pelo exemplo de bondade e respeito como o próximo e acima de tudo, por ter nos dado a oportunidade de conhecer o seu tambor de Mina e as festas que fazem parte dele em sua casa.

À Professora Doutora Mundicarmo Maria Rocha Ferretti que nos orientou ao longo desse trabalho e nos ensinou que a Antropologia é mais que conhecer o outro, mas antes, é ser capaz de conseguir colocar-se no lugar dele. Isso fez a diferença. Agradecemos profundamente todo apoio e as valiosas contribuições intelectuais ao longo da nossa formação acadêmica.

Ao Professor Doutor Sérgio Figueiredo Ferretti pelo exemplo e incentivos constantes ao longo da nossa trajetória. Mas, sobretudo por ter nos proporcionado o encontro com o tambor de Mina quando nos acolheu como orientanda desde a graduação.

Ao Professor Doutor João Aires de Freitas Leal, muito obrigada pela presença providencial e incentivo nos momentos finais desse trabalho.

À Karla Suzy Pitombeira por ter sido perseverante em nos convencer fazer a inscrição no seletivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA em 2011, o incentivo dela naquele ano, foi fundamental.

À Mary Lourdes Gonzaga Costa que durante a seleção do curso trabalhava na Secretaria do Programa e sempre nos atendeu de forma gentil educada, disponível para esclarecer as nossas desinformações e dúvidas acadêmicas.

Aos companheiros do GP-Mina por compartilharem conosco as suas experiências, como leituras de relatórios etnográficos e boas apresentações de textos teóricos. Entre eles Thiago Lima e Raimundo Ignácio.

Aos colegas do curso, companheiros de jornadas e grandes desafios para conseguirmos cumprir os prazos. A Natividade, Ana Nery, Wellington e Marineis Merçon com sua generosidade.

À Clícia Gomes que mesmo sem nunca ter nos conhecido, no dia da prova de conhecimento esqueceu que éramos concorrentes e nos falou mais sobre as

ideias de Michel Foucault, uma das referências da prova que íamos fazer em seguida. Ajudou muito por ter se mostrado ao longo dos contatos uma das pessoas mais nobres que tivemos o prazer de encontrar em nosso caminho.

Ao Reinaldo de Freitas, amigo e companheiro desde a graduação em Ciências Sociais com as suas brilhantes considerações a respeito de Max Weber sempre nos proporcionam reflexões sobre nossos trabalhos acadêmicos.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais que no contexto das disciplinas e créditos trabalhados compartilharam conosco as suas experiências. Como Marcelo Carneiro, Paulo Keller, Benedito de Sousa, Carlos Benedito Rodrigues, Sandra Nascimento, Elisabeth, carinhosamente chamada pelos alunos de Beta e outros.

Ao apoio de todos os professores pelas decisões que tomaram juntos em reunião do Colegiado sobre questões relativas à prova de língua, o que resultou em uma nova oportunidade para finalização desse trabalho e de outros colegas na mesma situação.

À Professora de francês Eva Maria Nunes Chatel que muito nos ajudou com suas aulas e sugestões sobre a prova de língua, ao longo dessa jornada.

À CAPES pela bolsa que recebemos durante toda a nossa formação e que nos foi muito favorável para a pesquisa de campo, para aquisição de material didático, entre outras necessidades relativas ao curso.

Agradecemos à todas as pessoas que conhecemos no Terreiro Fé em Deus que de um modo ou de outro, nos ajudaram nessa jornada. Em especial as dançantes e filhas-de-santo de dona Elzita, com destaque para dona Rôxa, Ana Maria, Assunção, Dinaval Vieira Coelho ou simplesmente Dina e outras como: Lucília, conhecida como Miúda. Também não podemos esquecer Lélia, Lélis, Stenio, Antônia, Márcia, Lenilda, Raquel, Cristiane, Ana Carla, Taynara, Chiquinha, Ozana, Ozéas e Miúda dois.

Angêla, pela paciência e acolhimento, sempre ao final das atividades no terreiro, quando nos conduzia ao quarto casa de mãe Elzita e podíamos descanar um pouco antes de voltarmos para casa.

Agradecemos ainda *in memoriam*:

À Concita, mas conhecida como “Concitão” que deixou o seu legado e sua herança espiritual para essa casa de culto.

À Isabel com todo carinho e delicadeza, certamente hoje é uma flor perfumada no reino da encantaria.

Ao Seu Diolindo, abatazeiro fiel e sempre participativo em todas as atividades da casa.

À Nalvinha filha biológica de mãe Elzita e quem tocava ferro e cantava as ladainhas que iniciavam os toques de Mina.

Ao seu Celso, pai de Ângela e de Emanuel, netos de mãe Elzita, sempre educado e atencioso.

“A mina é olhar, ouvir e calar”.
Lenilda (filha-de-santo de Elzita

RESUMO

Este estudo versa sobre as interações estabelecidas entre pesquisador e objeto de estudo em um terreiro de tambor de Mina em São Luís do Maranhão – o Terreiro Fé em Deus que tem como líder religiosa a mãe-de-santo Elzita. O tambor de Mina é a denominação para a religião de matriz africana que foi introduzida no Maranhão pelo negro escravizado. Tem como objetivo etnografar as interações entre pesquisador e objeto de estudo no contexto da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo. No primeiro momento fazemos um esboço de uma autoanálise e discorremos sobre a história da pesquisa e assim apresentamos o terreiro de Mãe Elzita com ênfase para as suas práticas religiosas no tambor de Mina, Cura e tambor de Borá. Em seguida fazemos uma descrição etnográfica da Festa de Senhora Sant’Ana e o Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus, apoiada em especial nas observações realizadas em 2013, a partir do calendário de festa da casa nesse período, envolvendo atividades católicas, culturais e religiosas em um grande evento. Em Dinâmicas das Relações e Interações Sociais no contexto da Festa de Senhora Sant’Ana nosso objetivo principal é etnografar a nossa participação como madrinha de mesa de bolo. Nas considerações finais retomamos as questões levantadas no trabalho e apresentamos as conclusões chegadas sobre as interações nas relações do pesquisador no campo e analisamos algumas dificuldades sentidas na observação participante em uma comunidade de terreiro de tambor de Mina.

Palavras-chave: Tambor de Mina. Terreiro Fé em Deus. Festa de Sant’Ana. Festa do Divino Espírito Santo. Interações.

ABSTRACT

This study is about the interactions established between researcher and object of study at a yard of Mina's drum in São Luís. The ¹"Fé em Deus" yard has as religious leader the ²"mãe-de-santo" Elzita. The Mina's drum is a kind of denomination for religion of African matrix which was incorporated in Maranhão through Black slavers. The present work intends to analyze the interactions between researcher and object of study in context related to celebrations known as ³"Senhora Sant'Anna" and ⁴"Divino Espírito Santo". At the first moment, we create a draft of self-analysis and discuss about the research development and then, we presented the yard of "Mãe Elzita" to emphasize religious practices in the drums of "Mina, Borá and Cura". Then, we create an ethnographic description of the celebrations "Senhora Sant'Anna and Espírito Santo" inside the "Fé em Deus" yard, which was supported by means of comments in 2013, as of the calendar of celebrations that place in this period, involving catholics, cultural and religious activities in a great event. In Relations Dynamics and Social Interactions in the context of celebration "Senhora Sant'Anna", because our main objective is to analyze our participation as godmother of cake table. In the final considerations, we resumed the issues raised in the work and presented the conclusions about the interactions in relations of the researcher inside search field and we analyze some difficulties experienced in the participant observation inside a yard community of Mina's drum.

Keywords: Mina's drum. Fé em Deus yard. Sant'Anna. Divino Espírito Santo Celebration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Lembrança de Anastácia distribuída em missa de sétimo dia.....	14
Figura 2- Dona Elzita à frente do Terreiro Fé em Deus.....	26
Figura 3- Oséas, irmã-de-santo de dona Elzita.....	27
Figura 4- Ritual de Cura de Pedrinho.....	34
Figura 5- Cozinha de apoio onde cozinham a lenha em panelas de ferro.....	36
Figura 6- Dona Lele que desempenha a função de quarteira.....	37
Figura 7- Mesa com toalhas preparadas para as entidades espirituais.....	38
Figura 8- Ritual de Cura da entidade espiritual Rainha Troirinha.....	40
Figura 9- Altar do terreiro preparado com elementos do ritual de Cura.....	41
Figura 10- Altar de São Miguel para o tambor de Borá.....	44
Figura 11- Convite ou “a Carta” como chamam no Terreiro Fé em Deus para comparecer à Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo em 2013.....	46
Figura 12- Bancada em 2014 no Terreiro Fé em Deus.....	51
Figura 13- Entrega do Mastro por dona Celeste no bairro Radional.....	53
Figura 14- Batizado do Mastro e do mastaréu por dona Luzia.....	60
Figura 15- Caixeiras dançando ao redor do Mastro.....	61
Figura 16- Jantar oferecido à Corte após o Levantamento do Mastro.....	62
Figura 17- Procissão pelo Sacavém recolhendo “roubos”.....	63
Figura 18- Derrubamento do Mastro.....	67
Figura 19- Abertura do tambor de Mina.....	73
Figura 20- Fechamento do tambor na varanda do terreiro.....	79
Figura 21- Mesa de bolo e lembranças para Senhora Sant’Ana.....	81
Figura 22- Lembrança da mesa de Sant’Ana em 2013.....	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O TERREIRO FÉ EM DEUS.....	26
2.1 Terreiro e mãe-de-santo.....	26
2.2 A Mãe-de-santo Elzita.....	39
3 A FESTA DE SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO EM 2013.....	46
3.1 Buscamento do Mastro.....	53
3.2 Batizado e Levantamento do Mastro.....	60
3.3 Visita da Corte.....	62
3.4 Missa.....	63
3.5 Recolhimento dos “roubos” e Derrubamento do Mastro.....	64
3.6 Matança dos bois-de-encantado.....	69
3.7 Abertura, virada e encerramento dos toques de Mina.....	73
4 DINÂMICA DAS RELAÇÕES E INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DA FESTA DE SANT'ANA E DIVINO ESPÍRITO SANTO.....	81
4.1 A escolha.....	86
4.2 Madrinha de mesa.....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXO 1- Ofício.....	103
ANEXO 2- Autorização provisória.....	104
ANEXO 3- Autorização especial.....	105
ANEXO 4- Autorização para interdição de vias públicas.....	106

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um registro das interações estabelecidas entre pesquisador e objeto de estudo em um terreiro de tambor de Mina em São Luís do Maranhão – Terreiro Fé em Deus¹ no bairro Sacavém. Tem como objetivo etnografar a dinâmica das interações estabelecidas entre pesquisador no trabalho de campo e objeto de estudo no contexto da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo.

Objetiva apontar os limites e as possibilidades do pesquisador em trabalho de campo em um terreiro de tambor de Mina. Nesse sentido, a proposta desse estudo, evidencia alguns aspectos da experiência humana que constitui o trabalho de campo e “algumas das implicações do fato de ser essa uma experiência humana, para a etnografia, como tarefa científica”.

No Maranhão, a religião afro-brasileira ou afro-maranhense como é mais conhecida é chamada de tambor de Mina, abrange grande parte do estado e apresenta em algumas regiões, elementos locais, como em Codó, onde os terreiros se definem como mata ou terecô (FERRETTI, M. 2001). É uma religião de transe com entidades espirituais que são incorporadas por pessoas vinculadas a um determinado grupo religioso e que se organizam em um sistema de crença centralizado no líder do grupo, mais conhecido como mãe ou pai-de-santo.

A religião do tambor de Mina caracteriza-se pela relação direta, geralmente em transe, das pessoas pertencentes à religião com entidades espirituais, conhecidas como orixás, voduns, caboclos e encantados. O culto às entidades espirituais relaciona-se com elementos da natureza como: a floresta, o rio, o mar, entre outros fenômenos. Nos toques de tambor de Mina, estas entidades se manifestam em transe com as dançantes e cantam suas doutrinas, cujos conteúdos revelam uma mitologia que geralmente se reportam as representações que as pessoas praticantes da religião elaboram sobre as entidades espirituais recebidas no terreiro.

¹ Registrado em um cartório no centro da cidade de São Luís, como Associação Cultural Folclórica de Amparo Sócio Assistencial Casa Fé em Deus com CNPJ n. 14.708.239/0001 25. Segundo, nos informou dona Rôxa (filha-de-santo de dona Elzita) o registro do terreiro foi feito com esse nome, devido às festas tradicionais da cultura maranhense que são realizadas na casa. Há o Bumba-boi, o Tambor de Crioula, O Pastor e a Festa do Divino. O registro do terreiro é recente foi feito em 18 de março de 2011 depois de mais de dois anos de um processo para reconhecer e tirar o CNPJ. (EM: 25/08/14)

Além das doutrinas há outros aspectos observáveis que também se relacionam com a forma como são representadas as entidades espirituais como, por exemplo, os colares ou guias usados pelas dançantes, as toalhas amarradas por cima das saias que cada entidade recebe ao incorporar à dançante em transe e entre outros elementos que configuram aspectos externos e internos dos rituais.

Outra forma de se referir as entidades espirituais do tambor de Mina é o termo “corrente” ou “parte”, que reflete a organização do sistema de crenças dos terreiros congregando diversas categorias de entidades espirituais que determinam a dinâmica dos rituais realizados. Segundo Mundicarmo Ferretti (1985, p.35), compreender a dinâmica dos terreiros através da descrição dos aspectos externos do sistema de crença, “acarreta sérias dificuldades, pois o sistema é pouco rígido e apresenta um grande número de variações”.

Sobre essas variações, Silva (1994, p. 12-13) afirma que: “ao contrário do que acontece com a Igreja católica, que tem uma hierarquia centralizada na figura do Papa, os terreiros são autônomos”. Além disso, a dinâmica ritual peculiar a cada terreiro de tambor de Mina determina as variações de cultos às entidades espirituais, pois também se relaciona com a mediunidade do líder ou chefe do terreiro, com a sua inserção na religião e por isso, cada pai ou mãe-de-santo, desenvolve suas práticas rituais e festivas de forma muito relativa à suas experiências pessoais com a religião.

Nesta perspectiva, observamos que os terreiros de tambor de Mina no Maranhão são espaços diversos com manifestações religiosas próprias, como no Terreiro Fé em Deus, onde a mãe-de-santo Elzita² realiza diversas homenagens para as entidades espirituais, com as quais possui relação.

Mundicarmo Ferretti (2000, p. 25) afirma que o tambor de Mina “surgiu no Maranhão com a Casa das Minas-Jeje e a Casa de Nagô (abertas em São Luís por africanas em meados do século XIX)”. Segundo a autora, as primeiras pesquisas sobre a religião do tambor de Mina foram realizadas “a partir da década de 1930 em São Luís” (FERRETTI, M., 2000, p. 31). A autora também menciona a diversidade de temáticas desses estudos e a apresenta com detalhes um registro da presença desses pesquisadores no Maranhão. O termo Mina, segundo o estudo de Sérgio Ferretti (1996, p.11) refere-se ao:

² No capítulo dois, faremos uma apresentação da mãe-de-santo Elzita e sua vida religiosa em seu terreiro de Mina.

Forte de São Jorge da Mina, na Costa do Ouro, atual República do Gana, um dos mais antigos empórios portugueses de escravos na África Ocidental. É também o nome de um dos grupos étnico que, naquela região, desde cedo foi absorvido pelo tráfico de escravos. No Brasil, o termo Mina é atribuído genericamente a escravos procedentes da região do Golfo do Benin, na África Ocidental.

O tambor de Mina também foi estudado por Santos e Santos Neto (1989) que realizaram um mapeamento sobre os terreiros existentes em São Luís, identificando alguns terreiros e seus elementos rituais e a diversidade de práticas realizadas durante todo ano. Conforme esse estudo, a Casa de Nagô é referência para todos os terreiros de Mina Nagô no Maranhão, pois foram fundados por pessoas que de uma forma ou de outra tinham algum vínculo com essa casa (SANTOS; SANTOS NETO, 1989). No entanto, os autores afirmam que há outros terreiros fundados no final do século XIX que não foram objetos de estudo de pesquisadores, como o Terreiro do Egito que:

Foi fundado pela africana Mancinocô, nas proximidades do Itaqui, e que depois passou para Mãe Pia, estando hoje fechado. Conta-se que este terreiro foi originado de um quilombo e vivia às voltas com uma série de lendas e mistérios, envolvendo navios, marinheiros e princesas. Havia, segundo contam, entidades que desciam de navios encantados, enquanto os tambores, tocados no fundo do mar, ressoavam em terra firme. Velhas africanas e outras pessoas videntes tinham o privilégio de ver os encantados, andando ao vivo, antes e depois de entrarem no terreiro. O Egito, na verdade deu origem a vários terreiros em São Luís. (SANTOS; SANTOS NETO, 1989, p. 34).

Conforme apresenta Santos e Santos Neto (1989), o Terreiro do Egito³ é considerado um “terreiro de raiz” de muitos outros terreiros, porque desse terreiro originou-se o terreiro de Zacarias que era localizado na Maioba que, por sua vez, deu origem ao terreiro Nanã Borokô⁴ de dona Denira, que existiu no bairro de Fátima. Sendo assim, o Terreiro Fé em Deus é representante da terceira geração do terreiro do Egito. No entanto, conforme as informações de dona Elzita, a líder do terreiro pesquisado, o assentamento do Terreiro Fé e Deus foi feito por mãe Anastácia, líder do Terreiro da Turquia⁵ que tinha como “raiz” ou “Casa Máter” o

³ O estudo de Santos e Santos Neto (1989, p. 34) registra que o terreiro do Egito, foi fundado no século de XIX, assim como a Casa das Minas e de Nagô.

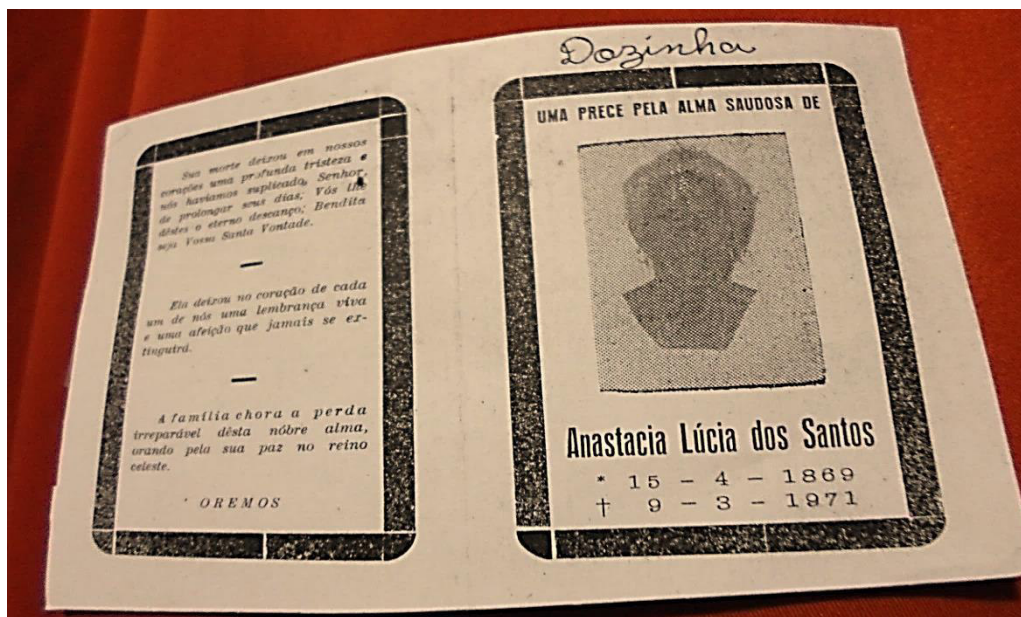
⁴ A fundação do Terreiro Nanã Borokô (SANTOS; SANTOS NETO, 1989) foi no ano de 1945 próximo ao porto do embarque do Piranhenga.

⁵ O Terreiro da Turquia, como é mais conhecido o Terreiro Fé em Deus (Nifé Olorum), fundado em junho de 1889, por Anastácia Lúcia dos Santos, é localizado atualmente no Outeiro da Cruz, à Rua Nossa Senhora da Vitória, n. 22. Nos dias de hoje, o terreiro não tem mais a expressividade que tinha

Terreiro de Manuel Teu Santo. Dona Anastácia foi uma velha mineira com profundo conhecimento na Mina e como registra o estudo de Santos e Santos Neto (1989, p. 59) ela teve grande responsabilidade sobre a propagação dos terreiros de Mina no Maranhão, pois que:

No desempenho de sua missão, Mãe Anastácia fez o assentamento de vários terreiros, difundindo assim o tambor de Mina em São Luís. E tamanho era o carinho era o carinho das filhas de santo por ela que bem poucas abriram terreiro em sua época, preferindo assim permanecer fiel a casa.

Figura 1- Lembrança de Anastácia, distribuída em missa de sétimo dia em: 16/03/1971 (?).



Fonte: Arquivo pessoal de Dozinha⁶.

Desse modo, identificamos o Terreiro Fé em Deus como uma casa de culto afro que possui vínculos com a diversidade de práticas religiosas e culturais existentes no Maranhão.

Pretendemos aqui inicialmente fazer conhecer, ao modo de Bourdieu (1989), a história dos nossos interesses em relação ao processo de construção do objeto de estudo e a problemática em discussão. Neste tópico, discorreremos sobre a

na época de mãe Anastácia que morreu com 103 anos, no dia 09 de março de 1971 (SANTOS; SANTOS NETO, 1989).

⁶ Em 20012, Dozinha que foi vizinha do terreiro de dona Elzita nos ofereceu essa figura da lembrança da missa de dona Anastácia. Ela já estava doente e faleceu em maio de 2014.

nossa incursão no universo da religião afro-maranhense – o tambor de Mina. Assim, relatamos as opções teóricas, metodológicas e práticas que converteram o nosso olhar no processo de caracterização do problema sociológico e delimitação do objeto em questão; delimitamos o lócus empírico de pesquisa; e apresentamos os instrumentos e as técnicas que utilizamos para a realização desse estudo.

Pierre Bourdieu (2003, p. 19) afirma que ao descrevermos e refletirmos sobre a nossa experiência de pesquisa e as situações vividas em trabalhos de campo, a nossa intenção é “tornar possível fazer uma ideia do que se passou na intimidade do laboratório, ou mais modestamente, da oficina, com todas as hesitações, todos os embaraços, todas as renúncias, etc.” Somente assim, percebemos o itinerário percorrido durante o processo de construção do objeto que se apresenta com retoques, emendas e correções. (BOURDIEU, 2003).

A imersão no trabalho de campo, proporciona a prática constante da objetivação e, em consequência, as nossas certezas *a priori*, se diluem à medida que tomamos consciência - pela experiência - que nenhum objeto é construído por um ato instantâneo ou mágico. Mas, a partir de situações práticas vividas durante o empreendimento de pesquisa, capazes de provocar as nossas certezas pela presença de diversos elementos que insinuam, por vezes, novos caminhos a trilhar. Nessa perspectiva, construir um objeto, conforme afirma Bourdieu (2003, p. 27), é ter consciência do processo de viver situações práticas e trabalhosas, pois a construção do objeto:

Não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efetua não é um plano que desenha antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por conta de uma série de correções, de emendas sugeridas por o que se chama de ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios que orientam as opções minúsculas e decisivas.

Dessa forma, questões aparentemente práticas implicam em “coisas” teóricas, no sentido apontado por Bourdieu (2003, p.18) ser necessário fazer uma vigilância epistemológica que significa uma tomada de postura diante do estudo. Para esse autor, a pesquisa deve ser aprendida como uma “atividade racional” o que implica uma atitude em relação ao outro, estabelecendo dessa forma, uma ruptura

para separar elementos que compõem a relação objeto e pesquisador nesse processo.

Um objeto de estudo e um problema são reflexos de experiências particulares do pesquisador. As nossas escolhas são realizadas, muitas vezes, por acontecimentos imprevistos presentes em vários aspectos da vida e que são atrelados a interesses e situações que nos levam a repensar a nossa postura, o nosso olhar e a conhecer novos lugares. Desbravar esses lugares para Mauss (2003, p. 401) é “ter a certeza de que é aí que há verdades a descobrir; primeiro porque se sabe que não se sabe, e porque se tem a noção viva da quantidade de fatos” em jogo. Muitas atitudes precisam ser postas em prática no sentido de superar barreiras humanas para entendermos como esse mundo está organizado, para então, desenvolvermos a capacidade de fazer perguntas fundamentais. Nos termos de Gaston Bachelard (1996, p.18) as perguntas são:

Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. O conhecimento adquirido pelo esforço científico pode declinar. A pergunta abstrata e franca se desgasta: a resposta concreta fica.

Nesse sentido, o estudo de Geertz (1996, p. 7) pontua que a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular é saber escolher entre as estruturas de significação e determinar sua base social e sua importância. Sendo assim, a análise se processa por meio da discriminação dos ingredientes da situação: “Piscadelas de piscadelas de piscadelas”. Compreender essas insinuações é “tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheios de suspeitas e comentários tendenciosos escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”.

Desta forma, esse estudo foca as interações entre pesquisador e objeto de estudo tomando como referência as experiências de pesquisa em um terreiro de tambor de Mina no bairro Sacavém em São Luís do Maranhão – casa de dona Elzita, o Terreiro Fé em Deus.

Quando começamos o curso de Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, em março de 2012⁷, o nosso interesse era

⁷ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) na Universidade Federal do Maranhão.

retomar e redimensionar a pesquisa sobre a religião do tambor de Mina, iniciada ainda na graduação e que culminou com o trabalho monográfico sobre as relações do tambor de Mina com outras práticas⁸ religiosas no Maranhão.

No trabalho de graduação, nos propusemos a analisar as relações do tambor de Mina com o ritual de Cura e o tambor de Borá e fizemos observação direta dos rituais, colhemos dados etnográficos em forma de depoimentos, fotografias e narrativas da mãe-de-santo do terreiro e também com algumas filhas-de-santo. A princípio dessa pesquisa, como bolsista de iniciação científica, o nosso objetivo era conhecer a estética dos rituais realizados no Terreiro Fé em Deus e aprender a simbologia do tambor de Mina, por meio das vestimentas e objetos ritualísticos, como as guias⁹ usadas pelas dançantes no desempenho público dos rituais de Mina. A observação da estética dos rituais nos revelou que as relações de elementos religiosos dentro do sistema de crença cultuados no Terreiro Fé em Deus caracterizam uma dimensão agregadora do tambor de Mina que se manifesta em contextos religiosos diversos.

No início do curso de Mestrado, a nossa intenção era continuar a formação acadêmica em Ciências Sociais¹⁰ com interesse em redimensionar a nossa experiência de pesquisa a partir do estudo de diferentes formas de preconceitos relacionados ao campo religioso do tambor de Mina - no Terreiro Fé em Deus. Além do mais, no contexto da pesquisa de graduação, não foram levados em consideração elementos que hoje chamam à nossa atenção, como a dissidência de alguns membros praticantes do tambor de Mina - desse terreiro - para as religiões evangélicas.

Esse fato, de certo modo, alterou as atividades e as relações entre os participantes do grupo do terreiro. Por exemplo, dessa situação, foi à mudança da guia¹¹ da casa ano de 2005. A dissidência da guia que ocupava esse cargo desde à

⁸ Rituais de Cura ou Pajelança realizados em terreiro de Mina no Maranhão, porém são considerados pelos praticantes com práticas religiosas não africanos.

⁹ Colares feitos de miçangas coloridas que as dançantes usam no desempenho ritual dos toques de Mina. São de uso individual pois representa a entidade espiritual que cada filha-de-santo recebe em transe e também o terreiro.

¹⁰ Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão.

¹¹ No Tambor de Mina no Terreiro Fé em Deus a segunda pessoa depois da mãe-de-santo é chamada de guia e até o ano de 2005, a guia do terreiro era dona Diquinha.

fundação do terreiro, provocou a redução de uma festa¹² e abriu precedentes para que outras filhas-de-santo seguissem o mesmo caminho.

Assim, as diferentes formas de preconceitos religiosos nos mostravam *a priori* uma excelente oportunidade para identificar o nosso estudo, não somente pela relevância acadêmica, mas também como um estudo de interesse social e político no que diz respeito aos problemas relacionados à grande maioria dos terreiros de religião de tambor de Mina. Santos e Santos Netos (1989, p. 125) observam o seguinte:

Como se vê, a sociedade ainda encara os cultos afros como algo negativo. Carregado de entidades demoníacas, só serviram para fazer o mal: matar, empobrecer, descasar, arruinar, perturbar e perseguir. No conjunto social, os cultos afros ainda sofrem uma carga pesada (por mais que busquem se empenhar agora em obras sociais de caridade) basta à ocorrência de algo negativo e, sobretudo, surpreendente, não previsto, para que sejam culpabilizados.

Pensávamos que essa temática além de pontuar aspectos que se referem às situações vividas pelo próprio grupo do terreiro, certamente nos proporcionaria à oportunidade para irmos um pouco mais além e desenvolver um estudo que ampliasse às discussões sobre a realidade dos praticantes da religião do tambor de Mina. Havia também, a possibilidade de desenvolver um trabalho relacionado com as questões sociais e problemas, vinculados à realidade da religião afro-maranhense, precisamente, às que atingem ao grupo religioso do Terreiro Fé em Deus. Bem mais que isso, desejávamos a continuidade da nossa pesquisa e das relações com os professores que acompanham e nos orientam no decorrer da nossa formação e trajetória acadêmica, através da nossa participação no grupo pesquisa - GPMina - coordenado pelos professores Sérgio e Mundicarmo Ferretti com estudo sobre Religiões e Festas Populares, em sua variedade, mudanças decorrentes de transformações sociais nas suas diferentes formas de manifestação. No entanto, a nossa escolha para sermos madrinha da mesa central da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo, desviou o nosso interesse para as formas interações do pesquisador e o objeto de estudo.

¹² A festa para São Raimundo Nonato era realizada no dia 31 de agosto era uma obrigação de dona Diquinha com o caboclo Jariodama. Ela fazia um tambor de Crioula e oferecia um almoço no dia do santo.

Assim, o nosso olhar sobre as questões sociais presentes na existência do grupo religioso, foi redimensionado quando recebemos a oferta para realizar o apadrinhamento da mesa principal do Festejo de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo realizado no terreiro para os próximos três anos, a começar em 2012, em seguida 2013 e finalizando em 2014.

Receber a oferta para ser madrinha da mesa principal da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo, a princípio, nos pareceu uma boa oportunidade enquanto pesquisadora de adentrar um pouco mais nas relações com o grupo religioso e nos fez pensar que, de certo modo, havíamos conquistado uma posição de mais prestígio junto ao terreiro. Nessa festa, a mesa de Senhora Sant'Ana ocupa o centro da varanda do terreiro. É a mesa que mais se destaca e entre todas, é a mais luxuosa do festejo. Animados com o “presente”, esquecemos por um momento do *contradom* e do que a manutenção de nossa participação como madrinha de mesa, realmente iria significar a partir de agora. Nos termos de Marcel Mauss (2003, p.188) essa:

Multiplicidade de coisas sociais em movimento, elas assumiram quase sempre a forma de regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social e quando há no fundo, obrigação e interesse econômico.

Porém, a partir da nossa primeira experiência como madrinha de mesa de bolo, passamos a refletir de forma mais sistemática sobre as situações de interações que todo pesquisador das ciências sociais se envolve em trabalho de campo. Isso despertou-nos para o seguinte questionamento: como e em que medida, a *dádiva*, a *doação*, o *dar* e todas as implicações desse ato, constituem elemento de manutenção da relação do pesquisador, em trabalho de campo na interação com seu objeto de estudo? No nosso caso de pesquisa, ser madrinha da mesa central da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo, nos daria mais acesso às “regiões interiores” do terreiro?

Nesse sentido, passamos a refletir sobre às nossas experiências ao longo do contato com as pessoas do terreiro e muitas inquietações povoaram o nosso espírito e despertaram, ainda mais, o interesse por esse estudo. As prestações e contraprestações são inerentes às dinâmicas de interações estabelecidas entre

pesquisador em trabalho de campo? Em que medida o pesquisador submete-se “ao jogo” das interações por meio da dádiva do oferecer?

No decorrer de alguns anos, frequentamos e acompanhamos constantemente os eventos públicos realizados no Terreiro Fé em Deus, ou em outros lugares em que o grupo participa de algum evento. A princípio, como pesquisadora, mas também para apresentar outros estudiosos ao grupo do terreiro, geralmente a pedido dos nossos orientadores. Vivenciamos muitas situações no campo e algumas dessas se passaram entre nós e as pessoas com quem nos relacionamos e que são vinculadas ao terreiro.

Uma situação particular aconteceu no ano de 2012, depois da missa realizada na Igreja de Sant’Ana, localizada no centro da cidade, no dia 26 de julho, que é o dia da santa. Todo ano era assim. Não é mais porque o padre dessa igreja, não celebra mais missa a pedido de casa de culto afro e em 2012, aconteceu a última missa nessa igreja para homenagear a santa, por conta das pessoas do Terreiro Fé em Deus. A missa do dia da santa é muito especial para todos que fazem parte do grupo do terreiro e a maioria das pessoas da casa acompanha o cortejo da Festa de Sant’Ana e o Divino Espírito Santo até ao centro da cidade. Após o término da missa, aproximadamente umas nove horas da manhã, o cortejo saía em procissão pelas ruas do centro de São Luís e o itinerário ia da Rua de Sant’Ana, avenida Magalhães de Almeida até bem perto do velho Mercado Central. Um ônibus era necessário para transportar as pessoas de volta ao terreiro.

A situação inusitada aconteceu após o encerramento da missa, quando os sinos tocaram por alguns minutos e todos se preparavam para começar a procissão pelas ruas do centro. Muitas pessoas que acompanhavam o grupo do terreiro e a Corte, ainda estavam no interior da igreja, mas a maioria, já aguardava ao lado de fora. Alguns são devotos, pagadores de promessa e outros curiosos que observavam tudo que se passava. Mas, a maior parte das pessoas que acompanham o grupo vem do bairro Sacavém e estão ligadas ao Terreiro Fé em Deus de alguma forma.

Entre os presentes, estão as caixeiras que se destacam pelos cânticos ou salvas e os toques de suas caixas, e pela constante presença, sempre ao lado da Corte durante a procissão em direção ao terreiro. Enquanto esperávamos na calçada da Igreja pela saída da Corte e dos demais participantes do terreiro que assistiam a missa, os sinos começaram a tocar e ao nosso lado, havia algumas

caixeiras e uma delas¹³ nos perguntou: “a senhora entende que os sinos estão tocando?” Ficamos surpresos com a pergunta inesperada e respondemos que não, mas também que todos os sinos tocam sempre quando tem missa. Ela continuou: “Ah! Mas esses aqui, não! (Risos). Respondeu-nos a caixeira. Então perguntamos à caixeira o que tocam esses sinos? Então ela respondeu que: “a senhora devia prestar mais atenção, mas eu vou lhe dizer. Os sinos dessa igreja tocam diferente no dia de Sant’Ana. Eles tocam para dizer: “dar para quem te dar, para quem não te der, não dá!”

Ela nos falou sorrindo e depois disso, rapidamente juntou-se a procissão que acompanhava a Corte e nós ficamos ali com o espírito inquieto por causa dessa abordagem, mas que muito nos inspirou a refletir sobre a importância da dádiva na dinâmica de pesquisa entre pesquisador, campo e objeto de estudo em um terreiro de tambor de Mina.

A relevância dessa experiência consiste em esclarecer que a escolha deste tema não se deu de forma superficial, aleatoriamente pensada, somente pelas implicações que a presença do pesquisador acarreta nas suas interações entre campo e objeto de estudo. Mas, a partir de um longo contato com o grupo, por mais de uma década e que se intensificou com a nossa experiência como madrinha de mesa da Festa de Sant’Ana e o Divino Espírito Santo e pela pergunta inesperada de uma caixeira na porta da Igreja de Sant’Ana no centro de São Luís.

Assim, mantivemos leituras inspiradas em autores como Pierre Bourdieu (2003), referência trabalhada durante todas as disciplinas do curso de mestrado, e Marcel Mauss¹⁴, direcionando a nossa reflexão, para as prestações e contraprestações inerentes a inserção do pesquisador no campo em diferentes situações. Começamos a perceber que dentro da nossa temática de pesquisa, que é o tambor de Mina no Maranhão, também seria interessante etnografar as experiências humanas que resultam das estratégias de interações entre pesquisador e objeto de estudo.

A partir de então, despertou-nos o seguinte interesse: por que não estudar essas situações vividas pelo pesquisador em trabalho de campo,

¹³ Era uma caixeira entre tantas que tocam as suas caixas e que acompanham diversos festejos pela cidade. No decorrer dos anos em que acompanhamos a festa, conhecemos algumas caixeiras de vista, sem maiores aproximações.

¹⁴ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naif, 2003.

consideradas pela maioria, como experiência “nada agradável de falar”, pois implica certo constrangimento em determinados momentos? No nosso caso específico de pesquisa, porque não objetivar a experiência de ser madrinha da mesa principal de um festejo tão importante para o terreiro?

No decorrer dessa pesquisa outras situações acontecidas dentro do terreiro foram se vinculando as nossas inquietações e reforçaram o nosso interesse por esse estudo¹⁵. Percebemos que ainda há muito que discutir sobre as situações que envolvem pesquisadores de religião afro, suas relações com o objeto de estudo e os aspectos mais humanos da pesquisa, tanto no meio acadêmico quanto na literatura. Nesse sentido, o estudo do antropólogo Vagner Silva (2000, p.15) sobre “a presença do antropólogo no campo, as diferentes dimensões de relacionamento com os grupos estudados, o modo pelo qual esses relacionamentos se refletem na pesquisa e como se dá a passagem do campo ao texto etnográfico”, nos fornece um referencial fundamental para esse estudo.

As situações que nos levaram a mudança de temática de diferentes formas de preconceitos religiosos vivenciada pelo grupo do Terreiro Fé em Deus, para a análise das formas de interações entre pesquisador e objeto de estudo, se fazem para nós um grande desafio, tendo em vista, o longo tempo de convivência com grupo do Terreiro Fé em Deus. Considerando as limitações do presente estudo, acreditamos que estudar formas de interações entre pesquisador e objeto de estudo, acrescentarão pontos significativos para a pesquisa sobre o Tambor de Mina no Maranhão, além da contribuição às ciências sociais.

Trabalhamos nesse estudo, com a noção de *fato social total* desenvolvida na obra *Ensaio sobre a dádiva* de Marcel Mauss (2003, p.187) que afirma existir

¹⁵ Um casal de pesquisadores da área de Artes que sistematicamente visitava o terreiro em dias de festa e registravam todas as atividades da casa, a partir desses registros foi produzido um documentário com algumas imagens a revelia do grupo que só teve acesso ao vídeo na íntegra, no dia do lançamento. Esse fato provocou constrangimentos e problemas nas relações entre esse casal de pesquisadores e uma pessoa da casa, afetando, inclusive à nossa pesquisa. Tendo em vista que, essa pessoa ligada a casa, com o apoio de algumas pessoas do grupo, entendeu que o casal de pesquisadores deveria compartilhar com o terreiro, os recursos obtidos para o financiamento do documentário. O casal não esclareceu esse aspecto e por isso, começou um tremendo mal-estar. Então, quando íamos visitar o terreiro, éramos questionados por essa pessoa se também íamos produzir um documentário sobre a casa, se tínhamos um projeto. A princípio, ficamos sem entender o que estava acontecendo e a situação, provocou-nos o interesse em saber mais informações sobre o documentário. A partir disso fomos e pedir uma explicação ao casal de pesquisadores e marcamos uma entrevista. No entanto, eles não compareceram. Não, fomos maltratados em nenhum momento, mas houve certo constrangimento em relação a nossa pesquisa, pois pareceu que íamos de certo modo, repetir a mesma conduta do casal de pesquisadores. Além disso, essa pessoa agiu sem o conhecimento de dona Elizita que sempre acolhe a todos com muito carinho.

“nesses fenômenos sociais totais, um enorme conjunto de fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura tudo que constitui a vida propriamente social”. Ao mencionarmos as *prestações e contraprestações*, pensamos em formas de interações que se definem, sobretudo, pela doação relacionada ao desempenho de funções ou práticas que se processam, entre pesquisador e objeto de estudo, dentro de um determinado espaço social – um terreiro de tambor de Mina. (MAUSS, 2003 p.191).

O pensamento de Marcel Mauss é norteado por uma postura epistemológica interdisciplinar que dialoga com várias ciências, como a história, a psicologia, a antropologia e leva em consideração muitos aspectos da vida social, como o direito, o estético e o religioso. Nesta análise, pretendemos sob essa perspectiva, compreender como ato de doar estabelece interações entre pesquisador e sujeitos pesquisados dentro de um terreiro de tambor de Mina.

Para o autor, o estudo da *dádiva* se relaciona a compreensão de que maneira os homens passaram a trocar as coisas. Dar, receber e retribuir são três momentos distintos cuja diferença é fundamental para a constituição e manutenção das relações sociais e indica que: “recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber; equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 2003, p. 202-203). Dessa forma, o pesquisador em trabalho de campo, submete-se, as regras do grupo pesquisado para estabelecimento de vínculos com seu objeto de estudo que, na verdade significam regras de um sistema social e um protocolo a ser conhecido e aprendido pelo pesquisador no decorrer da pesquisa.

Os estudos sobre as práticas sociais diante do fenômeno religioso encontram em Durkheim (2003), importante fonte de referências para as reflexões, pois a religião permeia todas as relações sociais pela diversidade de suas práticas. Conforme este autor, a religião é um meio pelo qual o homem se expõe: “é uma manifestação natural da atividade humana, pois todas exprimem o homem à sua maneira e podem assim ajudar a compreender melhor esse aspecto de nossa natureza” (DURKHEIM, 2003 p. 04).

Atualmente, as ciências humanas buscam dar conta da variedade de percepções sobre o tema, sob uma série de olhares entrecruzados. A interdisciplinaridade se constitui, na realidade, como forma de contribuição para a compreensão do fenômeno, cada qual com sua maneira própria de conceber sua interpretação sobre essa atitude coletiva como, por exemplo, os estudos sobre as

religiões de matriz africana no Brasil (SILVA, 1994, 2000, 2005; DANTAS, 1988; FERRETTI, S. 1996; FERRETTI, M. 2000 - 2001), se configuram como mecanismo de compreensão dessas manifestações religiosas e culturais que compõem a realidade da sociedade brasileira.

Desse modo, como num “filme acelerado”, gostaria de expor aqui o itinerário percorrido nesse estudo e as situações que se constituíram em elementos fundamentais para refletirmos sobre a construção do objeto de estudo. (BOURDIEU, 2003, p.19).

Assim, o trabalho está organizado em três partes:

Na introdução, apresentamos um esboço de alguns pontos da pesquisa em linhas gerais. Conforme os termos de Bourdieu (2003), discorreremos sobre a história dos nossos interesses, tendo como ponto de partida, situações que nos levaram as nossas motivações e a escolha da temática; o problema de pesquisa e que juntamente com leitura de autores e referências clássicas nas ciências sociais, nos permitiu a construção do objeto de estudo; uma descrição do itinerário de pesquisa, além de algumas situações vividas no decorrer o trabalho de campo.

No segundo capítulo, apresentamos o Terreiro de Mãe Elzita e a sua religiosidade no tambor de Mina, as suas relações com suas entidades espirituais e algumas práticas realizadas no contexto religioso do Terreiro Fé em Deus.

No terceiro capítulo intitulado *Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo* fazemos inicialmente uma descrição do ciclo de rituais a partir do calendário de festa da casa que nesse período envolve atividades católicas, culturais e religiosas em um grande evento. Em seguida, fazemos uma descrição etnográfica da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus. apoiada em especial, nas observações realizadas em 2013.

No quarto capítulo, chamado *Dinâmicas das Relações e Interações Sociais* no contexto da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, nosso objetivo principal é etnografar a nossa participação enquanto madrinha de mesa e as nossas relações com o grupo do Terreiro Fé em Deus.

No item quinto, Considerações Finais, retomamos as questões levantadas no trabalho e apresentamos as conclusões chegadas sobre as interações nas

relações do pesquisador no campo e analisamos algumas dificuldades sentidas na observação participante ¹⁶em uma comunidade de terreiro de tambor de Mina.

¹⁶ Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p.24) afirma que tal modalidade de observação significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo que não impeça a necessária interação.

2 O TERREIRO FÉ EM DEUS

2.1 Terreiro e mãe-de-santo

Figura 2- Dona Elzita à frente do Terreiro Fé em Deus¹⁷.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Atualmente, o Terreiro Fé em Deus, tem a sua localização na Rua Nossa Senhora da Conceição nº 180, do bairro Sacavém. Foi fundado por dona Elzita Vieira Martins Coêlho¹⁸, em 07 de dezembro de 1966¹⁹. O surgimento desse terreiro possui uma história diferente da maioria dos outros terreiros de São Luís. Segundo a tradição religiosa afro-brasileira, é comum ouvir falar que um iniciado foi preparado nos fundamentos da religião, por um pai ou mãe-de-santo e que depois de algum

¹⁷ Nesse dia fomos logo cedo ao terreiro de dona Elzita conversar sobre a festa de Sant'Ana e a encontramos emocionada por ter cumprido mais essa obrigação. Ela cantou doutrinas de Princesa Doralice e falamos sobre a Tribuna da festa, tiramos fotografia do altar e quando nos despedimos, ela como sempre nos acompanhou até à rua e nos abençoou com muito carinho. De posse da máquina registramos esse momento no tempo. Em seguida, fomos em direção à escada que leva ao bairro Coheb, onde já havia um carro nos aguardando.

¹⁸ Santos e Santos Neto (1989, p.66) registram que dona Elzita nasceu em São Luis, é filha de Elias Vieira Martins e de Ventura Costa Leite. O dia do seu nascimento, conforme nos informou mãe Elzita é dia 16 de janeiro de 1934.

¹⁹ Sobre a data de fundação do terreiro, o estudo de Santos e Santos Neto (1989) diz que o Terreiro Fé em Deus foi fundado em 1966 e dona Elzita afirma que abriu o seu terreiro com dois e meio, após a morte de dona Denira. Mas, segundo Ana Maria - filha-de-santo de Elzita e filha carnal de Denira – sua mãe faleceu no dia 25 de novembro de 1963. Ana Maria nos falou que à época da morte de sua mãe, ela estava com 11 anos de idade e sua irmã mais nova, com 04 anos. (EM: 18/08/2014).

tempo, esse iniciado vai abrir o seu próprio terreiro e ter seus próprios filhos-de-santo. (AIRES, 2008).

No entanto, conforme os relatos desta mãe-de-santo e segundo o estudo de Santos e Santos Neto (1989) o Terreiro Fé em Deus, surgiu a partir do terreiro Nanã Borokô de dona Denira Ferreira de Jesus. Segundo Amorim (1996), o Terreiro Nanã Borokô, foi fundado em 1959, próximo ao rio Piranhengas (bairro de Fátima) e o seu assentamento foi feito pelo finado Zacarias que tinha terreiro na Maioba e era pai-de-santo de dona Denira, que recebia em transe as entidades espirituais Caboclo Ita e Vó Missã. No entanto, dona Elzita afirma que a sua mãe-de-santo ainda jovem ficou doente e consciente da gravidade do seu estado de saúde, manifestou o desejo de fechar o seu terreiro um pouco antes de morrer. (AIRES, 2008).

Segundo nos informou dona Elzita, após ter passado mais de um ano da morte de dona Denira, todos se reuniram para fechar o terreiro, mas nesse ritual de fechamento o seu guia espiritual, Surrupirinha, manifestou o desejo de continuar com as obrigações de dona Denira e assim cantou várias doutrinas que indicavam que ele desejava a continuidade do terreiro. Entre tantas doutrinas, ela rememorou essa que dizia:

Eu não vou mamãe
Eu não vou pra lá
Não vou ajuntar areia do mar
Eu fico içando a minha bandeira
Formando uma trincheira
Eu fico içando a minha bandeira
Formando uma batalha

De acordo com dona Elzita, essa doutrina foi cantada por Surrupirinha depois das obrigações de fechamento do terreiro de dona Denira “e ninguém sabia por que ele cantava tudo isso” (EM: 22/08/14). Sendo assim, ela na posição de guia do terreiro de sua mãe-de-santo e com a responsabilidade de ser a segunda pessoa na hierarquia da casa, ela assumiu o compromisso com as suas irmãs-de-santo²⁰ e com as entidades espirituais que seriam cultuadas no novo terreiro.

²⁰ Dona Elzita nos falou o nome de algumas de suas irmãs-de-santo e nem todas ela lembra. Mas citou Filomena, Maria Pretinha, Maria Rôxa, Maria Miúda e Dona Custódia que são falecidas. Do

No Terreiro Fé em Deus, dona Elzita, passou a ser líder da Irmandade do terreiro de sua mãe-de-santo e as suas entidades espirituais, a referência do espaço religioso, configurando uma nova situação em relação aos rituais realizados dentro do novo terreiro. A entidade Caboclo Ita que era o chefe de dona Denira e que segundo dona Elzita era o “pai de Caboclo Velho” atualmente comparece aos rituais no terreiro, incorporado em Ana Maria que é filha-de-santo de dona Elzita, mas é filha carnal de dona Denira. Em uma noite de toques de Mina um pouco antes de encerrar o ritual, esta entidade cantou uma doutrina assim:

Quem manda no mundo é Deus
É bom prestar atenção
Ontem eu fui pai
Hoje eu sou irmão

Depois que ouviu isso, em seguida o caboclo Surrupirinha parou os toques e cantou no meio do barracão:

Vamos caboclos
Formar trincheira
Em uma eira que eu formei
Lá tem uma bandeira
Quem içou foi eu
Naquela morada e Fé em Deus.

O Caboclo Ita rememorou o seu antigo *status* de dono de terreiro através da sua doutrina e o caboclo Surrupirinha, apesar de não ser o dono do terreiro, (mas se considera) cantou para as entidades espirituais que estavam incorporadas nas dançantes em transe e reafirmou a posição atual de Caboclo Ita dentro do sistema de crenças. Sobre a hierarquia das entidades espirituais nos terreiros de Mina de São Luís, Mundicarmo Ferretti (2000, p.84) afirma que:

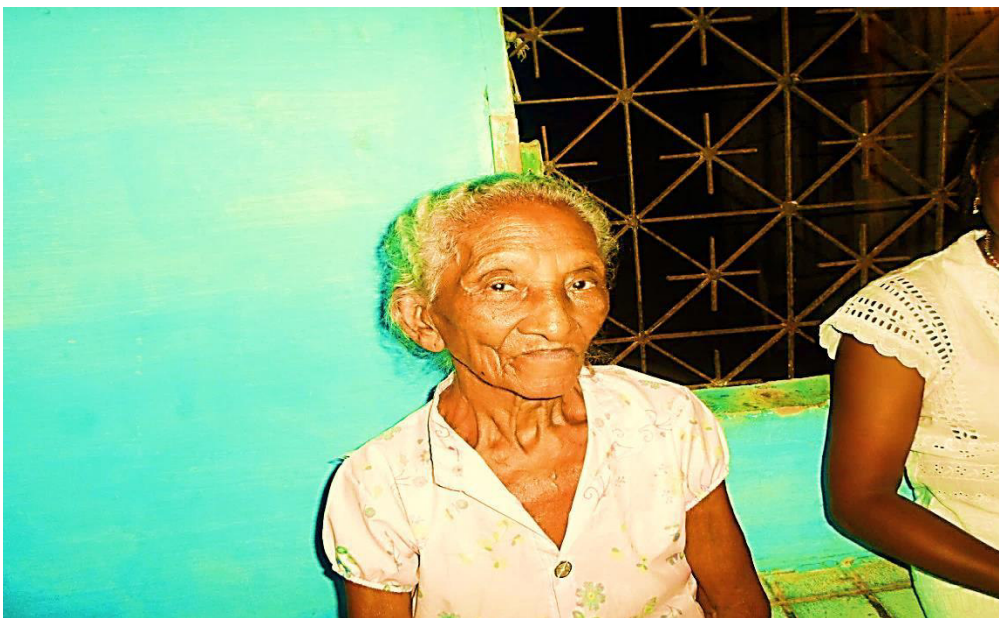
A posição das entidades espirituais nos terreiros de Mina de São Luís depende de sua categoria, mas, como esta também pode variar em função da relação com o ‘dono da casa’ (entidade para a qual foi consagrado ou que solicitou ou apoiou sua abertura) e de sua relação com as entidades recebidas pelos fundadores e pais-de-santo dos terreiros, essa posição pode ser alterada durante a trajetória da casa.

A mudança de posição da entidade espiritual Caboclo Ita no Terreiro Fé em Deus se relaciona somente a posição no sistema de crenças do terreiro, no qual, Caboclo Ita não ocupa mais a frente das atividades. No entanto, dona Elzita nos afirma que esta entidade desempenha as mesmas funções, as quais lhe eram atribuídas no terreiro de sua mãe-de-santo e por isso, ela realiza em sua homenagem, o tambor de Borá, no mês de setembro. (AIRES, 2008).

Com a reorganização das relações do grupo de irmãs-de-santo sob o comando de dona Elzita, as suas entidades espirituais tornaram-se referência do novo terreiro. Segundo dona Elzita, o grupo de irmãs-de-santo era composto por mais de vinte filhas-de-santo de dona Denira, mas somente dezessete dessas, a acompanhou e formaram a Irmandade.

Conforme a informação da mãe-de-santo Elzita, ao longo dos anos morreram quase todas as suas irmã-de-santo, com exceção dela e mais outras duas. Entre essas duas irmãs-de-santo uma delas era a guia do terreiro desde a fundação - a dona Raimunda, mais conhecida como Diquinha e que se converteu a religião evangélica. A outra irmã-de-santo é bem mais idosa, se chama Oséas e durante os toques de Mina fica mais observando o movimento no barracão, mas, de vez em quando, ela dança em transe com entidade espiritual durante os toques. Oséas é mãe carnal de Antônia e Osana e que também são dançantes e filhas-de-santo de dona Elzita.

Figura 3- Oséas, irmã-de-santo de dona Elzita.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Oséas nos contou que nasceu em 12 de setembro de 1927 e conheceu dona Denira em Vargem Grande, lugar onde ela foi fazer alguns trabalhos. Nessa cidade, ela disse que só vivia doente, tinha o vício de bebida, perdia a noção das coisas e botava os filhos para correr de casa. Segundo ela, dona Denira começou a fazer um trabalho e ela melhorou de muita coisa e quando veio morar em São Luis, ela a procurou e ligou-se ao terreiro Nanã Borokô. Oséas entra em transe com Caboclo Serrador e Caboclo Ira, mas devido a sua idade avançada não dança nos toques de Mina.

Paralelo a estes acontecimentos naturais da condição humana, o grupo foi adquirindo novos membros e conta hoje com vinte filhas-de-santo que permanecem sobre o comando de dona Elzita, mas nem todas participam dos toques de Mina e outras obrigações que são feitas no terreiro – é o caso de Stênio²¹ que é o único filho-de-santo de dona Elzita. Por sua vez, Osana, em virtude de um problema na perna, nos dias de toques ela não dança e permanece sentada na varanda, mesmo em transe espiritual, mas em dado momento, durante o desempenho do ritual ela é levada a juntar-se ao grupo no barracão. Geralmente, nos toques de Mina dançam até treze filhas-de-santo e é comum a ausência de algumas por razões diversas. Uma característica notável que o grupo apresenta diz respeito aos laços biológicos entre quase a metade das dançantes que são mães e filhas de sangue. Mães e filhas cuidam umas das outras durante o momento que entram em transe com as entidades espirituais, pois algumas, às vezes, têm um transe agitado, perdem o equilíbrio e correm até risco de cair. Assim, a roda de dançantes é formada por mulheres que são bem mais que irmãs-de-santo, mas por vínculos tão fortes quanto as suas crenças.

Mãe	Filha
Elzita	Dinalva
Assunção	Lenilda
Ana Maria	Ana Raquel
Maria Rosa Pires (Miúda)	Cristiane
Oséas	Antônia e Osana

²¹ Stênio participa das atividades religiosas do terreiro, quando se realiza ritual de Cura e no Tambor de Borá. Ele também está sempre presente em outras festas em apoio a dona Elzita.

O perfil das dançantes e filhas-de-santo é heterogêneo se levarmos em conta a idade, pois se misturam gerações que representam senhoras com mais de sessenta anos, como dona Assunção, com mais três jovens, aparentemente recém-saídas da adolescência, iniciando o processo de inserção no grupo. Nesse sentido, a composição do grupo é diversa. No entanto, a projeção do terreiro de mãe Elzita vai mais além do Maranhão, pois ela tem filhas-de-santo em outros lugares do país que ocasionalmente comparecem ao terreiro para fazer obrigações com as entidades espirituais.

Dessas filhas, encontramos uma vez com Sandra que mora em São Paulo. Porém, dona Rôxa que é filha-de-santo de dona Elzita nos informou que viaja sempre a São Paulo, para encontrar com Sandra e fazer “obrigações” para as entidades espirituais. Segundo dona Rôxa, Sandra era filha-de-santo de dona Maria Côrrea – já falecida - que tinha um terreiro assentado em São Paulo por dona Elzita. Assim, após a morte de Maria Côrrea, Sandra preferiu manter o vínculo com dona Elzita a ter que abrir uma nova casa. Mas, já com Ildenir Freitas que mora em Rio de Janeiro, fizemos vários contatos, e por meio desses ela nos contou sobre a sua relação com dona Elzita e o modo como a conheceu:

Iniciei meus caminhos espirituais ligados a matriz africana, aqui no Rio de Janeiro em 1975. Terminei fazendo santo aqui no Rio por motivo de saúde, o que foi muito positivo. Mas sempre tendo uma relação muito forte com o povo da encantaria ao ponto de meu orientador espiritual sempre dizia que um dia eu teria que ir ao Maranhão buscar a minha história. Anos depois já em outra casa de santo pois, me afastei da casa onde me iniciei por não aceitar determinadas coisas e também por não concordar, fui dar obrigação de sete anos em outra casa na casa de Meninazinha de Osun e depois de algum tempo ela me chama e diz: que estava na hora de procurar as minhas raízes espirituais no Maranhão que era um povo que cobrava isso e que ela não sabia como lidar com isso mesmo sabendo que eu poderia ir a São Luís e me envolver tanto com a espiritualidade local que talvez eu ficasse definitivamente na encantaria. Resolvi então procurar os recursos maranhenses, já que a minha família por parte da minha mãe e avô eram ligados a encantaria. Meu avô que eu não conheci era abatazeiro da Casa das Minas e minhas tias frequentavam casa de Nagô e Mina. Mamãe tirava ladainha nessas casas todas e outras também. Era uma relação muito forte de família e eu tinha que cumprir meu caminho. Em 2003 resolvo seguir o conselho de minha mãe-de-santo, Mãe Naná (meninazinha de Osun) e vou para São Luís. Procuro tia Celeste na Casa das Minas e ela me convida para ir na festa do Divino Espírito Santo da Casa das Minas. Chego lá na festa e ela com aquele vozeirão me pergunta se eu já tinha me decidido sobre quem procurar para me tratar. Digo para ela que haviam me recomendado seu Euclides para me tratar na cura ela me olha bem firme e diz: como? Se você já se trata no candomblé no Rio de Janeiro? Candomblé por candomblé é melhor ficar onde está. Aí solta o mais importante.... Está vendo aquela senhora ali baixinha com a mão no queixo? Eu disse sim estou vendo ela diz essa é sua mãe de cura e encantaria e a

chama pelo nome. Eleita, venha aqui conhecer sua mais nova filha e me apresenta na hora a nossa mãe. Fiquei atônita e mãe Elzita mais ainda com aquele seu jeito humilde. Mais Celeste diz mãe Elzita essa moça de tão longe como vai ser? Ela diz, tia Celeste é toda sua. Pronto e foi assim que tudo começou. Fiz algumas obrigações quando tenho dúvidas ligo e falo com mãe Elzita e sempre que vou a São Luís, estou lá na Fé em Deus. Esse ano era até para ter ido na cura de D. Doralice (Rainha Troirinha²²), mas não deu por estar muito atarefada com a Casa do Maranhão, que hoje virou ponto de Cultura e eu sou a coordenadora do projeto e não tem como largar nesse momento. Mas vou tentar ir até o final do ano. Hoje não vou mais ao candomblé aqui no Rio, apesar de ter uma ótima relação com a minha mãe-de-santo, mas optei pela cura e encantaria e não sei fazer outra coisa espiritual que não seja ligada a nossa cultura religiosa maranhense e sou muito feliz por isso. (EM:18/06/14).

Sendo assim, o Terreiro Fé em Deus preserva as regras do Terreiro Nanã Borokô e por isso, não admite homens dançando nos rituais de Mina. No entanto, dona Elzita tem um filho-de-santo chamado Stenio que participa da Cura e do tambor de Borá.

As atividades ou obrigações realizadas no terreiro são:

Fevereiro - Tambor das Senhoras ou Princesas com Bancada realizada no período do Carnaval.

Abril - Tambor de Surrupira ou Fulupa (abertura dos toques de Mina) Tambor do sábado de Aleluia, quando ocorre a volta dos caboclos recebidos normalmente pelas dançantes.

Mai - Ritual da Cura da Rainha Troirinha, realizado a partir do dia 20, mas essa data pode variar. Segundo dona Elzita esta festa sempre foi realizada em mês de maio por ser o aniversário da entidade espiritual.

Junho - Batizado do boi de Surrupirinha e de Caboclo Velho no dia 29.

Julho - A Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo é a maior e mais onerosa atividade do terreiro porque é realizada juntamente com Bumba-boi dos encantados de Caboclo Velho e caboclo Surrupirinha e com toques de tambor de Mina.

Agosto – No dia 31 de agosto, até o ano de 2005, era celebrado o aniversário da entidade espiritual Jariodama, o guia espiritual de dona Diquinha e que até esse ano desempenhou a função de guia do terreiro. A homenagem era feita com toques de

²² Dona Doralice ou Princesa Doralice é a entidade espiritual que comanda a corrente astral recebida em toques de Mina que são realizados no período do Carnaval em mês de fevereiro. Esses toques são também chamados de tambor das Princesas, das Senhoras, Vodunsas e Rainhas. A Princesa Doralice ainda faz o que chamam de “girada” de contexto e vem como rainha Troirinha para fazer o Brinquedo de Cura em mês de maio.

tambor de Crioula para São Raimundo Nonato e também ofereciam um almoço. Dona Diquinha se converteu à religião evangélica e a festa de São Raimundo Nonato foi reduzida do calendário de atividades do terreiro e a partir dessa data, dona Elzita passou a oferecer um almoço e a rezar uma ladainha ao meio-dia para o santo. No entanto, dona Diquinha nos contou que mesmo afastada, ainda tem contato com Jariodama:

Pesquisadora: No calendário do Terreiro Fé Deus até mês de agosto de 2005, a senhora fazia a festa para São Raimundo Nonato, mas depois de sua conversão a religião evangélica, o que houve com seu encantado?

Diquinha: Eu não sei te explicar o que aconteceu, porque ele não deixa de passar e cantando sempre. Não sei.

Pesquisadora: Ele vem aqui?

Diquinha: Vem. Ele passa aqui! Eu tava conversando com Muidinha e ela me disse: “tia tu largou esse negócio, nunca mais eu tinha entrado aqui e a casa tá grande. Eu me lembro que a gente sentava ali debaixo da mangueira, era tanta bebida, tanta comida e tanto bolo. Jariodama é da luz. Não é da ruindade. Ninguém se queixa dele. Era uma “pessoa” legal.

Pesquisadora: Quando ele vem, fala alguma coisa?

Diquinha: Não. Só canta. Outro dia ele tava cantando assim: “Eu tava na beira da praia / De lá eu vi o “fama” (Surrupirinha) me chamar / Vem cá, vem ver / O céu, o mar/ É areia é luar”. Ele sempre tá cantando, cantando. Tinha vez que ele cantava e chorava.

Pesquisadora: Porque chorava?

Diquinha: Não sei. Acho que é porque terminei.

Pesquisadora: Gosta de você?

Diquinha: Eu acho que sim. Eu não tenho o que dizer dele. Dele não! Dona Vitorinha sempre ela “me dava” (castigo) atô por qualquer coisinha, mas ele não. O seu Surrupira como era, nunca eu me lembro que ele me judiasse.

Pesquisadora: Dona Vitorinha lhe judiava?

Diquinha: É qualquer coisa ela se zangava. Ela fazia uma coisa, botava uma corrente em mim que eu ficava um bocado de dias com aquilo e eu não gostava. (EM: 27/08/14).

Dona Diquinha ainda nos contou que: “tudo que ele canta é só dele. Não tem nada de ninguém. É como Surrupirinha e pessoa do tempo de Denira não pega nada dos outros”. (EM: 27/08/14). Segundo nos informou dona Diquinha o repertório de suas entidades espirituais era composto pelo: o caboclo Jariodama, dona Vitorinha e Indaim que vinham na mesma corrente, o rei Surrupira e um filho de Acóssi Abatá que ela recebia no Banquete dos Cachorros ou Obrigação de São Lázaro. Maria do Rosário Santos e Manuel Santos (1989, p.75-76) registraram esse ritual no terreiro de dona Elzita e descreveram sobre a importância dessa obrigação:

Esta é uma obrigação dedicada à corrente de Acossi, que é formada por espíritos geralmente pouco desenvolvidos. Na maioria das vezes eles não falam, não dançam, nem se levantam e, quase sempre, são doentes.

Tremem como se fossem epiléticos encaracolam os pés e as mãos e ficam bem encolhidos como se estivessem com muito frio, sendo necessário cobri-los com uma toalha. Todavia, estes problemas, vão desaparecendo, à proporção que os espíritos evoluem, vão progressivamente desaparecendo. [...]. Esta obrigação faz parte da festa de fundação do terreiro de Mãe Elzita, é voltada para os espíritos que necessitam de desenvolvimento e que representam os hansenianos.

Setembro - tambor de Borá, ou tambor de Índio é realizado nos dias 28, 29 e 30, até o dia 03 de outubro para homenagear ao Caboclo Ita.

Outubro - Cura da entidade espiritual Pedrinho é realizada desde 2003, sempre no terceiro domingo do mês de outubro é a festa mais recente do terreiro e acontece há onze anos. Essa festa é de responsabilidade de Maria Auxiliadora, mais conhecida como Rôxa, filha-de-santo de dona Elzita. No primeiro dia da festa, as atividades começam sempre a partir das 22 horas, com ladainha rezada em frente ao altar do terreiro. Nesse momento, dona Rôxa já estar quase pronta para entrar em transe com a entidade espiritual Pedrinho que é quem comanda as linhas de entidades que serão recebidas por dona Roxa. Por sua vez, no segundo dia pela manhã é oferecido um farto café da manhã aos presentes no terreiro e há muitas opções de bolos sucos e frutas. Ao meio-dia se faz a procissão pelo Sacavém com São Benedito e depois servem o almoço e as atividades são finalizadas com o tambor de Crioula para São Benedito e ainda, cantam os parabéns para Pedrinho com divisão do bolo e distribuição de lembranças.

Figura 4- Ritual de Cura para festejar o aniversário da entidade espiritual Pedrinho.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2013.

Dezembro - Festa de Nossa Senhora da Conceição com início no dia 04 e encerramento no dia 14. Na Festa de Nossa Senhora Conceição a casa celebra o aniversário de fundação do terreiro. Nesse mês tocam para e Santa Bárbara e Santa Luzia e fazem também, a obrigação de São Lázaro no dia 13; e ainda ensaiam uma peça teatral natalina, chamada O Pastor, na qual muitos membros da comunidade participam com personagens que representam o nascimento de Jesus.

A peça é um dos mecanismos que dona Elzita utiliza para unir ainda mais o grupo do terreiro, porque todas as dançantes participam cada uma de forma diferente para a realização da peça. Algumas costumam roupas para as personagens, há quem colabora com recursos para a compra de materiais e também aproxima as crianças e jovens dos mais velhos. Os atores da peça são netos de algumas dançantes do terreiro, mas a maioria dos participantes é jovem e criança. Há também muitas pessoas que fazem parte do espetáculo e moram nas proximidades do terreiro e participam apenas pelo aspecto religioso do nascimento de Jesus. Os ensaios começam no início do mês de outubro e quando chega o mês de dezembro, o grupo participa de atividades culturais fora do terreiro. (AIRES, 2008).

O Terreiro Fé em Deus é uma casa matriarcal, semelhante às duas casas-mães de São Luís a Casa das Minas e a Casa de Nagô. No entanto, foi da Casa de Nagô que saíram os terreiros de tambor de Mina no Maranhão. Conforme aponta o estudo de Santos e Santos (1989, p. 225), os nagôs trouxeram para o Brasil suas tradições e seus costumes, suas estruturas hierárquicas no plano secular e religioso, seus conceitos filosóficos e estéticos, sua língua sua música, literatura oral e mitologia. Acima de tudo, trouxeram para o Brasil sua religião. No estudo de Dantas (1988, p. 33) sobre os nagôs²³ em terreiros de Alagoas, a autora afirma existir uma “oposição entre terreiro de nagô e terreiro de caboclo”, considerando que o primeiro busca enfatizar o culto para as entidades africanas, enquanto que o segundo cultua entidades brasileiras (indígenas).

No Maranhão, a antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000), constatou que as entidades caboclas ocupam posições de menor status no sistema de crenças em um terreiro de Mina de São Luís. No entanto, no Terreiro Fé em Deus, esta é a

²³Segundo Beatriz Dantas (1988), o termo Nagô no Brasil foi aplicado coletivamente a diversos grupos vinculados por uma língua comum e que teriam chegado ao Brasil nos fins do século XVIII e início do XIX, concentrando-se nos Estados do Norte e Nordeste, particularmente em Salvador e Recife.

principal categoria de entidade espiritual com as quais as dançantes do terreiro entram em transe durante os toques de Mina. Os fundamentos e preceitos religiosos são de “raiz” segundo dona Elzita, mas as dançantes recebem em transe espiritual os seus caboclos.

A área do terreiro é pequena, em comparação aos terreiros mais antigos, como a Casa das Minas. Mas, nos últimos tempos, o espaço recebeu algumas melhorias na estrutura como um todo, pois fizeram um novo telhado e um novo piso de cimento pelo quintal que facilita mais a limpeza e, principalmente, em festas movimentadas como a Festa de Senhora Sant’Ana e Divino Espírito Santo. Outra melhoria foi à aquisição de um filtro grande que serve água gelada à vontade.

O espaço é dividido entre o barracão onde realizam os rituais públicos; a varanda onde dona Elzita recepciona as pessoas que lhe visitam ou os que buscam atendimento espiritual; o péji onde ela guarda seus objetos sagrados e, também, todos os trabalhos produzidos por pesquisadores sobre o seu terreiro; uma copa com uma mesa grande, onde há sempre pessoas conversando e tomando café; uma cozinha interna e outra externa; e mais de cinco quartos que são ocupados por pessoas que participam do grupo do terreiro. Dentro dessa área, também há, a casa de dona Elzita que em dias de festa serve para hospedar visitantes.

Figura 5- Cozinha de apoio onde cozinham a lenha em panelas de ferro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

O espaço do terreiro revela o cotidiano das pessoas que fazem parte do grupo e colaboram com as atividades desenvolvidas nos dias de festa. Assim, o desempenho de algumas funções para a realização das atividades é fundamental e

dona Elzita conta com o apoio de uma estrutura familiar e com muitos amigos. Nos toques de Mina, os tocadores ou abatazeiros²⁴ são os netos, o genro e alguns amigos que comparecem e pedem para tocar.

As cabaças são disputadas por crianças que também tocam e consideram o instrumento um brinquedo. Nos dias de toques, na copa sempre há um cafezinho para os convidados e às vezes, servem lanche que pode ser café com bolo ou mingau de milho.

Figura 6- Dona Lele desempenha a função de quarteira.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Dona Leonildes, mais conhecida como Lele é a responsável pelo péji. Ela é uma das poucas pessoas que podem entrar no “quarto” sem restrição e pegar objetos ritualísticos, depois de dona Elzita e de Assunção, a atual guia do terreiro. Em conversas ocasionais ela nos disse que não dança nos toques de Mina, mas servir as entidades do terreiro é a sua parte na obrigação. Uma dessas obrigações é

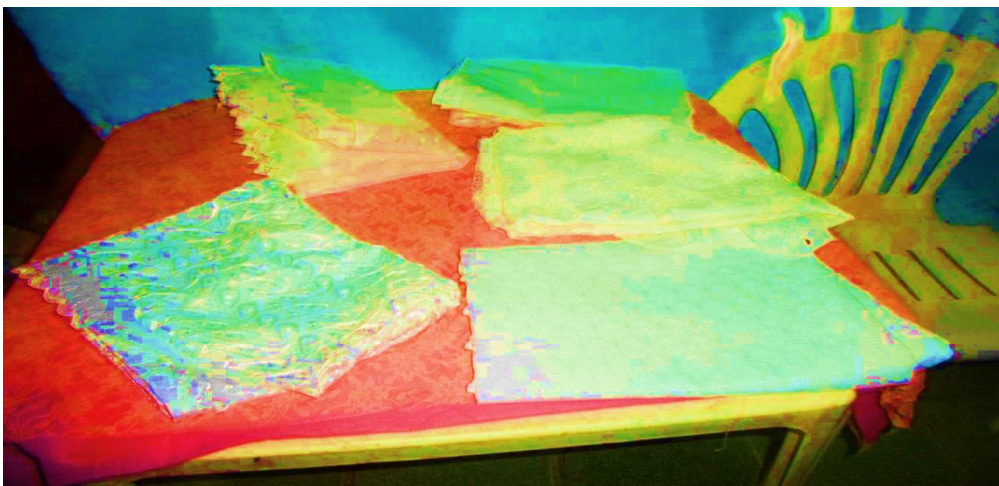
²⁴ Não são todos que tocam em dias de tambor. Seu Diolindo é o mais velho e é vizinho do terreiro; Francinaldo é irmão de Iraneide que toca ferro; Emanuel é neto de dona Elzita e filho de Dina, filha carnal de dona Elzita; Zé Raimundo toca mais na Cura e no tambor de Borá é irmão de duas dançantes e filhas-de-santo de dona Elzita que se converteram a religião evangélica e os outros são Geceanderson e Chiquinho, ambos cresceram no terreiro e são considerados netos de dona Elzita.

ser madrinha perpétua da Tribuna e todos os anos, dona Lele oferece a Tribuna para a Corte em destaque na Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo que é realizada no terreiro. A representação da Tribuna segue conforme a orientação que dona Elzita recebe das entidades espirituais. Atualmente, dona Lele não serve mais lanche para as pessoas que assistem aos rituais, devido a sua saúde fragilizada e essa função quem desempenha agora é Chiquinha que dança na Cura.

O ferro é tocado por duas pessoas e uma delas é Lindinalva, filha carnal de dona Elzita e Iraneide Sousa da Silva que juntamente com seu irmão Francinaldo Souza da Silva estão sempre presentes nos toques de Mina. Ela toca o ferro e ele o tambor. São filhos carnais de Francisca de Sousa Silva, irmã-de-santo de dona Elzita falecida no ano de 2013. Dona Francisca era filha-de-santo de seu Biná que após a morte de dona Denira foi viver com uma de suas filhas-de-santo, a dona Maria dos Remédios.

Eles abriram um terreiro e dona Francisca ficou dançando Mina com eles por muitos anos. No entanto, de acordo com a sua filha Iraneide, com o passar do tempo, dona Francisca pediu para seu Biná falar com dona Elzita, sobre o desejo que ela tinha de frequentar o Fé em Deus e então, após seu pai-de-santo conversar com dona Elzita, ela passou a frequentar o terreiro e seus filhos a acompanhavam sempre. Mesmo quando ela deixou de dançar por causa da saúde fragilizada, os dois irmãos sempre participam dos toques de Mina, cada um desempenhando a sua função.

Figura 7- Toalhas das entidades espirituais.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Nos toques de Mina quando a dançante incorpora a sua entidade espiritual ela recebe uma toalha das mãos de Conceição que também toca ferro e faz a purificação do ambiente do terreiro com fogareiro de incenso. Cada dançante leva a sua toalha que é sempre na cor branca e feita com tecido variado que pode ser cambraia bordada, crochê ou simplesmente de um tecido brocado.

O modo como a dançante a utiliza indica com qual entidade ela entrou em transe. Geralmente, quando os toques são para receber as entidades espirituais femininas as dançantes comparecem ao barracão, perfumadas e com penteados bonitos e quando entram em transe com a sua entidade espiritual, a toalha é presa por cima da roupa na altura do colo. No entanto, quando entram em transe com os caboclos as toalhas são amarradas na cintura. Conceição ou Concita, segundo nos falou dona Elzita é uma pessoa muito observadora e por isso, nos disse que quando quer saber de alguma coisa acontecida durante o tempo em que esteve em transe, ela sempre pergunta a ela, pois tem certeza que ela vai lhe contar o que mais se parece com o ocorrido.

2.2 A Mãe-de-santo Elzita

De acordo com dona Elzita, a sua inserção na religião do tambor de Mina está relacionada com a sua mediunidade que se manifestou ainda na infância em um ritual de Cura. Segundo os seus relatos, aos dez anos de idade²⁵, ela foi com a sua tia Filomena, visitar o terreiro de dona Maria Domingas, que ficava localizado no bairro João Paulo em São Luís (AIRES, 2008). Lá realizavam um ritual de Cura no qual, ela teve o seu primeiro transe com a entidade espiritual Rainha Troirinha.

Dona Maria Domingas, conforme nos informou dona Elzita, teve uma participação na sua iniciação religiosa na parte da Cura, pelo fato dela ter “caído” em sua casa e durante esse período, ela afirma que também entrou em transe com a entidade espiritual que considera o dono da sua cabeça ou crôa, o Caboclo Velho. A Cura é um ritual realizado em muitos terreiros de tambor de Mina no Maranhão conforme registra o estudo de Mundicarmo Ferretti (2000, p. 226) sobre o tema:

Cura é um ritual público e festivo da pajelança cabocla do Norte realizado em muitos terreiros de São Luís, onde o Pajé (ou Curador) incorporando

²⁵ Dona Elzita nos falou que nasceu em 16 de janeiro de 1934.

entidades espirituais de diversas linhas canta dança e toca maracá durante a noite toda. Na Cura o pajé é acompanhado pela assistência (que canta e bate palmas), por tocadores de pandeiros e de outros instrumentos musicais e “dá passagem” (em transe de pequena duração) a grande número de entidades espirituais.

Mas, foi com dona Denira que ela iniciou a sua vida no tambor de Mina e também com o marido desta, o pajé Biná²⁶ que fez o seu encruzo na Cura.

No Terreiro Fé em Deus, o ritual de Cura, faz parte das obrigações porque, segundo dona Elzita: “comecei na Cura, mas me registrei na Mina”. No terreiro de dona Elzita, todos os rituais públicos obedecem a uma dinâmica e sempre começam com a ladainha em latim, realizada no barracão em frente ao altar, com a purificação do ambiente com fogareiro de incenso e acrescentam ainda as imagens de santos, flores, um cuidado especial com a vestimenta que deve sempre ser muito bem lavada e passada.

Figura 8- Ritual de Cura da entidade espiritual Rainha Troirinha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

²⁶ Conforme nos informou dona Elzita, seu Biná era o apelido de Barnabel, marido de sua mãe-de-santo.

Quando acontece o ritual de Cura no Terreiro Fé em Deus é para comemorar o aniversário da entidade espiritual, Rainha Troixinha que é chefe da linha de Cura. Nesse dia, geralmente, aos vinte e dois dias do mês de maio, dona Elzita recebe Rainha Troirinha fora do barracão que nesse momento, se transforma em salão.

Além disso, conforme dona Elzita nos falou o ritual de Cura é também: “é para dar passagem às outras entidades espirituais que ficam cantando por aí” ou “entidades espirituais estrangeiras”. Na Cura, são recebidas geralmente as entidades espirituais que não participam efetivamente do sistema de crença cultuado no terreiro. Mas, sempre passam também na linha de Cura, o dono da casa, a entidade espiritual Caboclo Velho e o guia do terreiro, o caboclo Surrupirinha.

Figura 9- Altar do Terreiro Fé em Deus preparado com elementos do ritual de Cura.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Além disso, há também uma vela acesa no altar e os instrumentos tocados pelos participantes são: as matracas, pandeiros e os tambores²⁷ e as pessoas participam batendo muitas palmas.

Dona Elzita usa pelo menos três vestidos nos dois dias do ritual de Cura. No primeiro dia, a abertura do ritual, geralmente ocorre depois das dezoito horas.

²⁷ Os tambores de Mina são retirados do barracão e dão lugar ao tambor da mata que é bem maior e é tocado em posição vertical.

Ela usa um vestido branco e por cima deste, amarra duas fitas de cetim cruzadas nas costas, nas cores branca e verde.

O ritual começa com dona Elzita recebe em transe espiritual a Rainha Troirinha que faz a abertura das atividades e abre passagem para linhas de entidades espirituais por mais de duas horas. No entanto, ela também abre o espaço para seis de suas filhas-de-santo que tem mediunidade para entidades da linha de Cura e precisam participar em transe com suas entidades espirituais.

Ao entrar no salão ela se ajoelha em frente ao altar que foi todo preparado com objetos que serão utilizados durante o ritual. Esses objetos são: o penacho, o maracá, cigarros de ervas preparados por pessoas da casa, pequenos vidros com óleos²⁸ e também flores de plástico para enfeitar, jarro com plantas naturais, imagem de santos, um copo cheio d'água e outro com vinho.

Depois de quase duas horas ela se retira do salão/barracão e faz a troca de roupa e em seguida, se apresenta usando um vestido cor-de-rosa. Ela passa a assistir o desempenho de suas filhas-de-santo sentada em frente ao altar e participa menos. Cada uma das brincantes entra em transe com várias linhas de entidades espirituais até, aproximadamente, às três horas e trinta minutos da madrugada, quando encerram a primeira parte da festa de Rainha Troirinha.

No dia seguinte, a parte final do ritual de Cura começa bem mais cedo; às dezessete horas o terreiro fica cheio, pois ainda virão muitas linhas de entidades espirituais, entre essas, as cobras e, também, há o momento “brinquedo”, quando formam uma roda com crianças no meio do barracão/salão e Elzita/Troirinha brinca com uma boneca muito bonita vestida de rainha. Ela compartilha a boneca com todas as crianças da roda e cantam assim:

Vamos meninas brincar
Vamos formar um brinquedo meninas
Na praia do Guajará (?)

Após esse momento, ela se dirige a varanda e as pessoas que estão presentes cantam os parabéns pelo seu aniversário. Há a participação de todo o grupo do terreiro e também de quem assiste o ritual, conforme descreve o estudo de

²⁸ Já observamos que antes da incorporação com a entidade espiritual, uma assistente retira esses vidros com óleo do altar e passa em algumas partes do corpo da brincante. O óleo é passado em forma de cruz na testa, na nuca, no colo e nas articulações de braços e joelhos.

Mundicarmo Ferretti (2000, p. 228) quando observou Cura em terreiro de Pai Euclides:

Ao contrário do que ocorre no Tambor de Mina, na Cura as pessoas da assistência além de participarem do ritual, cantando e batendo palmas, podem sair do seu lugar para cumprimentar as entidades espirituais recebidas pelo pajé, e muitas aproveitam aquela oportunidade para pedir a elas remédio ou para solicitar sua proteção.

Nos toques de tambor de Mina dona Elzita e suas filhas-de-santo usam saias em cores variadas de tecido cetim, mas a blusa é sempre branca e de brocado. O branco é uma cor usada para abrir os toques de Mina é uma cor presente em todos os rituais e no Terreiro Fé em Deus as dançantes sempre usam vestimentas brancas, mesmo que seja somente uma peça do vestuário. A cor preta é um tabu e não aparece nos rituais públicos.

Dona Elzita tem um número de entidades espirituais com as quais ela entra em transe em seu terreiro que constitui um repertório organizado hierarquicamente nas práticas rituais do Terreiro Fé em Deus. O seu desempenho religioso pode ser observado quando ela entra em transe nos toques de Mina com: Caboclo Velho, que é o dono da casa, mesmo presente ele pouco se manifesta. Surrupirinha, é o mensageiro do terreiro e entidade espiritual responsável por tudo que se faz na casa. Ele é o mensageiro, o guia espiritual do terreiro e a Princesa Doralice, quando vem como guia de frente das entidades espirituais femininas recebidas no terreiro. A Princesa Doralice é chefe da corrente das Princesas nos toques de Mina, que são denominados no terreiro, de Tambor de Princesas, de Rainhas, de Senhoras, de Tobóssis e de Vodunsis. Na Cura, a Princesa Doralice vem como Rainha Troirinha, que é a chefe dessa corrente, o Caboclo Velho faz uma breve passagem nesse ritual e Surrupirinha também. Porém, no tambor de Borá, ela recebe Caboclo Velho e Surrupirinha que sempre participam de tudo dentro da casa.

Figura 10- Altar de São Miguel para o tambor de Borá.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2013.

O tambor de Borá, também denominado de tambor de Índio tem Caboclo Ita como chefe da corrente. É um ritual realizado no mês de setembro em homenagem às entidades espirituais da corrente indígena que tem São Miguel Arcanjo como “patrono”. Esse ritual é realizado em duas etapas: uma privada e outra pública. A parte privada é realizada no mar, com dona Elzita e suas filhas-de-santo. Até cinco anos atrás, dona Elzita fazia um retiro em um sítio, alguns dias antes da parte pública que acontece no barracão, com os toques dos tambores nos dias 28, 29 e 30 do mês de setembro (AIRES, 2008). No entanto, atualmente ela faz esse retiro dentro do próprio terreiro, devido às dificuldades de saírem por causa da idade avançada de algumas dançantes ela só faz as obrigações no mar.

As obrigações com as entidades espirituais realizadas no mar, conforme ela nos falou são feitas em praias diferentes e indicadas pelas próprias entidades (Caboclo Velho e Caboclo Ita) e como se trata de obrigações secretas, estas devem ser realizadas logo nas primeiras horas da manhã e, geralmente, acontece em um dia, a partir da segunda quinzena do mês de setembro. (AIRES, 2008).

Consideramos necessário compreender um pouco da história do contexto religioso do Terreiro Fé em Deus, sobre a religiosidade de mãe Elzita para entrarmos em uma discussão importante, a partir da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino

Espírito Santo. Dessa forma, descrevemos os ciclos dessa festa que envolve toda à comunidade do terreiro.

3 A FESTA DE SENHORA SANT'ANA E O DIVINO ESPÍRITO SANTO EM 2013

Figura 11- Convite ou “a Carta” para a Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo em 2013.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2013.

Eu nunca deixei dona Elzita sozinha. Ai diziam que eu era esfoameado por causa de tambor, mas eu era responsável com minha obrigação. (Surrupirinha – guia espiritual do Terreiro Fé em Deus)

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a etnografia do conjunto de rituais da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo realizada no Terreiro Fé em Deus²⁹, a partir do calendário dessa festa, com destaque para o ano de 2013, mas comparando com outros anos em que acompanhamos esse evento.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação religiosa de origem portuguesa conforme apontam alguns estudos, chegou ao Brasil por meio da colonização portuguesa (LEAL, J, 1994; FERRETTI, S., 1996; SANTOS; SANTOS NETO, 1989). Nas diversas localidades do Maranhão é uma festa realizada o ano inteiro, tanto em terreiros de culto afro, como por devotos do Divino Espírito Santo e

²⁹ Para fazer essa festa no Terreiro Fé em Deus, dona Elzita solicita algumas autorizações ou licenças, junto aos órgãos do governo Municipal Estadual que representam a: Delegacia de Costumes e Diversões Públicas, a Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação – SEMURH/BLITZ URBANA, Secretaria de Municipal de Trânsito e Transportes - SMTT SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente – SEMMAM.

consiste em momentos de representação de papéis que expressam dimensões da vida religiosa e festiva. O estudo de Mundicarmo Ferretti (2000, p. 241) pontua que em São Luís do Maranhão essa festa é realizada na “Casa das Minas e Casa de Nagô no Domingo de Pentecostes e, nos outros terreiros, naquela data ou na época de sua festa grande”.

No Terreiro Fé em Deus – casa de mãe Elzita – a Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, acontece no mês de julho. É uma festa realizada por dona Elzita, mas com a ajuda de muitas pessoas vinculadas ao terreiro e que colaboram para que ela possa cumprir essa “obrigação” herdada de sua falecida mãe-de-santo, a dona Denira que recebia em transe, a entidade espiritual Vó Missã. Dona Denira, também era muito católica, devota de santos e quando era viva fazia homenagens à Nossa Senhora Sant’Ana, mas conforme nos relatou dona Elzita, foi Vó Missã que pediu à dona Denira que fizesse a festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo. Assim, dona Elzita cumpre essa obrigação de dona Denira desde a fundação do terreiro.

Nessa ocasião, as atividades religiosas que compõem esse evento, constituem rituais públicos e privados que são organizados desde o mês de abril com a abertura da Tribuna³⁰, no domingo de Páscoa, e são encerradas com o Derrubamento do Mastro em mês de julho, conforme observa o estudo de Sérgio Ferretti (1996, p. 134/167):

Constitui um ciclo ritual específico realizado em muitos locais do Maranhão. [...] Podemos subdividir esse ritual em seis etapas: a abertura da tribuna, o buscamto e o levantamento do mastro, que são fases preparatórias, e, ainda o dia da festa, a derrubada do mastro e o encerramento. Trata-se de um ritual popular de devoção ao Divino Espírito Santo, relacionado com o dogma da Santíssima Trindade e com o episódio da Ascensão de Jesus Cristo e a sua manifestação aos apóstolos, em Pentecostes. De acordo com o calendário litúrgico da Igreja, a Ascensão ocorre quarenta dias após o domingo da Páscoa, caindo, portanto, sempre nua quinta-feira. Dez dias após a Ascensão é o domingo de Pentecoste.

A abertura da Tribuna realizada ano dia 31/03/2013, Domingo de Páscoa mobilizou quase todas as pessoas do terreiro. Os preparativos para esse evento começaram logo cedo, com filhas-de-santos a cuidar de alimentos para o almoço,

³⁰ Segundo Sérgio Ferretti (1996, p.170) a abertura das tribunas é feita num domingo após o Sábado de Aleluia. Na sala grande ao lado do altar, onde se amarram os tronos para se sentarem as crianças que vão representar os imperadores e mordomos, colocam-se alguns símbolos do Divino. Durante a festa, sentam-se as caixeiras para saudá-lo.

outras limpavam toda a área do terreiro e algumas cuidavam das roupas que seriam usadas pela Corte na abertura da Tribuna e outros detalhes.

As caixeiras eram esperadas para chegar ao terreiro um pouco antes do meio-dia, o horário em que nesse lugar se costuma fazer a abertura da Tribuna. E não demoraram elas chegaram antes da hora combinada. Dona Luzia, a caixeira régia juntamente com mais seis ou cinco caixeiras, começou logo a abertura. Mas antes, ela perguntou à dona Elzita: “É com Sant’Ana ou com o Divino Espírito Santo?” E dona Elzita respondeu: “É com o Divino Espírito Santo!”. Em seguida, a Côrte se apresentou em frente ao altar do barracão e as caixeiras iniciaram os toques de caixa com cânticos³¹ de abertura que são louvações para o Divino Espírito Santo e Senhora Sant’Ana.

A Côrte é composta por Rei e Rainha, Dama e Vassalo, Bandeireiro e Mestre-sala, Juiz, os anjos e as bandeirinhas na cor verde, rosa, branco e mais a cor da marcação da festa que foi a cor azul. Após alguns minutos, a Côrte deixou o barracão e foi para a varanda onde dona Elzita aguardava com as imagens de Sant’Ana e a Pomba do Divino; ela cantou as louvações ao Divino junto às caixeiras. Em seguida, ela recebeu um vasilhame cheio de pétalas de rosas e as jogou sobre à Côrte e às caixeiras. Nesse momento, ela emocionou-se e foi amparada pelo neto. Os cânticos continuaram e dona Elzita entrou em transe com princesa Doralice e começou a cantar:

Olhem para o céu
E vejam quanta luz divina
Olhem para o céu
Olhem para o mar
Que a estrela é a luz que ilumina.

Depois dessa doutrina, dona Elzita saiu do transe e todos ficaram em silêncio. Em seguida, as caixeiras recomeçaram as louvações ao toque das caixas e enquanto isso, a guia do terreiro, dona Assunção servia para dona Elzita, água retirada do peji e depois uma xícara com chá de erva cidreira. Quando ela se recuperou do transe, começou a chorar e a pedir desculpas para as caixeiras, mas algumas lhe consolaram e falaram que ela não tinha culpa disso. Na sequência,

³¹ Esses cânticos de abertura segundo dona Jaci que é caixeira-mór são chamados de cânticos de “três pancadas” e começam assim: “Nas horas de Deus amém” e depois improvisam os versos restantes.

todos voltaram ao barracão e iniciaram a ladainha que é sempre rezada em latim e ainda cantaram para Senhora Sant'Ana. No final da manhã, o almoço foi servido para a Côrte.

O almoço foi oferecido à Côrte na copa do terreiro como todas as refeições. Porém, esse almoço é muito especial, pois primeiro servem à Côrte que come ao toque das caixeiros. Sobre a mesa, durante o almoço ficam as imagens de Sant'Ana e do Pombo em referência ao Divino Espírito Santo. O que se come é uma variedade de alimentos, principalmente, de carnes que são preparadas assadas e cozidas. Há outros acompanhamentos como: as saladas de legumes, as tortas de frangos e camarão, as farofas, muito arroz e macarrão. Os alimentos são servidos com muita fartura, pois além do boi e do porco que são abatidos nessa ocasião, cada membro da Côrte, possui um padrinho e através deste, colabora com produtos que podem ser diversos e também necessários a preparação do almoço.

É importante ressaltar que essa festa possui aspectos diferenciais que lhe confere múltiplas dimensões. Assim, quando é realizada em terreiros de tambor de Mina, relaciona-se a algum santo do sistema de crença cultuado pelo grupo religioso; em casas particulares tem uma forte relação com promessa feita ao Divino Espírito Santo por algum devoto; e por tradição, como é o caso da cidade de Alcântara no Maranhão.

Mesmo realizada em ambientes diferentes e com interesses distintos, é uma festa que possui elementos comuns, independentemente de onde quer que ela aconteça, pois é um momento de participação social em que podemos observar manifestações de fé, de misticismo, de brincadeiras, de renovação e alianças entre os homens. Essa “multiplicidade de coisas sociais” que Marcel Mauss (2003, p. 187) definiu como “fato social total” em que nessas ocasiões:

Exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas - estas supondo formas particulares de produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos estéticos que delas resultam esses fatos e esses fenômenos que essas instituições manifestam.

Ao longo de dez anos, acompanhamos essa festa no Terreiro Fé em Deus, mas observamos de forma sistemática nos anos de 2012 e 2013, assistindo todas as etapas que ela compreende e também algumas etapas em 2014.

No ano de 2013 teve a seguinte programação: dia 21/07/13 Levantamento do Mastro às 17 horas, dia 24/07/13 visitas dos impérios, 26/07/2013 missa³² com cerimônia dos Impérios às 08 horas, dia 27/07/13 Derrubamento do Mastro às 17 horas e no dia 28/07/13, com Matança dos bois-de-encantados às 17 horas. Essa programação católica anualmente realizada desde a fundação do terreiro em dezembro de 1966.

A Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus, como acontece em outros terreiros, possui uma relação muito forte com a religiosidade afro, (FERRETTI, S., 1996, p. 169), pois também são realizados os toques de tambor de Mina para as entidades cultuadas no terreiro para que participem desse ciclo de rituais. No Terreiro Fé em Deus, esse ciclo constitui um período que se renova conforme temos observado no decorrer da pesquisa. A cada ano da festa, a representação da Tribuna destaca uma entidade espiritual cultuada no sistema de crença do terreiro que evidencia a entidade espiritual que “reina” nos toques de tambor de Mina. Essa entidade espiritual que se destaca na Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, a cada ano é definida nos toques de Mina realizados no mês fevereiro para receber entidades espirituais femininas como: as princesas ou meninas e rainhas ou vodunsas. Dona Elzita nos contou que:

Quando Surrupirinha fez o terreiro ele ganhou um pé de rosa. Primeiro ele cantou rosa por causa da Tribuna. Ai ele cantou branca, azul que foi pra Nossa Senhora da Conceição. Ai ele cantou amarelo por causa de São Miguel Arcanjo. Ai ele cantou verde que é por dona Doralice e vermelha que é por ele mesmo. Quando ele fez o terreiro ele ganhou um pé de rosa que foi a ordem que ele recebeu. Ele plantou a rosa que virou jardim. O jardim forma as entidades e cada uma tem uma cor. Uma “marcação”. (EM: 19/08/2014).

Nesse período, os toques de Mina começam no sábado de Carnaval e encerram na quarta-feira de Cinzas com ritual da Bancada³³ com uma farta

³² Desde a fundação do Terreiro Fé em Deus, missa do dia 26 de Julho era sempre realizada na Igreja de Sant'Ana que se localiza no centro de São Luis na Rua de Sant'Ana. No entanto, em 2013 o padre dessa igreja não aceitou realizar a missa em homenagem à santa, a pedido de pessoas de casa de culto afro. Assim, a missa foi realizada no dia de Sant'Ana em uma capela do bairro Sacavém, bem próximo ao Terreiro Fé em Deus, pelo frei Almir.

³³ Segundo o pai-de-santo Jorge I. Oliveira (1989, p.42), a Bancada ou Arrabam, a “sua origem perde-se na memória dos tempos e essa cerimônia ocorre quando as princesas vêm ao mundo convidar os voduns ou orixás para as suas viagens da época de Quaresma”. A Bancada consiste na distribuição de frutas e doces para as pessoas que comparecem ao terreiro na Quarta-feira de Cinzas. Comenta-

distribuição de frutas, doces, paçoca, côco torrado, feijão branco cozido, cocadas e bolos.

Figura 12- Bancada no Terreiro Fé em Deus em 2014.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Assim, dona Elzita diz que:

Se por acaso a dona Doralice marcar uma Bancada, todo mundo sai de verde como já foi outras vezes, porque a Tribuna já veio pra ela. A festa de Sant'Ana é de Sant'Ana, mas ela já "girou" e colocou a corrente na parte de Sant'Ana. (ENTREVISTA EM: 20/06/13)

Geralmente, a marcação é identificada pelas cores e pela simbologia presente no espaço do terreiro, com destaque para Tribuna e os elementos observáveis no altar que agrega objetos, manipulados durante algumas etapas da festa. A Tribuna é o lugar de toda a Corte, mas com destaque para a entidade espiritual que estiver "reinando" e a sua "marcação" é notável pelos "paramentos" e pela representação simbólica das demais atividades religiosas realizadas no terreiro durante a festa. Conforme a fala de mãe Elzita é na Bancada que se define a configuração da Tribuna e cada membro da Corte, é uma representação³⁴ de

se que em São Luís que poucos terreiros fazem esse ritual que ainda pode ser visto na casa de dona Elzita.

³⁴ Se a Tribuna é para Princesa Doralice, a marcação que reina na festa é uma de suas representações.

entidades espirituais cultuadas no sistema de crença do terreiro, com exceção da rainha de promessa³⁵ que é feita por devotos de Sant'Ana. É uma forma de demonstrar fé e fortalecer os vínculos com a casa, pois quem fez promessa à santa pode participar da festa. Clifford Geertz (1989, p. 95) pontua que:

Um conjunto de símbolos sagrados, tecido numa espécie de todo ordenado, é o que forma um sistema religioso. Para aqueles comprometidos com ele, tal sistema parece mediar um conhecimento genuíno, o conhecimento das condições essenciais, nos termos nas quais a vida tem que ser necessariamente vivida.

Em 2012, conforme se mostrou o ciclo festivo a simbologia religiosa e outros elementos da festa destacou a marcação com referência ao Rei Sol e todo ambiente foi decorado na cor amarelo.

No ano de 2013, a marcação dos toques de Mina que observamos na Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo destacou as princesas que têm como entidade de frente, a Princesa Doralice³⁶. A cor em evidência foi o azul celeste e todo o terreiro foi decorado da mesma cor, pois essa marcação, conforme se diz no terreiro é “da corrente astral e as princesas vem do alto”, então, a cor azul predominou em todos os elementos simbólicos do ciclo festivo nesse ano.

Vale lembrar que mencionamos acima, o fato de acompanharmos esse ciclo de festa ao longo de alguns anos. Mas, destacamos o Buscamento do Mastro como momento mais festivo e faremos uma descrição das nossas observações do último ano em que acompanhamos essa etapa do ciclo no dia 21/07/13 comparando essa etapa da festa com anos anteriores, tendo em vista que, no ano de 2013 houve algumas alterações em relação aos últimos dez anos em que acompanhamos esse evento, principalmente, em relação à mobilização de recursos, interesses e localização.

³⁵ Neste ano a rainha de promessa era de Margarida, filha-de-santo de dona Elzita.

³⁶ Princesa Doralice é a Rainha Troirinha quando vem como curadora nos rituais de Pajelança ou Cura que são realizados em mês de Maio no Terreiro Fé em Deus.

3.1 Buscamento do Mastro 21/07/14

Figura 13- Entrega do Mastro em casa de dona Celeste no bairro Radional.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Segundo o estudo de Sérgio Ferretti (1996, p.167), dona Celeste da Casa das Minas, “considera o mastro como um símbolo da árvore onde pousou a pomba do Divino no dilúvio”. No terreiro de dona Elzita, o Mastro para a Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito é oferecido por pessoas ligadas à dona Elzita por laços de amizade e que organizam recursos entre si para ajudá-la a cumprir essa parte da festa e que também é uma “obrigação” da casa. Segundo nos informou uma pessoa³⁷, participante dessa associação, o grupo começou com nove membros e por isso, se autodenomina de Grupo dos Nove, apesar de possuir mais que nove membros, pois há mais pessoas que colaboram com o grupo por fé, admiração, promessa e amizade.

O Mastro tem um padrinho que é escolhido por sorteio, entre os participantes do Grupo dos Nove e o sorteado, assume a liderança em muitas atividades relativas ao Buscamento. Mas, o padrinho conta com a colaboração e apoio dos outros membros do grupo, pois a sua função consiste em desempenhar muitas tarefas que sozinho, o padrinho sorteado, certamente não conseguiria cumprir. Santos e Santos Neto (1989, p. 97) pontuam que:

³⁷ Daniel é marido de Maria Rosa, mas conhecida por “Miúda” e que é filha-de-santo de dona Elzita.

A doação do mastro, via de regra é de inteira responsabilidade dos padrinhos, podendo estes arcar com as despesas desde o abatimento da árvore, na mata, até a sua condução festiva para o terreiro da festa e seu solene levantamento. Antes de tudo isso, o mastro já deve ter sido lavrado, ou seja, descascado, para facilitar sua condução nos ombros dos carregadores. A árvore deve ser grande, medindo 6 a 7 metros, e também resistente, para evitar a queda no ato do levantamento.

No Terreiro Fé em Deus, o padrinho do Mastro conta com o apoio do Grupo dos Nove e se responsabiliza pela tarefa de preparar e enfeitar com folhas de murta, também oferecer bebida para às pessoas que vão carregar o Mastro pelas ruas do bairro, trazer uma banda de música para animar o povo que acompanha o movimento, providenciar frutas³⁸, mandar fazer camisetas e crachás de identificação dos associados, entre outras atividades, como: fazer a perfuração do local³⁹ onde o Mastro vai ser levantado, comprar foguetes, alimentos, etc.

Por isso, o Grupo dos Nove organiza-se com antecedência e realiza reuniões mensais⁴⁰ para discutir sobre a função de cada participante, principalmente, no aspecto financeiro, pois o Buscamento do Mastro mobiliza uma grande quantidade de pessoas e o Grupo dos Nove tem a responsabilidade de oferecer ao terreiro o Mastro com todas as demandas que o momento exige, principalmente bebida e comida, pois após as atividades do Buscamento, um jantar é oferecido para as pessoas presentes no terreiro.

Durante os anos em que acompanhamos essa etapa da Festa, até o ano de 2012, o Mastro era preparado em um pequeno terreiro de Mina localizado no bairro Santo Antônio onde mora o senhor José de Ribamar Martinho, compadre de dona Elzita. Segundo, nos contou esse senhor, o terreiro é uma coisa da sua mulher e não tem relação com o terreiro de dona Elzita. Porém, o Mastro era preparado lá, porque ficava mais perto para ser levado ao bairro Sacavém e também, por consideração a dona Elzita.

Dona Elzita é muito respeitada no bairro e a presença do Terreiro Fé em Deus enquanto espaço social e religioso é de suma importância para a população do bairro Sacavém, pois as atividades religiosas realizadas ali contribuem para

³⁸ Cana-de-açúcar, copo-d'água, banana de casca grossa ou banana côroa.

³⁹ O Mastro é sempre levantado em frente ao Terreiro.

⁴⁰ O Grupo dos Nove faz depósitos mensais em uma conta bancária onde cada membro deposita o valor de trinta reais desde o mês de janeiro a junho e ao final desse período, o valor economizado pelo grupo vai custear uma parte das despesas do Buscamento do Mastro.

interação de diversas categorias sociais, com interesses e necessidades em comum. Muitas pessoas que vivem no bairro frequentam o terreiro e participam das festas.

Em sua maioria elas desenvolvem atividades distintas entre si, como: seguranças, empregadas domésticas ou diaristas, trabalhadores da construção civil, donos de pequenos botecos ou mercearias, eletricitas e carroceiros. No entanto, mobilizam condições para socializar demandas, dada à importância do Terreiro Fé em Deus, no bairro Sacavém que muitos eventos ligados as atividades religiosas do terreiro são realizadas pelas ruas do bairro e congregam símbolos e pessoas.

Por conta disso, a brincadeira da morte do boi-de-encantado, as procissões e algumas etapas da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo, mobilizam uma boa parte da comunidade local que participa ativamente das atividades. Esses eventos são inerentes ao sistema de crenças do terreiro e possuem elementos que integram simbolicamente a comunidade do bairro Sacavém ao Terreiro Fé em Deus.

Percebe-se desta forma, que as pessoas que frequentam o terreiro objetivam valores e elementos simbólicos que servem de referência, tanto para a comunidade do bairro, quanto para o grupo religioso e os vincula através de uma visão de mundo que interage e insere os indivíduos com a comunidade da qual fazem parte. (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Nessa perspectiva, a unidade propiciada por esses interesses assume uma forma em função da vida em sociedade, atuando como base para a elaboração de “material que tomamos do mundo” e conforme os nossos propósitos, damos a esses materiais determinadas configurações e somente a partir destas, esse material constitui-se em elemento de nossas vidas (SIMMEL, 2006). Assim, a dinâmica de interação entre o grupo religioso do Terreiro Fé em Deus e a comunidade do bairro Sacavém e marcadas por afetividade e por significações que se processam por meio de sentimentos de fé tendo em vista que, esses espaços socializam-se, por meios simbólicos e dão sentido à vida social.

Diante desse contexto – da presença do Terreiro Fé em Deus no bairro Sacavém, por meio das práticas culturais inseridas em uma multiplicidade de relações de naturezas diversas (religiosa, econômica, política, etc.) – a Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo representa uma dimensão da religião do tambor de Mina e pode ser caracterizada como uma festa de participação do grupo religioso do terreiro em interação com toda a comunidade local. Dessa forma,

observando esse evento, enfatizamos que os símbolos usados nessa festa, promovem o conagração entre os homens e produzem um arranjo do espaço social com um todo.

Desde que começamos a acompanhar essa etapa da festa no ano de 2004 até o ano de 2013, o Buscamento do Mastro foi realizado no bairro Santo Antônio pela Côrte que saía em cortejo do bairro Sacavém sempre às 17:00h, acompanhado pelas caixeiras. A Côrte é formada por uma rainha que levava a imagem de Senhora Sant'Ana em um pequeno andor, um rei que carregava a pomba branca que é o símbolo do Divino Espírito Santo, uma rainha de promessa⁴¹, um vassalo, anjos,⁴² um juiz e um bandeireiro.

Durante o percurso, o bandeireiro guiava o cortejo até o Mastro e as caixeiras acompanhavam tocando louvações ao Divino Espírito Santo com suas caixas até o local onde o Mastro se encontrava no bairro Santo Antônio. Ao longo do itinerário, Sacavém/Santo Antônio, somente o toque das caixas e os cânticos entoados pelas caixeiras atraíam as pessoas à porta da rua para observar com muito respeito, o cortejo que seguia até ao terreiro no bairro Santo Antônio. A euforia só começava quando o Mastro era entregue ao cortejo para ser levado ao Sacavém. Logo, as pessoas soltavam foguetes e começava a brincadeira, com bebidas ao som de uma banda de música. A participação das caixeiras no Buscamento do Mastro era maior, até esse ano.

No contexto do Terreiro Fé em Deus, cada etapa da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo mobiliza as caixeiras, pois, segundo comentou dona Elzita sem a presença delas, “não tem festa”. As caixeiras assumem o comando da festa desde a abertura da Tribuna e até o derrubamento do Mastro e fechamento da Tribuna. No entanto, há uma hierarquia entre elas e a caixeira-régia é considerada a mais preparada, mas em caso de um imprevisto a caixeira-mór pode assumir as atividades, pois segundo falam no terreiro, “tocar caixa tem toda uma ciência” e elas precisam saber. Cláudia Gouveia (2003, p.175) afirma que:

As caixeiras são formadas por grupos de senhoras com mais de 40 anos, são geralmente, mulheres negras, moram em bairros periféricos da cidade e muitas não são alfabetizadas. Algumas são filhas-de-santo e tocam caixa

⁴¹Neste ano a rainha de promessa era de Margarida, filha-de-santo de dona Elzita.

⁴²São três anjos que acompanham a Corte: Fé vestida com roupa branca, Esperança vestida com roupa verde e Caridade vestida de com roupa cor-de-rosa. Dona Elzita também se refere aos anjos como os três mistérios, ou os três dons de Deus.

como parte da obrigação para alguma entidade espiritual que é devota do Divino.

Elas são os que podemos chamar de “chaves” que abrem e fecham as atividades realizadas no terreiro, relativas à Festa de Senhora de Sant’Ana e o Divino Espírito Santo. É através das caixeiras que outros elementos simbólicos da festa são mobilizados. A Tribuna ou Côrte, é convocada ou aberta por meio dos toques das caixeiras, pois somente elas entoam os cânticos e consagram ao Divino Espírito Santo, todos os desejos e promessas dos participantes, tanto do grupo religioso, quanto dos devotos do Divino.

As caixeiras além de participarem dos rituais de Buscamento, Batismo e Levantamento do Mastro, também tocam a Alvorada até o encerramento da festa. Ao toque das caixas elas fazem a ligação com o sagrado e no Terreiro Fé em Deus elas estão presentes em todas essas etapas da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo. No entanto, em 2013, houve algumas mudanças no Buscamento, inclusive de itinerário, pois o Mastro que desde muitos anos era preparado no bairro Santo Antônio, esse ano foi oferecido por dona Celeste⁴³ que é a madrinha do mastaréu⁴⁴ e mora no bairro Radional. Segundo Sérgio Ferretti (1996, p. 300), mastaréu é a parte superior complementar e giratória do mastro do Divino com pequena bandeira nela fixada. Os pesquisadores Santos e Santos Neto (1989, p. 98) observaram que em alguns terreiros, o mastaréu tem a sua madrinha particular, independente da madrinha do mastro grande. Todavia, esse não é um fato comum, mas raro e de caráter como que secreto, só entre os iniciados.

No dia 21/07/13, quando chegamos ao Terreiro Fé em Deus às 16 horas, observamos que as pessoas já se preparavam para sair em busca do Mastro. Dona Elzita já estava separando as bandeirinhas, as imagens de Senhora Sant’Ana e a Pomba do Divino para ser entregue a Côrte que, como de costume, estava incompleta, pois algumas crianças ainda não haviam chegado ao terreiro e outras demoravam muito para se arrumar. Além disso, ela estava apreensiva por causa do horário e também com a mudança de itinerário e não demorou muito, todos – caixeiras e a Côrte - estavam preparados para começar o cortejo de Buscamento do Mastro no bairro Radional.

⁴³ Filha de Filomena que era tia de dona Elzita. Dona Celeste herdou essa “obrigação” de sua mãe.

⁴⁴ O mastaréu consiste em uma bandeira com a imagem de Sant’Ana.

Observamos que havia uma movimentação muito grande na rua do terreiro, por causa de um carro de som que tocava músicas animadas e, por isso, pensamos que a presença do carro fosse devido à venda de bebidas que é feita ao lado do terreiro, por essa ocasião. No entanto, era um arranjo de um neto⁴⁵ de dona Elzita que havia providenciado o carro de som para acompanhar o Buscamento do Mastro. Segundo dona Elzita, desde a época de dona Denira, tocavam música e vendiam bebidas para atrair pessoas ao terreiro com o objetivo de arrecadar recursos⁴⁶ para custear as despesas da festa da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo.

Assim, quando todos estavam prontos para dar início ao Buscamento, às 16h e 35 min, o carro de som – na verdade um trio elétrico - também acompanhou o cortejo o que desagradou muito às caixeiras. Dona Luzia que é a caixeira régia. e a responsável por entoar os cânticos ao Divino, ficou espantada com a presença do carro de som, pois o barulho da música e a gritaria das pessoas que acompanhavam o Buscamento, atrapalhavam os cânticos entoados e o toque das caixas ninguém ouvia. Dona Luzia, nos falou que: “com isso aqui, caixeira nem devia ir”, pois estava tudo diferente do costume. Mesmo assim, o cortejo seguiu em direção ao bairro Radional.

No ano de 2013, houve algumas mudanças em relação aos anos em que acompanhamos o Buscamento do Mastro no bairro Santo Antônio. Além do carro de som, com o bloco afro Akomabu, que arrebatou uma multidão em direção ao bairro Radional que é mais distante do Sacavém do que bairro Santo Antônio. Por essa razão, as caixeiras mais idosas foram levadas de carro, enquanto as mais jovens foram andando. Havia também o apoio da Guarda Municipal ou Blitz Urbana com motos de batedores que organizavam o trânsito e abria o caminho para o cortejo pelas avenidas⁴⁷ de São Luis, oferecendo, assim, maior segurança para todos os que acompanhavam o Buscamento.

O cortejo chegou ao bairro Radional às 17 horas e 33 min e logo a Côrte; deu várias voltas em torno do Mastro que já estava preparado e todo coberto com

⁴⁵ Geceanderson é neto de coração.

⁴⁶ O terreiro recebe incentivo cultural da Secretaria de Cultura. Mas, em 2014, segundo Dina, a filha carnal de dona Elzita, eles fizeram a festa sem apoio do governo. Depois do encerramento das atividades ela nos disse que ainda não havia recebido os recursos para pagamento das despesas: “não recebemos nada até agora”. (EM:18/08/14). Os problemas com a distribuição de verbas em ano eleitoral é muito comum, pois o governo prioriza outras questões.

⁴⁷ Avenidas dos Africanos e Avenida dos Franceses.

folhas de murta na porta da casa de dona Celeste. Ela recepcionou a todos com muitos foguetes e mandou servir aos presentes água mineral gelada e caldo de feijão. Nesse momento, o carro de som foi desligado e os toques das caixeiros saudaram o Mastro que foi purificado com incenso, antes de ser levado ao bairro Sacavém. Enquanto isso, as pessoas ficavam observando com respeito, mas logo reuniram-se muitos homens para carregar o Mastro pelas ruas, até o bairro Sacavém e começar a folia.

O retorno ao Terreiro Fé em Deus durou mais de uma hora e muitas pessoas aproveitaram para beber, brincar e dançar ao som do trio elétrico, até mesmo porque é preciso haver estímulo para que os homens consigam carregar o Mastro que mede mais de doze metros e pesa bastante. Enquanto isso, as caixeiros ficaram misturadas entre as pessoas e poucas permaneceram tocando as caixas, mas quando o cortejo se aproximou do terreiro, elas novamente se reuniram e chegaram juntas tocando as caixas, mesmo com o barulho das músicas do bloco Akomabu que acompanhou o Buscamento.

O cortejo chegou ao Sacavém às 18 horas e 44 min e foi recebido por muitas pessoas que soltaram foguetes e a essa altura, dona Elzita já aguardava na porta do Terreiro Fé em Deus e, logo que o Mastro chegou foi recebido com salvas e foguetes. Em seguida, o colocaram sobre os cavaletes de madeira em frente à porta do Terreiro Fé em Deus, para apoiá-lo durante a preparação do batismo e o levantamento.

A preparação do Mastro para ser batizado, consiste em queimar incenso para fazer a purificação antes de enfeitá-lo com frutas como: banana verde, coco d'água e cana-de-açúcar, e também fixar o Mastaréu que esse ano foi elaborado na cor azul, de acordo com a imagem de Nossa Senhora Sant'Ana. Após a preparação do Mastro, a Corte se posiciona para assistir a cerimônia de Batismo e Levantamento em uma pequena Tribuna preparada em frente ao terreiro. No local em que o Mastro é fixado, observamos que dona Elzita despejou uma mistura de vinho com ervas. Essa mistura estava dentro de uma pequena cuia (espécie de recipiente originário, geralmente, de côco já utilizado) que geralmente é usada para servir água as dançantes em transe com entidades espirituais, nos toques de Mina, elas vêm até ao péji e se ajoelham diante da porta e pedem um pouco da bebida para dona Lele.

3.2 Batizado e Levantamento do Mastro 21/07/14

Figura 14- Batizado do Mastaréu e do Mastro pela caixeira-régia Luzia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

O batizado é realizado antes do levantamento do Mastro, após esse ser enfeitado com frutas, já citadas acima e ter o Mastaréu fixado com a imagem de Senhora Sant'Ana. O Batismo é realizado quando os padrinhos (esse ano foi um casal do Grupo dos Nove) rodeia o Mastro e seguram uma toalha branca pelas pontas, cada um de um lado. Ao mesmo tempo, em que o padrinho segura uma vela branca acesa e a madrinha, uma pequena cuia com vinho e ervas que é despejada dentro do buraco, onde o Mastro será fixado, o ambiente ao redor do Mastro é purificado por fogareiro de incenso.

A Côrte observa o Batismo do Mastro em uma Tribuna improvisada ao ar livre, bem próxima ao lugar onde o mesmo, será fixado e assim que termina o Batismo, as caixeiras aproximam-se da Côrte para observar o momento do Levantamento, tocar as caixas e entoar salvas. O batizado do Mastro em outros terreiros é bem parecido com os demais, conforme observou Sérgio Ferretti (1996, p. 178) na Casa das Minas:

Durante o batismo, o cortejo dá algumas voltas em torno do Mastro ainda deitado. Derrama-se uma garrafa de vinho e outra de aguardente ao longo do tronco e joga-se nele a água do copo comum ramo de folhas. Depois o cortejo coloca-se de lado e o Mastro vai sendo erguido.

O Levantamento do Mastro é um momento muito tenso, pelo fato de acontecer algum imprevisto, pois geralmente os homens que ajudam a fazer força para levantar o Mastro são os mesmos que participam do Buscamento e a maioria costuma exagerar no vinho e cerveja. Por isso, exige-se nesse momento muito cuidado, porque comentam que se o Mastro cair enquanto estiver sendo levantado, pode atrair maus presságios para o terreiro e por causa disso, o Grupo dos Nove, não permite que os homens com sinais de embriaguez cheguem perto do Mastro durante o Levantamento. Além disso, há uma quantidade muito grande de pessoas presentes que foram arrebatadas pela folia do momento, e a segurança de todos é uma preocupação de dona Elzita e de todos ali.

O Levantamento é feito quando alguns homens suspendem o Mastro amarrado por cordas grossas e preso por um tipo de “tesoura de madeira” para que não deslize ou escorregue. É preciso técnica para manusear as cordas e demora algum tempo para que levante o Mastro. Mas, após o levantamento, a banda de música volta a tocar e muitos bolinhos de tapioca são jogados para o alto e as pessoas que assistem esperam por esse momento.

Após o levantamento, a Côrte, juntamente com as caixeiras, homenageia o Mastro erguido com salvas e toques e em seguida se dirigem à porta do terreiro, onde dona Elzita espera cantando uma salva.

Figura 15- Caixeiras dançando ao redor do Mastro após o Levantamento.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

A Côrte e as caixeiras entraram no barracão e se puseram em frente ao altar. Nesse momento, a rainha entregou para dona Elzita a imagem de Nossa

Senhora Sant'Ana e a pomba branca do Divino Espírito Santo e ao mesmo tempo, as caixeiras começaram a tocar as caixas, enquanto dona Elzita colocava as imagens de volta ao altar do barracão. A Côrte ocupou a Tribuna para assistir a ladainha que foi acompanhada pela banda de música, antes de servirem o jantar na copa do terreiro.

Figura 16- Jantar oferecido à Côrte após o Levantamento do Mastro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

As atividades foram encerradas no terreiro às 20 horas e 04 minutos e nos próximos dias haverá alvoradas em volta do Mastro até o Derrubamento no dia 27/07/13. No decorrer da semana, dona Elzita toca alvorada todos os dias a partir das cinco horas da manhã e também, faz uma salva que começa às dezessete horas e nesse período, as caixas ficam sobre o altar do barracão ao lado dos santos.

3.3 A Visita 23/07/14

A visita é um momento de interação entre os participantes da Côrte, não há data fixa e ocorre quando um participante recebe em casa toda a Côrte acompanhada das caixeiras e, dependendo das possibilidades financeiras, oferece um almoço ou lanche e confraternizam. No entanto, nos últimos cinco anos, por muitas razões, a visita acontece dentro do terreiro e não mais nas residências dos membros da Côrte e mobilizar o deslocamento e transporte para a visita ficou mais difícil, já que faltam recursos materiais aos responsáveis para promover uma boa

recepção. Além disso, as condições físicas das caixeiras também contribuem, pois, visitar cada membro da Côrte exige muito delas e por essa ocasião, elas estão cansadas, desgastadas por causa de tantas atividades relativas à festa e algumas são idosas. Assim, no Terreiro Fé em Deus a visita da Côrte é coletiva e todos colaboram com as despesas necessárias ao bom desenvolvimento dessa confraternização.

3.4 Missa 26/07/14

No dia 26 de julho, a Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo têm o seu momento mais esperado, pois é o dia em que a Côrte, acompanhada de caixeiras e todo o grupo do terreiro, vai à missa para homenagear a santa. Desde que acompanhamos esse momento, o grupo do terreiro ia à missa na Igreja de Sant'Ana que fica localizada no centro da cidade de São Luís. No entanto, no ano de 2013, o padre dessa igreja recusou-se a celebrar a missa, pois argumentou que não ia celebrar a missa para atender pedidos de pessoas ligadas à casa de culto afro.

Essa decisão do padre surpreendeu à todas às pessoas do terreiro, porém o grupo não se deixou desanimar e conseguiu realizar a missa no dia da santa em uma capela do bairro Sacavém que é bem perto ao terreiro. O padre iniciou o sermão fazendo referência à dona Elzita enquanto representante da cultura popular e falando sobre a importância histórica dessa festa. No sermão, ele fez um resgate de elementos históricos da festa e lembrou que além de Sant'Ana, nesse dia também se faz homenagens a São Joaquim que foi pai de Ana.

O padre chama-se Almir e mencionou que: “a nossa fé tem cor, a nossa fé tem cheiro e que um padre bonitinho e engessado não é capaz de acompanhar a fé do povo e ainda que um padre tem que ir ao encontro da fé do povo.” (EM: 26/07/13).

A capela estava completamente cheia e logo que a missa acabou o padre chamou as caixeiras e pediu para que elas tocassem os “tambores de Deus”. Elas tocaram as suas caixas dentro da capela, em seguida todos rezaram para Sant'Ana e o cortejo saiu pelas ruas do bairro. Enquanto isso, muitos foguetes foram tocados em homenagem à santa e quando o cortejo se aproximou do terreiro, foi em direção ao Mastro e as caixeiras tocaram salvas para Sant'Ana e o Divino Espírito Santo.

Dona Elzita aguardava em frente ao terreiro e segurava uma bandeira que agitava como se estivesse acenando, convidando a Côrte para ocupar a Tribuna no altar e aos poucos todos entraram no barracão. As caixeiras tocaram suas caixas e todos rezaram uma ladainha acompanhada pela banda de música e a Côrte foi à copa almoçar. O almoço é um momento solene e é servido de forma hierárquica. Assim, servem primeiro a Côrte, em seguida as caixeiras e por último os convidados. Mas, se houver algum visitante especial, às vezes, este é servido ao mesmo tempo que a Côrte, mas não na mesma mesa. A mesa é posta com o máximo de zelo, luxo e organização para que comporte a Côrte e comam os alimentos que são preparados desde o dia anterior. Ao centro da mesa, há as imagens de Nossa Senhora Sant'Ana e a Pomba do Divino Espírito Santo, velas acesas, uma ou duas garrafas de vinho e flores de plástico para enfeitar o ambiente.

Os alimentos servidos são: carnes de aves, de boi e suínos, acompanhados de torta de camarão, de carne moída, macarrão, arroz temperado ou branco, saladas diversas, farofas e assados. Há também os refrigerantes, os doces e chocolates. Todos esses alimentos, são oferecidos por madrinhas e padrinhos de cada membro da Côrte que apoiam e colaboram para que tudo aconteça conforme o desejo De Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo, alguns apadrinham por promessas outros por devoção, mas, há quem colabore por consideração à dona Elzita que faz uma cota para arrecadar dinheiro e comprar um boi que é morto e servido para todos que prestigiam a festa.

3.5 Recolhimento dos “roubos” e Derrubamento do Mastro em 27/07/14

No dia 26 de julho, após o almoço, a indumentária usada pelo Côrte é posta na Tribuna preparada no altar do terreiro e, em determinado momento, alguns objetos da indumentária da Côrte são “roubados” e escondidos em casas localizadas nas proximidades do terreiro.

Lá no terreiro, comentam que o “roubo” é feito pela madrugada do dia 27, pois ao final do dia, às 18 horas, começam os preparativos para o Derrubamento do Mastro e os objetos roubados precisam ser devolvidos à Côrte antes do início da cerimônia para que esta esteja composta com todos os elementos que a simbologia da festa exige. Da Tribuna preparada no altar são “roubados”: as bandeiras, o pombo, o manto da rainha, a coroa ou entre outros objetos, a espada do rei e, de

cada participante da Côrte, um objeto é roubado. O roubo dos objetos da Tribuna são os símbolos de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo e a Côrte não pode participar da cerimônia de Derrubamento do Mastro sem a indumentária completa. Assim, as caixeiras se mobilizam e acompanham a Côrte que sai em procissão pelas ruas do bairro Sacavém para fazer o “recolhimento do roubo.”

Figura17- Procissão pelas ruas do bairro Sacavém para recolher os roubos.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

No cortejo de recolhimento dos roubos, à frente da Côrte, há o andor⁴⁸ com a imagem de Sant’Ana carregado por pessoas do terreiro e que vai em cada casa, onde guardaram os “roubos”. As caixeiras acompanham o cortejo tocando as suas caixas e cantando salvas.

O “recolhimento do roubo” também é um dos momentos de contribuição da comunidade do bairro Sacavém com a festa de dona Elzita, pois quem “guarda o roubo” deve “pagar uma prenda” ou “jóia” à Corte e essa “prenda” pode ser em forma de produtos como: refrigerantes, vinho, alimentos ou também certa quantia em dinheiro. Dona Elzita nos contou que após o encerramento das atividades da Festa de Sant’Ana muita gente vai à sua casa reclamar por que não foi escolhido para “guardar roubo”, pois muitos se sentem preteridos por não participarem desse momento de fé que a festa propicia. Ela nos disse que não tem como agradar a

⁴⁸ O andor de Sant’Ana é de responsabilidade de dona Maria de Lourdes que é cunhada de dona Assunção, a guia do terreiro. Ela é madrinha perpétua do andor e fala disso com muito orgulho.

todos e que faz de tudo para que compreendam. Dona Marinalva Serra Pereira⁴⁹ que é moradora do bairro Sacavém e participa da festa nos contou que:

Pesquisadora: Há quantos anos a senhora mora no bairro Sacavém?

Marinalva Serra Pereira: De 1970 pra cá, faz quantos anos, mesmo?

Pesquisadora: A senhora sempre participou da festa de Sant'Ana?

Marinalva Serra Pereira: Sempre todo ano eles botam o "roubo" aqui.

Pesquisadora: E como fazem?

Marinalva Serra Pereira: Eles batem eu abro a porta e eles entregam. Eu participo desde que começou a festa. (Risos).

Pesquisadora: A senhora guarda quantas peças?

Marinalva: Eles só botam uma peça. (Chegou visita e ela despachou rápido).

Pesquisadora: A senhora guarda o roubo por qual razão?

Marinalva Serra Pereira: Porque é vizinho, é amizade e a gente tem que participar, não é?

Pesquisadora: A senhora é devota de Sant'Ana?

Marinalva Serra Pereira: Sou e não sou, porque a gente é devota de tudo enquanto é santo. Inclusive, eu já tive dois, três netos que saíram na festa. Dois reis e uma rainha. Teve uma filha que já botou três anos uma mesa de promessa, também. Eu gosto muito de Elzita. Uma excelente pessoa não tem o que dizer. (Silêncio).

Pesquisadora: E no dia da devolução?

Marinalva Serra Pereira: Eles botam de manhã e vem buscar à tarde.

Pesquisadora: Não dorme aqui, não?

Maria Serra Pereira: Dorme não! Eles botam de manhã cedinho e quando dá quatro horas da tarde, sai a procissão pro "roubo", eles vem buscar.

Pesquisadora: E a senhora oferece o que, quando chegam?

Marinalva Serra Pereira: De acordo com a minha posse. Se eu tiver o dinheiro, dou. Se eu tiver a joia pra dar mais, eu dou. (EM: 28/08/14).

Após os objetos serem recolhidos, a Côrte retornou ao terreiro e logo se dirigiu ao Mastro e deu algumas voltas ao seu redor. Em seguida, rei, rainha e toda a Côrte, ocuparam uma Tribuna preparada ao ar livre, onde todos aguardavam o momento do início da cerimônia e não demorou muito para que as caixeiras tocassem as caixas, cantassem salvas e dançassem ao redor do Mastro antes do Derrubamento e nesse momento muitos foguetes foram queimados e todos se animaram muito. Enquanto isso, na varanda do terreiro, dona Elzita entrou em transe com a Princesa Doralice e cantou uma doutrina:

Eu ganhei um pé de rosa

A roseira virou jardim

⁴⁹ Essa entrevista foi por acaso, uma coincidência, boa na verdade, pois nesse dia fomos à casa de dona Elzita somente para vermos as autorizações que o terreiro recebe de órgãos públicos para poder realizar a festa de Sant'Ana. Achemos por bem, não trazer esses documentos e perguntamos a Lindinalva se por ali por perto, era possível encontrar um lugar que fizesse cópias, e ela nos informou que mais a frente – próxima a capela do bairro - havia a xérox de dona Marinalva. Seguimos a orientação dela e quando chegamos a casa, logo reconhecemos dona Marinalva de outros encontros e começamos então essa conversa.

Tem rosa branca
 Tem rosa vermelha
 Tem rosa amarela
 Tem rosa cor-de-rosa
 Que Vó Missã deixou pra mim

Depois dessa doutrina, a guia da casa, dona Assunção, purificou o ambiente com incenso de fogareiro e o Grupo dos Nove começou a movimentação para soltar o Mastro e derrubá-lo.

Figura 18- Derrubamento do Mastro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 27.07. 2014.

O Derrubamento do Mastro representa o encerramento de uma etapa do ciclo da Festa de Senhora Sant'Ana e Divino Espírito Santo. É um momento muito esperado por todos que participam da festa, pois, ao mesmo tempo em que representa o encerramento de uma fase, também anuncia o recomeço na nova festa que acontece com foguetes e salvas com a presença da banda de música e com a participação de pessoas vindas de outros bairros.

A retirada do Mastro do ponto fixo em frente ao terreiro é feita com muito cuidado pelo Grupo dos Nove e todos observam o momento em que ele é disposto novamente sobre os cavaletes de madeira.

Em 2014, o Derrubamento do Mastro deixou todos na expectativa por mais de uma hora, pois houve alguma dificuldade por conta do tamanho do Mastro

que era pesado. Apesar disso, o Grupo dos Nove conseguiu deitar o Mastro sobre os cavaletes de madeira, e correu tudo bem. Logo, algumas pessoas do terreiro vieram fazer a limpeza e o recolhimento das frutas que ficaram expostas e penduradas no Mastro erguido.

Dona Luzia, a caixeira régia, retirou o Mastaréu e o entregou para a madrinha do mesmo que, nesse caso, é dona Celeste, conforme dissemos anteriormente. Porém, dona Celeste, por motivos de saúde, não estava presente e foi representada por uma pessoa que recebeu o Mastaréu e o entregou à dona Elzita para que o mesmo fosse colocado no altar do barracão. Mesmo ausente, dona Celeste cumpriu essa obrigação de encerramento da festa.

Após a retirada do Mastaréu, a Côrte fez uma reverência ao Mastro, circulando-o novamente e em seguida, os padrinhos fizeram a transmissão do cargo para os padrinhos da próxima festa. Logo, todos se dirigiram para a entrada do terreiro, onde dona Elzita os aguardava. Ela segurava uma bacia cheia de pétalas de rosas umedecidas com perfumes que jogou sobre a Côrte, enquanto a mesma, adentrava ao terreiro. Sempre à frente, as caixeiras conduziram a Côrte para a copa para que saboreasse o jantar que foi servido às 20h35min.

O jantar foi servido em prato pronto ou prato feito e foi composto por alimentos simples do cotidiano das pessoas, como: assados de carnes bovina, de carne suína e de aves; também serviram tortas de mariscos variados, acompanhadas de saladas de toda sorte. Mas, o que mais preenchia o prato era o arroz branco que todos gostam em abundância e ainda, serviram muito macarrão e farinha. Esses alimentos são providenciados pelos padrinhos de cada membro da Côrte e decidem em reunião realizada com muita antecedência, o que cada um vai oferecer para que nada falte para a elaboração de boas comidas.

Tanto jantar quanto ao almoço é servido de forma hierárquica, conforme já descrevemos acima. Assim, primeiro servem os membros da Côrte que comem ao som dos toques das caixas e salvas ao Divino que são cantadas pelas caixeiras. Logo que a Côrte acabou de jantar, as caixeiras conduziram o grupo para dentro do barracão do terreiro e cada membro ocupou o seu lugar na Tribuna instalada no altar. Enquanto isso, rezaram uma ladainha em latim e as caixeiras voltaram à copa para jantar e se prepararem para iniciar a cerimônia de “transmissão de cargos” para a próxima festa e, também, fechar a Tribuna.

Não demorou muito e aos poucos as caixeiras retornaram ao barracão e dona Luzia começou a cantar para dar início à troca dos cargos. É um momento muito emocionante quando as crianças devolvem os símbolos da festa, como a Corôa, o capote, as imagens de Sant’Ana e a Pomba Branca que simboliza o Divino Espírito Santo. Quando são depostos dos cargos, a caixeira régia dona Luzia, abençoa uma a uma desejando-lhes sorte na vida. Todos que assistem ficam comovidos com o término do ciclo, pois conforme descreveu Sérgio Ferretti (1986, p.178) ao observar essa cerimônia na Casa das Minas:

As crianças choram bastante, mas são acalmadas quando os símbolos lhes são restituídos, e elas vão ainda, com toda pompa, para varanda tomar um chocolate e cortar um bolo. A entrega das posses é demorada, pois as caixeiras cantam pra saudar os futuros imperadores e para o fechamento da tribuna, colocando as caixas no chão.

No Terreiro Fé em Deus, após o encerramento da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, as caixas são colocadas no altar e ainda tocam os tambores de Mina por mais algumas noites.

3.6 Matança dos bois-de-encantado⁵⁰

No Terreiro Fé em Deus, um dia depois do Derrubamento do Mastro, acontece a brincadeira de Bumba-boi dos encantados, pois tanto Caboclo Velho que

⁵⁰ A brincadeira do boi-de-encantado foi sistematicamente acompanhada por um casal da área de artes. Eles filmaram tudo que tinha oportunidade dentro do terreiro e produziram um “Documentário” sobre a brincadeira da morte do boi dos encantados, a partir de recursos obtidos do governo. Em um primeiro momento, houve diversos conflitos promovidos por uma pessoa da casa que questionava os recursos destinados a produção do documentário e isso, se refletiu em algumas pessoas do grupo, alterando as relações e provocando conflitos que atingiram, inclusive a nós. Um dia fomos questionados se tínhamos um projeto sobre a casa, com vista a receber alguma verba por causa do nosso estudo. Não entendemos a questão, mas percebemos uma mudança de comportamento em relação a nossa presença no terreiro. Às vezes, algumas pessoas nos ignoravam. Em segundo momento, após a produção do documentário, os conflitos foram acirrados por essa pessoa, em virtude de algumas imagens que continham no documentário. Havia no vídeo imagens da morte do boi que serve para alimentar as pessoas no dia da festa e muitos disseram que era uma cena forte e que logo seria associada à prática de magia, pois o sacrifício do boi em um terreiro ia aumentar ainda mais o preconceito sobre essa religião. Pessoas ligadas ao terreiro comentaram que o vídeo era feio e teve pai-de-santo que proibiu seus filhos de assistir. No entanto, esse casal tem boas relações com uma parte do grupo do terreiro e de compadrio com a guia da casa – dona Assunção – e depois disso, visitam o terreiro normalmente. Dona Assunção defendeu o casal e disse que: “O povo não tem nada a ver. Até porque eles (o casal) não sabem o fundamento de nada. Então tem que ver e calar. Comentaram que acharam muito feio. Teve gente da casa que comentou. Eu cortei. Você nasceu e cresceu vendo tudo aqui como é dentro da casa. Não tem nada escondido! Não sai uma tigela de sangue. Se quando eles terminam com isso, eles jogam água e outra pessoa vem com a vassoura para não ficar sujeira”. (EM: 19/08/2014).

é o dono da casa, quanto Surrupirinha, gostam muito dessa brincadeira. Nessa ocasião, o terreiro recebe o boi de Viana que vem fazer anualmente a morte dos bois dessas entidades.

Em 2012, nos toques de abertura do dia 24/07/12, após passar a parte inicial do Imabarabô, muitas dançantes ficaram em transe com seus encantados. Dona Elzita/Surrupirinha falou que: “à meia-noite os tambores ficam de lado” e cantou: “eu dei um balanço no mar”. Em seguida cantou mais essa doutrina:

Balancei mamãe
Balancei papai
Dei um balanço na Mina

Depois dessa doutrina, Elzita/Surrupirinha recebeu a sua bandeira vermelha e foi até à porta do barracão, a levantou para alto, a sacudiu por uns instantes e cantou: “sou boiadeiro” (bis). E continuou: “Vou laçar boi e botar boi no mourão”. Novamente Elzita/Surrupirinha cantou uma doutrina:

A ê eu tenho mata verde
Eu tenho corrente
Eu tenho um correntão
Eu vou botar boi no mourão

Após essa doutrina, o boi de Caboclo Velho foi colocado embaixo do tambor que tem o nome dele e o boi de Surrupirinha também, e após esse “balanço”, não demorou muito e os toques de abertura da Mina foram encerrados. Porém, antes de sair do transe Elzita/Surrupirinha cantou:

Sou mensageiro de boi
Comando duas boiadas
Uma de Viana
E a outra da Mata Gangá

A morte dos bois dos encantados ou a brincadeira da morte dos bois dos encantados foi anunciada na abertura dos toques de Mina. No entanto, só aconteceu depois do Derrubamento do Mastro em frente ao terreiro.

Nesse dia, dona Elzita ainda pela manhã, vai à casa de sua filha carnal Lindinalva. A casa é localizada próxima ao terreiro e é o lugar onde ela vai aguardar o Boi de Viana ir buscá-la em transe com Surrupirinha. Acompanhamos essa parte

da festa algumas vezes no decorrer de nossa pesquisa. Percebemos que sempre é um momento muito desagradável para dona Elzita, pois ela fica constrangida por ter que se “fantasiar de índio” para fazer a brincadeira.

A fantasia consiste em um tipo de macacão vermelho e por cima deste, na altura da cintura, ela usa uma saia de penas e na cabeça, um grande chapéu igual ao que os participantes do Boi de Viana costumam usar. O chapéu é bordado com o nome de PINDOBA na parte frontal. Na casa de sua filha Lidinalva, dona Elzita incorpora Surrupirinha e fica aguardando o Boi de Viana ir buscá-la, e assim que o boi chegou, cantaram algumas toadas e saíram pela rua de volta ao terreiro.

Quando chegaram ao terreiro Surrupirinha/Elzita, acompanhados do Boi de Viana cantaram mais toadas e ao entrarem no barracão, todos dançaram por mais quarenta minutos. Em seguida, espalharam uma toalha de pano no meio do barracão e Elzita/Surrupirinha devolveu os adereços que compunham a “fantasia de índio”. Semelhante ao tambor de Borá, quando vão virar os tambores para a Mina, também é assim. Depois da devolução da vestimenta, Surrupirinha/Elzita foi para a varanda, cantou várias toadas e enquanto isso, os participantes do Boi de Viana se espalharam pelo terreiro para esperar a hora do almoço.

Antes de desincorporar dona Elzita em transe com o caboclo Surrupirinha cantou:

Eu joga a minha espada no mundo de tenterém⁵¹
A batalha é forte eu não sei de onde vem
Se do mundo de Deus ou do mundo de tenterém.

Ao retomar a consciência, dona Elzita foi para o quarto e começou a chorar, pois ela sente muita vergonha por sair à rua “fantasiada de índio” e de dançar na brincadeira do boi. Apesar de estar em transe, ela não gosta disso. No entanto, ainda não havia acabado a sua obrigação, porque no final da tarde, lá pelas 17 horas, o Boi de Viana se preparou em frente ao terreiro e começou a cantar toadas para dar início à busca aos bois de Caboclo Velho e de Surrupirinha que, simbolicamente, fugiram do terreiro para não morrerem.

⁵¹ Na obra *Desceu na Guma* (2000), a Antropóloga registra que tenterém é uma espécie de lugar. Ouvimos por diversas vezes doutrinas cantadas no Terreiro Fé em Deus com menção a tenterém como essas que descrevo agora. “Meu Deus quanto mistério no mundo de tenterém”.

Dona Elzita recebeu em transe o caboclo Surrupirinha dentro do peji, de onde saiu sacudindo o chocalho e foi até à porta do terreiro convidar o Boi de Viana para entrar no barracão, para que ele brincasse um pouco antes de sair em busca dos bois “fujões”. A entidade espiritual é quem comanda e guia o Boi de Viana até o local onde os bois se “esconderam”, para que sejam capturados e mortos no mourão.

Antes de saírem do barracão, todos dançaram aproximadamente meia hora e logo começou a busca pelos bois nas proximidades do terreiro. Durante o percurso pelas ruas, o “matador” dramatizava gestos de bravura com um facão assustando as pessoas e quando chegaram ao local do esconderijo dos bois dos encantados, as pessoas soltaram foguetes e houve muita euforia. O Boi de Viana recolheu os dois bois dos encantados que estavam em casas diferentes e todos retornaram ao terreiro para fazer a matança. No percurso de volta ao terreiro, a multidão que acompanhava os bois chamava atenção das pessoas que saíam à porta de suas casas e iam observar o movimento na rua.

Desde que acompanhamos essa brincadeira observamos que só matam um boi e o outro é solto ou foge novamente e, dessa vez, somente o boi de Caboclo Velho foi morto no mourão e o de Surrupirinha, “foi solto” por ele. Esse é um momento de muita ansiedade para todos os que acompanham, pois, o boi morto vai ser repartido entre alguns escolhidos que assistem à matança e não é para todos a sorte de receber um pedaço do boi que foi morto.

Comentam-se entre as pessoas que participam da brincadeira que ao receber um pedaço do boi morto pode-se fazer três pedidos para o encantado dono do boi que estes, se realizam antes da próxima brincadeira. Então, é comum algumas pessoas assistirem a morte do boi pensando nisso e, assim, procurar uma posição próxima de quem faz a partilha e se fazer escolhido para ganhar um pedaço do boi.

Logo que terminaram a partilha, todos foram para o barracão cantar e dançar com o Boi de Viana que novamente tocou mais algumas toadas juntamente com os toques dos tambores de Mina e, em seguida, rezaram para Senhora Sant’Ana e um Bendito para São João. Ao final, Elzita/Surrupirinha agradeceu e cantou:

Eu tomo conta da minha boiada
Eu dou conta da minha boiada.

Observamos que quando dona Elzita desincorporou Surrupirinha ela saiu do barracão levada inconsciente nos braços de algumas filhas-de-santo, até um dos quartos que fica dentro do terreiro. As filhas-de-santo a colocaram deitada em uma cama e começaram a cantar vários cânticos que geralmente não cantam em toques de Mina. Segundo nos informou Margarida, filha-de-santo de dona Elzita, nessa brincadeira de boi o encantado Surrupirinha faz a “virada” da corrente dos boiadeiros para a Mata. Ela nos contou que é um momento muito delicado, porque dona Elzita pode não voltar e esses cânticos são para chamar Caboclo Velho, pois somente ele pode trazer dona Elzita de volta. Um desses cânticos dizia que:

Quando eu venho da cidade nova
 Cidade do Mearim
 Eu mandei chamar o meu vaqueiro na mata
 Para vir celta cavalo pra mim.

3.7 Abertura, virada e encerramento de toques de Mina

Figura 19- Abertura do tambor de Mina.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Após o Levantamento do Mastro, acontece à abertura dos toques de Mina no terreiro que apesar de não ser publicado no calendário da Festa de Nossa Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, nesse ciclo são previstos para acontecer cinco noites de toques de Mina. Dona Elzita nos falou que antigamente

ela tocava sete noites de tambor, mas devido à sua idade ela só toca cinco noites. O ritual de abertura dos toques de Mina é um momento esperado pelo grupo, pois “precisam cumprir essa obrigação”, como descreve Santos e Santos Netos (1989, p. 41):

Vários são os elementos que constituem o ritual de abertura do culto nos mais diversos terreiros, quer esteja localizado na área urbana, na periferia, ou mesmo na zona rural do Maranhão. Todavia pode-se dizer que em linhas gerais, que, antes do início do culto realiza-se uma ladainha, parte sincrética da cerimônia, após a qual canta-se uma salva dedicada ao santo homenageado. Algumas horas depois, as dançantes começam a trocar de roupa. E, quando já estão com suas saias imponentes e blusas rendadas ou bordadas em crivo, aguardam o momento de entrada no barracão.

No Terreiro Fé em Deus, quando abrem os toques de Mina à época da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo o ambiente é todo preparado conforme a orientação da entidade espiritual de frente ou que estar reinando. Conforme observamos durante a pesquisa, há uma grande mobilização das pessoas ligadas ao terreiro no sentido de promover a festa da melhor forma. Para tanto, é necessário à dedicação das pessoas da casa, pois tudo precisa estar de acordo com as entidades espirituais que serão homenageadas e recebidas nos toques de Mina pelas dançantes em transe.

O ambiente do terreiro, tanto interno quanto externo é todo enfeitado com uma simbologia que estabelece vínculos entre o grupo de pessoas do terreiro e os que colaboram para a realização da festa. Esses vínculos são promovidos pelo papel que cada um desempenha a partir da festa (madrinhas, padrinhos, devotos, entre outros, como moradores do bairro que comparecem aos toques por admiração e respeito à dona Elzita). Ao longo dos anos em que frequentamos o terreiro, observamos que em cada festa tem um preparativo específico, um sentido, uma organização e muito sacrifício de todos para que tudo aconteça conforme desejam as entidades espirituais.

Assim como em todas as festas que acompanhamos ao longo da pesquisa, observamos que o espaço do barracão em 2013 foi todo enfeitado de acordo com o desejo das entidades espirituais. No abertura dos toques de Mina, o altar do barracão estava com os santos de devoção da dona Elzita e elementos que faziam alusão ao Divino Espírito Santo como a pomba branca, as caixas usadas pelas caixeiras, as bandeirinhas, as roupas usadas pela Côrte, a coroa e os tronos.

Os tambores foram postos em posição horizontal e suspensos por cavaletes de madeira. Em todos os toques, os tambores nunca são tocados descobertos e cada um recebe uma toalha branca, pois segundo nos falou dona Elzita: “o branco é a pureza”. Entre os tambores sempre há uma vela branca acesa e um pouco antes de iniciar os toques sempre depois das 22 horas purificam o barracão com incenso em fogareiro e as pessoas presentes rezam ladainha, em latim.

Na abertura do tambor, todas as dançantes vestem saias e blusas brancas que é a cor da roupa usada pelo grupo na primeira noite de toque. O primeiro cântico entoado pela mãe-de-santo Elzita para iniciar a abertura dos toques é o Imbarabô que se constitui de cânticos de abertura dos rituais de Mina-Nagô. O Imbarabô, segundo Sérgio Ferretti (1996, p. 298), afirma que é a “primeira palavra do cântico para afastar Exu, nos ritos nagô, no Maranhão”. Para entoar o Imbarabô, dona Elzita, saiu da varanda com as dançantes e formaram uma fila, ao lado do peji (quarto de obrigações) e direcionaram-se ao barracão. Nessa fila, elas estavam organizadas de modo que ao entrarem no barracão, dona Elzita se posicionou em frente ao tambor como o nome inscrito de Caboclo Velho que é o nome do dono da casa e dona Assunção, atual guia do terreiro, se pôs à frente ao tambor com o nome do Terreiro Fé em Deus. Dona Assunção nos disse que o Imbarabô é para que “todas as entidades se coloquem onde tem que ser para o momento da chegada deles no barracão.”

Os toques começaram quando dona Elzita entoou o cântico do Imbarabô acompanhada pelos tocadores ou abatazeiros, juntamente com as cabaceiras e a tocadora do ferro ou agogô. Ela cantou assim: “Imbarabô, a Môjuba...” e conduziu todas as dançantes para o barracão, onde cantaram as doutrinas e dançaram várias coreografias da Mina, por aproximadamente quarenta minutos.

Após essa parte inicial, algumas dançantes começaram a entrar em transe cada uma com a sua entidade espiritual e receberam a sua toalha e a amarram sobre as saias. As entidades quando incorporam as dançantes se identificam através dos cânticos que também são chamados de doutrinas. Os cânticos se reportam sempre aos lugares e nomes, dos quais se supõe a sua origem como nesse cantado por Ana Maria⁵² em transe com Caboclo Ita:

Caboclo advinha de onde eu vim

⁵² Filha carnal de dona Denira mãe-de-santo de dona Elzita e contra-guia do Terreiro Fé em Deus.

Passei na pedra grande de Itaculuça
E na pedra Mina da Mata Gangá.

A dança obedece ao ritmo dos toques dos tambores e apresenta diversas coreografias que pode ser em círculo, girando em sentido anti-horário e ao mesmo tempo, em que fazem movimentos de “zig-zag” (abrindo e fechando o círculo). Essas coreografias dona Elzita diz que é por causa do ritmo dos tambores que pode ser “corrido” ou “dobrado”. Durante os toques algumas dançantes permanecem no barracão em transe com as suas entidades, mas algumas saem de vez em quando para beber chá de erva cidreira que é servido em pequenas xícaras.

No Terreiro Fé em Deus, não é permitido o uso de bebida alcoólica pelas entidades espirituais e demais pessoas que participam dos toques. As dançantes quando estão em transe com os caboclos nos toques de Mina, não bebem álcool, mas algumas fumam e conversam muito, como dona Assunção que recebe o caboclo Maroto. Seu Maroto é o guia do terreiro e sempre que vem nos toques reclama muito de dona Assunção que segundo ele: “ela não presta mais”.

Os tocadores ou abatazeiros não podem tocar e beber álcool nos toques de Mina. No entanto, no tambor de Borá, dona Elzita permite que bebam vinho, porque, segundo eles afirmam: “esse tambor é muito puxado e o vinho faz com que a gente agüente mais.” Dona Elzita diz que esse é um costume trouxe da casa de sua mãe-de-santo.

Na abertura dos toques de Mina, algumas dançantes não comparecem, mas, não podem deixar de participar das atividades da casa.

Em 2013, assim como em todas as ocasiões da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, os toques de Mina foram abertos, mas não seguiram dias consecutivos. Os tambores ficaram “encostados” e somente após a brincadeira de matança dos bois-de-encantados, os toques de Mina continuaram a até o dia do encerramento com a “virada” dos tambores de Mina para o tambor da Mata, nos primeiros dias de agosto.

Sobre o momento da “virada” dos tambores de Mina para o tambor da Mata, Mundicarmo Ferretti (2000, p. 97) afirma que: “hoje em São Luís, quando alguém diz durante um ‘toque’ que o tambor ‘virou para mata’ está querendo dizer que se passou a cantar em homenagem às entidades caboclas (de diversas ‘linhas’).

No Terreiro Fé em Deus, quando o tambor “vira pra mata” é para anunciar a corrente de entidades indígena que será homenageada no tambor de Borá. Nessa ocasião a linguagem ritual se manifesta através do gestual e do ritmo intenso das danças, porque no que se vê é a execução de movimentos intensos realizados pelo grupo de dançantes que não privilegiam a palavra. No entanto, os movimentos das dançantes em transe com as entidades espirituais, revelam através de elementos sagrados e dramatizados no ritual, outra forma de conceber um pensamento religioso. (AIRES, 2008).

Virada

O momento da “virada” acontece próximo à meia-noite quando no barracão se juntam aos abatás ou tambores de Mina, o tambor da Mata e outros instrumentos complementares que são utilizados para aumentar o ritmo das danças como: um tambor-onça, dois tambores pequenos que são usados nos toques de Tambor de Crioula, o ferro ou agogô e duas ou mais cabaças cobertas com miçangas. O tambor da Mata fica apoiado sobre um cavalete de madeira e posicionado verticalmente entre os dois tambores da Mina.

Em 2013, quando os toques “viraram para Mata”, as toalhas das entidades espirituais incorporadas nas dançantes foram recolhidas, assim como os sapatos e todas cantaram: “passarinho canta na Guma iá” (bis). Em seguida, dona Elzita, em transe com Surrupirinha, anunciou que:

Vou fazer minha virada
Vou trazer minha balança e
São Miguel vai me ajudar

Quando tocaram todos os instrumentos, o som ficou muito intenso e todas as dançantes entraram em transe com suas entidades espirituais e dançaram agitadas. Dona Elzita/Surrupirinha organizou uma roda com as dançantes e de dentro dela entregou uma fita amarela para cada dançante que, uma por uma, veio segurar a fita e dançar no meio da roda. Em seguida, ele (Elzita/Surrupirinha) organizou uma fila de forma hierárquica com o grupo de dançantes e conduziu todas para fora do terreiro.

O grupo deu uma volta ao redor do barracão e também pela rua e foi até “o ponto de Surrupirinha”, um tronco de tucunzeiro em frente ao terreiro. Quando

grupo retornou, todas as dançantes entraram no barracão sem dar as costas para a rua e seguiram direto para a varanda, onde saíram do transe com as entidades indígenas e ao mesmo tempo em que elas incorporaram os caboclos. Em seguida, todas as entidades espirituais receberam novamente as suas toalhas e foram para o barracão e Elzita/Surrupirinha cantou:

Sai da Mata Zombana
A ê, A ê

Os símbolos da virada dos tambores (tambor da Mata e fita amarela) da Mina para a Mata anunciam a proximidade da presença da corrente indígena. Conforme o estudo de Geertz (1989, p, 93) eles “parecem resumir de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como se deve comportar-se quem está nele”.

Segundo nos informou uma pessoa que participa das obrigações do terreiro, apesar de não dançar com entidades, mas que também recebe em transe o seu caboclo, no período, “pós-virada” do tambor que antecede a próxima festa, o tambor fica “encostado pra corrente dos índios” e de certa forma, determina o sentido de vida das pessoas que vão participar do ritual.

Foram tocados cinco noites de tambor e último dia de toque, o barracão foi purificado com incenso, houve também a ladainha em latim, mas já haviam retirado do altar os objetos da Corte e a Tribuna da Festa de Senhora Senhora de Sant’Ana e o Divino Espírito Santo. Dona Elzita em transe com Surrupirinha cantou momentos antes de fechar o tambor:

Já rezei meu pai nosso
No rosário de Maria
Ave Maria, Santa Maria
Já rezei meu pai nosso
No rosário de Maria

O encerramento dos toques de Mina aconteceu quando dona Elzita/Surrupirinha recebeu de dona Lele, um cetro com uma bandeira com uma fita vermelha amarrada e todas as dançantes em transe com suas entidades soltaram suas toalhas da cintura, as jogaram sobre os ombros e amarram lenços na cabeça.

Nesse momento, todos os presentes ficam de pé, as dançantes entoaram um cântico de encerramento chamado Elegbara Vodun⁵³ e, em seguida, foram aos poucos para a varanda sem dar as costas para o barracão.

Enquanto isso, uma cuia com água foi retirada do peji por dona Lele e foi entregue para dona Elzita/Surrupirinha que despejou um pouco d'água na porta do barracão, embaixo dos tambores e ainda serviu um pouco para os abatazeiros e a tocadora do ferro. Depois se apoiou no cetro e deu mais uma volta pelo barracão, passando as mãos embaixo dos tambores antes de ir para a varanda sem dar as costas.

Os tambores continuaram tocando no barracão e o grupo dançava na varanda enquanto cada dançante esfregava as mãos uma na outra. Esse momento é o que chama de “rola mão” (?). Em seguida, as dançantes em transe se ajoelharam curvadas, cada uma com a cabeça encostada no chão da varanda e coberta pela toalha que usavam. Elzita/Surrupirinha permanecia sentada e segurava o cetro de madeira que lhe foi dado por Lele e nesse momento, começou a cantar para todas as entidades.

Figura 20- Fechamento do tambor na varanda do terreiro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2004.

Quando questionamos para algumas dançantes sobre esse momento, nos informaram que somente dona Elzita poderia explicar. Mas dona Assunção - a

⁵³ Segundo pai Junior de Navê esse cântico é para Exu e significa: “Levantem-se! Cubram-se! O senhor do carrego e das oferendas veio buscar e sai arrastando devagar.” (EM: 26/07/14).

guia do terreiro - nos falou que o último cântico é para fazer o “registro do tambor”⁵⁴ e ao longo dos anos em que presenciamos esse “registro” fizemos anotações do jeito que ouvimos, assim:

Mina
É morezon
Môre, môre
É môrezon
Vodum é môrezon
Vó Missã é môrezon
Caboclo Velho é môrezon
Caboclo Ita é môrezon
Tambor de Borá é môrezon
Todos os caboclos é môrezon

⁵⁴ Conversamos com dona Diquinha sobre a fotografia do fechamento e o cântico e mesmo, afastada do terreiro porque se converteu a religião evangélica, nos informou que quando pertencia ao terreiro não fica assim: “Eles botavam uma cadeira para Jariordama sentar e eu não ficava de c. para cima. (Risos). Isso aqui é fazendo a oração para a retirada da corrente. É só Surupirinha quem leva a corrente e se por acaso, às vezes ele fechar e ainda ficar caboclo falando e “porque vira e porque torna”, então depois que a corrente sai ele canta: “Silenciou (bis)/ Silenciou mata Zombana, silenciou/ Silenciou mata Gangá, silenciou”. (EM: 27/08/14). Falamos com dona Elzita nessa mesma data e lhe mostramos o registro fotográfico do momento do fechamento do tambor e lhe pedimos uma explicação sobre esse cântico. No entanto, ela nos disse que “não tinha explicação e que nem sabia disso”.

4 DINÂMICA DAS RELAÇÕES E INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DA FESTA DE SANT'ANA E O DIVINO ESPÍRITO SANTO

Figura 21- Mesa de Senhora Sant'Ana em 26 de julho de 2014.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Quem considera a casa que são os amigos, vão ajudar. Socorro, tu vai dar uma contribuição pra festa de Conceição? (Assunção, guia do Terreiro Fé em Deus em: 17/11/2013).

Embora, alguns antropólogos descrevam as suas experiências interativas desenvolvidas em trabalho de campo, na prática elas são bem particulares e cada pesquisador vivencia uma situação específica. Fazer o trabalho de campo implica antes toda uma tarefa inerente à pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é orientar, disciplinar o olhar e nos munir de um arsenal teórico do qual lançaremos mão, diante de dúvidas e situações imprevistas vivenciadas no campo.

No trabalho de campo, o pesquisador busca encontrar algumas formas de interagir com os sujeitos pesquisados que nem sempre são esclarecidas ao longo pesquisa. Isso, de certo modo, significa ter que enfrentar uma dose de submissão às normas do grupo e aos poucos, aprender um protocolo e compreender quais componentes constituem a relação pesquisador/sujeitos pesquisados. Um desses componentes do trabalho de campo que se processa por meio da observação direta

é a interação do pesquisador com os sujeitos pesquisados que demanda estratégias e orienta o desfecho da pesquisa.

No campo, a interação entre pesquisador e o grupo estudado, consiste em encontrar uma via de acesso à estrutura de informações, pois o pesquisador, ao chegar ao campo, geralmente fica na periferia dos acontecimentos, ele não é de dentro. Mas, possui algumas possibilidades de desenvolver estratégias para avançar na pesquisa e encontrar a melhor forma de ser aceito pelo grupo pesquisado.

Nesse sentido, elaboramos este capítulo com o objetivo, não de resolver um problema e dar respostas a tantas questões, mas expor algumas limitações e apontar aspectos da experiência humana que constitui o trabalho de campo e pensar a partir de nossa experiência, enquanto pesquisadora, sobre as relações e interações vivenciadas com um grupo religioso em um terreiro de tambor de Mina - o Terreiro Fé em Deus - no contexto da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo.

Buscamos mostrar aqui a nossa trajetória de pesquisa em um terreiro de tambor de Mina, bem como, as nossas relações com as pessoas ligadas ao grupo religioso. Aqui, tomamos por análise, situações inerentes à nossa posição enquanto observadora direta das práticas rituais, junto aos sujeitos pesquisados, a partir do contexto da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo.

Dialogaremos no decorrer deste capítulo, com Sérgio Ferretti (1996), Mundicarmo Ferretti (2000), referências em pesquisas sobre o tambor de Mina e festas populares no Maranhão e Vagner da Silva (2000), com o seu estudo sobre a presença do antropólogo no campo de pesquisa afro-brasileiro e o reflexo das relações estabelecidas entre o pesquisador e o grupo estudado.

Para analisar o desenvolvimento de nossa trajetória e os aspectos que envolvem interações sociais entre pesquisador e sujeitos, utilizamos como instrumentos teóricos Mauss (2003), Durkheim (2003), Bourdieu (1989), Berreman (1975), Geertz (1989) e outros. Autores fundamentais para pensarmos a nossa experiência de pesquisa em um terreiro de tambor de Mina.

A partir desses autores encontramos elementos para pensarmos sobre a importância do conhecimento antropológico, conforme pontua Alba Zaluar (1986, p.107) sobre a discussão relativa à prática etnográfica e os problemas deixados por uma tradição metodológica. A autora elenca alguns pontos relativos aos trabalhos de campo herdados dessa tradição, considerando-os, “ardis colocados ao antropólogo”

e o primeiro se refere ao desprezo do pesquisador pelo o que não tem forma, focando o seu interesse para o codificado ou predisposto.

Essa postura, segundo a autora, acaba por reduzir grande parte da pesquisa ao registro de discursos, pois não considera o contexto da ação, muitas vezes não é registrado como, por exemplo, quando entrevistamos dona Rôxa⁵⁵ - em sua casa no período matutino, enquanto ela costurava, fazia almoço, atendia ao telefone e dava atenção as nossas dúvidas - o arroz acabou queimado. Essas situações da pesquisa demandam pensar sobre as condições de apreensão dos dados etnográficos. Por exemplo, o modo como o pesquisador realizou a entrevista? Em que condições? Quem é o informante? Outro ponto interessante tratado pela autora é sobre a posição do observador, junto ao grupo pesquisado, pois é importante pensar como de fato o pesquisador é visto ou recebido pelo grupo? O que o grupo pensa? (ZALUAR 1986). Nesse sentido, sobre a presença de pesquisadores em seu terreiro dona Elzita nos falou que:

Os que vêm aqui é para ter certeza de alguma coisa e estudar algumas coisas. E, é muito bom, porque tanto eles estudam, como abrem a memória da gente. Mas, nem tudo a gente abre a boca para falar. Mesmo que eu diga alguma coisa, você não sabe o significado diretamente. Como foi que eu comecei e de onde eu recebi. Eu que recebi tenho uma orientação. Agora, uns dizem de um jeito e outros dizem diferente. Cada um tem seu jeito. (EM: 22/08/2014).

Alguns pesquisadores relataram as suas ações e as situações vividas no trabalho de campo como, em 1958, quando Geertz (1989) e sua mulher chegaram a Bali e naquela aldeia, todos ignoravam a presença deles. No relato dessa experiência, o autor pontua situações desanimadoras sobre as frustradas tentativas de aproximações com os aldeões e como se sentiam “não pessoas e criaturas invisíveis”, todos agiam como se eles não existissem.

Então, somente um acontecimento inesperado que ele chamou de “momento mágico” foi capaz de fazer com que ele e a esposa atravessassem uma “fronteira de sombra moral” e passassem a serem vistos como seres humanos, apesar de não serem considerados nativos. Mas, “esse momento mágico” de que fala Geertz é quando o pesquisador experimenta a sensação de não ser mais tão

⁵⁵ Filha-de-santo de dona Elzita.

estranho em contato com os sujeitos estudados e de certo modo, ser aceito pela comunidade. Sobre esse momento, Geertz (1997, p.107) afirma que:

Mas seja qual for nossa compreensão – correta ou semicorreta – daquilo que nossos informantes, por assim dizer realmente são, esta não depende de que nós realmente não tenhamos a sensação de estar sendo aceitos, pois esta sensação tem que ver com a nossa própria biografia, não com a deles.

Em Bali, Geertz e a esposa, quando assistiam brigas de galos, não imaginaram que ao “fugir da polícia”, demonstrariam aos balineses a sua solidariedade em vez de apresentarem os seus papéis e, talvez, obtivessem certas prerrogativas. Ao fugirem como todo mundo, eles provocaram uma reviravolta em suas relações com a comunidade e apesar de afirmar que a fuga foi somente uma “exibição de covardia”, o desempenho desta, foi observado por todos os aldeões.

A interação do autor em Bali aconteceu a partir desse fato. O pesquisador, mesmo sem saber, virou assunto na comunidade, pois os aldeões caçoavam dele e da esposa e do gestual que eles fizeram em fuga. Para Geertz (1989, p. 187-8), quase ser apanhado numa “incursão policial”, o fez satisfazer uma das necessidades do trabalho de campo – o acordo, a harmonia – com os sujeitos pesquisados:

Em Bali, ser caçado é ser aceito. Foi justamente o ponto de reviravolta no que concerne ao nosso relacionamento com a comunidade, e havíamos sido literalmente aceitos. Toda a aldeia se abriu para nós, provavelmente, mais do que fariam em qualquer outra ocasião e certamente com muito maior rapidez. Deu-me a oportunidade de aprender de imediato um aspecto introspectivo da “mentalidade camponesa”, que os antropólogos que não tiveram a sorte de fugir como eu, juntamente com o objeto de suas pesquisas, das autoridades armadas, normalmente não conseguem.

Da mesma forma, Berreman (1975) quando esteve em Sirkanda, uma aldeia no baixo Himalaia na Índia Setentrional, foi ignorado por aquela comunidade e sabia que os estranhos eram desencorajados a permanecer na aldeia. Os aldeões eram hostis e a única esperança de um estranho ser aceito era “estabelecer residência e pela interação social”. Os fatos relatados por Berreman (1975) em sua incursão a Índia enumeram desafios enfrentados pelo pesquisador para desenvolver interações e, entre tantos relatos, havia sempre indicativos da falta de confiança dos aldeões em relação a ele, pois todos os estranhos significavam para eles perigo

eminente. Ganhar a confiança do grupo, é um desafio a ser enfrentado pelo pesquisador e só a ação da pesquisa indica os caminhos.

Havia, também, uma confusão em relação à identidade do pesquisador, confundido em primeiro momento com um agente do governo e esses funcionários, eram desprezados, porque praticavam atos prejudiciais aos aldeões. Berreman (1975, p.133) viveu por alguns meses toda sorte de dificuldades para fazer aproximações com os sujeitos, mas foi com a fotografia que ele encontrou um “efeito notável” no relacionamento com os aldeões em Sirkanda:

As minhas oportunidades de fotografar antes restritas à paisagem, crianças e adolescentes do sexo masculino, em poses embaraçadas, subitamente se expandiram até abarcar uma série de atividades econômicas, rituais e sociais bem como, indivíduos de todas as castas, idade e de ambos os sexos. A fotografia em si mesmo tornou-se um valioso meio de estabelecer relacionamento, à medida que crescia a demanda de fotógrafos.

As informações apresentadas pela pesquisa de Berreman, tematiza os elementos mais humanos da prática antropológica e abrange numerosas situações da interação do pesquisador com seus sujeitos. Berreman (1975, p.125) pontua também que no campo, a primeira situação vivenciada pelo pesquisador é o confronto da apresentação, pois tanto de um lado quanto do outro, há um esforço para manter o controle de impressões e interpretações mutuamente manifestadas pelo etnógrafo e seus sujeitos. Cada um deseja dar uma impressão favorável de si e interpretar com precisão, o comportamento do outro, pois nesse “jogo”, os interesses são divergentes e estabelecem desafios constantes para o pesquisador.

Refletir sobre o desafio da ação antropológica é poder pensar também na importância das relações humanas inerentes a pesquisa. O pesquisador é antes um sujeito que também se expõem em busca de conhecer mais o outro e a si mesmo. Nessa busca experimenta sensações, estabelece acordos e constrói novos rumos e ideias. Alba Zaluar (1986, p.112-13) afirma que:

De líder a mero catalisador, o pesquisador participante atravessa muitas passagens, encruzilhadas e armadilhas. Tem como todos os outros pesquisadores que tomar decisões e estabelecer estratégias que levem em conta o lugar que ocupa enquanto estranho diferente, superior, ou distribuidor de recursos. Sua presença, como de qualquer pesquisador cria um novo campo de relações ou um espaço público que devem ser eles mesmos, objeto de reflexão, porque históricos datados e marcados pela alteridade.

4.1 A Escolha

No final de 2011, o antropólogo português João Leal estava em São Luís, onde já iniciava sua própria pesquisa sobre Festa de Divino Espírito Santo em alguns terreiros de tambor de Mina. Em colaboração com esse pesquisador, nossos orientadores⁵⁶ nos pediram por conta de nossa relação com dona Elzita que o apresentasse a essa mãe-de-santo no Terreiro Fé em Deus. O antropólogo queria conhecer a casa e sua mitologia, seu ritual, mas, sobretudo, o seu interesse era sobre a Festa do Divino Espírito Santo e suas relações com o tambor de Mina.

Após as apresentações, combinamos uma data e um horário para irmos ao terreiro de mãe Elzita. Geralmente, visitamos o terreiro no período da tarde em razão da disponibilidade de tempo, tanto nosso quanto de dona Elzita e assim foi no dia em que combinamos a ida ao terreiro. Chegamos por volta das 16 horas e como é o costume, a porta estava aberta e havia uma movimentação de crianças, jovens e “invasores profissionais”, como nós. Dona Elzita, pouco se ausenta do terreiro e não costuma sair para visitar outras casas de culto. Ela não gosta de fazer visitas⁵⁷ a outros terreiros e orienta as suas filhas-de-santo a não ficarem por aí “pegando irradiações de outras casas”, e até mesmo a nós, ela não recomenda ficarmos olhando outras práticas em outras casas, pois segundo ela, podemos ficar “perturbados” e confusos. No entanto, ele recebe em seu terreiro, principalmente em dias de toques de Mina, muitos outros pais-de-santo como pai Itaparandi que lhe tem muito carinho. Dona Elzita nos contou que:

Pois é minha filha! Agora nem todo mundo fala uma palavra certa. Tem gente que é de um jeito e tem gente que é de outro. Então, eu tenho a minha palavra da Mina do terreiro onde eu fui criada. Eu só botei terreiro depois de dois anos que ela morreu (Denira). E ainda estou aprendendo. Eu não visito ninguém. Eu tenho o maior defeito, por que ela também era assim. Não visitava ninguém. Nós nunca saímos. Ela teve esse costume e eu fiquei com a resma. Eu não saio. Tenho vontade de ir à Casa das Minas e isso e aquilo outro. Mas, não acho jeito de visitar. Eu sei que é uma falta de educação. Mas, eu digo assim que aprendi com ela. E aqui tem cada coisa que me bota na mente! O outro (Surrupirinha) diz assim: “Eu nasci na mata/ A mata me criou/ Eu aprendi na mata com o passarinho e o canário cantador/ No meio da mata o vento zoou/ Trouxe a minha memória/ Também não levou/ Eu aprendi com o tempo/ E o tempo foi meu professor”. Eu me lembro de minha professora. Eu lembro quem foi a minha professora. Eu aprendi com ela. Se foi um passarinho cantador ele aprendeu com ela. É

⁵⁶ Sérgio Ferretti e Mundicarmo Ferretti.

⁵⁷ Mas, sempre presenciamos o modo gentil e receptivo de receber os visitantes e todos que a procuram em seu terreiro.

porque ele canta essas coisas. Eu fui criada num colégio e lá não tinha isso. (EM: 19/08/14).

Logo que chegamos, entramos e encontramos dona Elzita e tivemos uma boa recepção. Ela nos ofereceu um cafezinho e ficamos sentados ali na varanda do terreiro a conversar sobre coisas triviais, esperando um momento mais propício para ouvir algo surpreendente daquela senhora cheia de segredos.

Certamente, a experiência já nos mostrou ao longo do contato com dona Elzita que ela não fala nada que não seja orientado pelo seu senso de tradição e preservação dos seus fundamentos religiosos e, também, com a ordem de suas entidades espirituais. Posto que, essa mãe-de-santo, assim foi feita. Dona Elzita, sempre fala que tudo o que faz em seu terreiro ela aprendeu com sua mãe-de-santo – a dona Denira – e o costume da casa de sua mãe, era de não fazer perguntas, mas ouvir os ensinamentos e observar o que era feito. Lenilda, uma de suas filhas-de-santo e filha carnal de Assunção, a guia do terreiro, nos disse que no terreiro de dona Elzita “a Mina é olhar, ouvir e calar” (EM: 19/08/14). Nesse sentido, a pesquisa de Vagner da Silva (2000, p. 44) nos indica que:

A palavra falada é considerada uma importante fonte de axé (força vital) e veículo de poder sagrado. Falar é um ato mágico que impregna por contaminação simbólica o sujeito que fala e seu ouvinte. Na transmissão do conhecimento litúrgico, o que dizer, quando, e para quem são instâncias determinadas pela hierarquia religiosa.

No terreiro de dona Elzita, existe hierarquia e essa diferenciação se apresenta em diversos graus. Como Turner (2005, p.144) observou, é preciso compreender que a autoridade dos mais velhos sobre os novatos, não se baseia em sanções legais; ela constitui, num certo sentido, a personificação da autoridade autoevidente da tradição. Dona Elzita é tradicional em sua prática religiosa e mantém o mesmo costume do terreiro de dona Denira. Em uma ocasião dos toques de Mina, tivemos a oportunidade de presenciar dona Elzita em transe com o seu mensageiro espiritual o caboclo Surrupirinha. Eram os toques de encerramento de tambor e ele orientava as pessoas presentes, a informar dona Elzita que ela não poderia dizer nada a ninguém. Sobre o quê? Não sabemos, mas a mensagem dizia que: “diz pra Elzita se ela falar alguma coisa, eu vou amordaçar a boca dela”. O guia espiritual do terreiro, o Surrupirinha, “toma conta” para que os costumes da casa de

dona Denira e os fundamentos da religião sejam preservados e por isso, Dona Elzita, não costuma responder de forma clara as perguntas dos pesquisadores e diz sempre que, o pesquisador precisa estar presente em tudo que se faz dentro da casa e, mesmo assim, nunca saberá os fundamentos religiosos e os segredos. Nesse sentido, Vagner da Silva (2000, p.134) afirma que:

O segredo nessas religiões é menos uma questão de “conteúdo” de informações específicas e mais de controle do acesso dos religiosos aos fragmentos dos conhecimentos litúrgicos com os quais se pode sistematizar o *corpus* religioso de uma forma mais legítima. (...). A questão do segredo nas religiões afro-brasileira, faz, assim, com que o antropólogo tenha que se posicionar de forma diferenciada diante dos registros obtidos durante o trabalho de campo.

Assim, ouvir algo surpreendente de dona Elzita, não é algo provável. Porém, toda vez que vamos ao terreiro esperamos encontrar alguma situação que nos proporcione algum elemento novo para o nosso estudo e passado algum tempo chegou a Chiquinha⁵⁸, uma de suas filhas-de-santo, e foi logo dizendo: “Socorro, eu vou te dar a mesa de Sant’Ana pra tu ser madrinha. ”

Desde que acompanhamos as atividades desempenhadas no terreiro, a organização das funções inerentes aos rituais e festas é distribuída dentro da própria estrutura do grupo religioso. Segundo dona Roxa⁵⁹, “tudo aqui é com o povo de casa”. A não ser, em momentos específicos como, o esconderijo dos “roubos da Côrte” e a fuga dos “bois dos encantados⁶⁰” que em função da amizade e consideração a dona Elzita por moradores do bairro Sacavém, o terreiro abre para fora, a sua estrutura organizacional. Mesmo assim, o Mastro da festa, apesar de ser buscado em outro bairro, é oferecido pelo Grupo dos Nove que é composto por pessoas ligadas ao grupo religioso – maridos de dançantes, entre outros.

Tudo o que é feito dentro do terreiro é a partir da divisão de funções entre as pessoas que fazem parte da casa e têm uma relação com a estrutura do sistema de crença cultuado, pois é sempre para cumprir obrigações com as entidades espirituais. Na festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, a articulação do grupo é mais notória, pois mobiliza as filhas-de-santos, os genros, os netos, os

⁵⁸ Maria Francisca Fonseca que é filha-de-santo de dona Elzita e participa como brincante do ritual de Cura. Mas, nos toques de Mina ela participa como colaboradora e assistente, oferece cafezinho as visitas e outras atividades dentro do terreiro.

⁵⁹ Filha-de-santo de dona Elzita.

⁶⁰ Surrupirinha e Caboclo Velho.

afilhados e estes, por sua vez, estendem aos demais parentes. E por fim, nada é feito dentro do terreiro que não seja a partir da estrutura familiar que se estabeleceu, ao longo dos anos. A nossa escolha surpreendente para o cargo de madrinha da mesa de Senhora Sant’Ana - feita por Chiquinha - abria para nós a estrutura da organização da festa e aceitamos o cargo de forma imediata. Nessa ótica, Marcel Mauss (2003, p. 224) afirma que “aceitar uma dessas oferendas é mostrar que está disposto a entrar no jogo, quando não a permanecer”. Então, entramos no jogo que estabeleceriam novas relações entre nós e o Terreiro Fé em Deus.

Ser madrinha da mesa principal do maior festejo realizado no terreiro, para nós significava receber a oportunidade de ter contato direto com todas as pessoas da casa e de ocupar, também, uma função que representava *status* dentro do grupo. E o mais importante, a partir dessa experiência, teríamos chances de aprender outras informações e, além disso, era ainda um momento de ocupação de um espaço que, para nós, foi aberto após anos de convivência. No “Ensaio sobre a Dádiva”, Marcel Mauss (2003, p. 236) afirma que “o tempo é necessário para executar qualquer contraprestação”. No entanto, Bourdieu afirma que o tempo dissimula⁶¹ qualquer interesse e reveste a transação de aparência nobre, cheia de etiqueta e generosidade.

Acreditamos que a nossa escolha para a função de madrinha da mesa principal da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo significa que “se as coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros”. (MAUSS, 2003, p. 263). Mauss tem razão quando afirma que na vida social, a circulação constante das coisas e dos homens é acompanhada por diversas formas de contratos que se expressam em cerimônias, rituais, festas, danças e misturam-se a todas as dimensões da vida social. Para Mauss o contrato expressa a sociabilidade criada pela dádiva e ser madrinha da mesa de Senhora Sant’Ana simbolicamente era o nosso “contrato” com o terreiro, pois durante todos os anos em

⁶¹ Analisando o texto de Mauss sobre a dádiva, Pierre Bourdieu (2011, p.159) explicou sobre o intervalo de tempo necessário a retribuição. O autor esclarece que: o intervalo tinha como função colocar um véu entre a dádiva e a retribuição, permitindo que dois atos perfeitamente simétricos parecessem atos singulares, sem relação. Se posso definir minha dádiva como uma dádiva gratuita, generosa, que não espera retribuição, é porque existe um risco, por menor que seja, de que não haja retribuição (sempre há ingratos), logo um suspense, uma incerteza, que permite a existência como tal, do intervalo entre o momento que se dá e o momento em que se recebe.

que pesquisamos o tambor de Mina nessa casa, sempre fomos acolhidos de maneira cuidadosa por todos, mas ainda não tinham nos oferecido uma função de maior responsabilidade. Ser madrinha da mesa central da maior festa da casa significava mais responsabilidade com o grupo, mais presença e proporcionar a satisfação de expectativas de uma mesa central e notável.

A Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo é o maior evento realizado dentro do Terreiro Fé em Deus, principalmente por ser uma ocasião em que são acionadas todas as estratégias do grupo religioso sob o comando da mãe-de-santo, orientada muitas vezes ou constantemente, pelas entidades espirituais para “cumprir essa obrigação” que, assim, é entendida e sentida por todos. Muito dos seus elementos já foram objetos de estudo como, por exemplo, as caixeiras (GOUVEIA, 2003). Entretanto, a não ser por algumas referências de passagens por essa casa de culto, as experiências humanas que se desenvolvem entre o grupo religioso e os pesquisadores que ali estiveram, ainda não foram mencionadas, mesmo sendo tão importante quanto aos outros temas estudados dentro de um terreiro de tambor de Mina.

Da mesma forma que a Tribuna da festa é representada por elementos simbólicos, agregados ao altar do terreiro e, também, pelas mesas postas com bolos na varanda do barracão, o que se apresenta e representa, são as pessoas com suas crenças, com seus desejos e necessidades, mais ainda com os seus sentimentos. Próximo a completarmos uma década de contato com dona Elzita e suas filhas-de-santo, em busca de conhecer cada vez mais, o sistema de crença e identificar elementos do tambor de Mina, a nossa escolha por Chiquinha para sermos madrinha da mesa principal, nos permitiu – na verdade – conhecer os aspectos mais humanos e também, perceber mais sobre a mentalidade religiosa do grupo do terreiro. Além disso, colocou-nos “em contato direto com uma combinação de explosão emocional, situação de guerra e drama filosófico de grande significação” (GEERTZ, 1989) que para o desenvolvimento de nossa pesquisa nessa casa de culto foi fundamental.

Para todos que se envolvem na organização da festa, a experiência emocional e psicológica é comum. Ela causa os mesmos efeitos pontuados por Durkheim (2003, p. 417), pois que: “toda festa, tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimentos as massas e suscitar, um estado efervescência”. Ser madrinha de mesa na Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo da mesa

mais importante foi vivenciar uma experiência de maior proximidade com o tambor de Mina e poder sentir a importância do desempenho dessa festa para o grupo, tendo em vista, a manifestação de fé, de sacrifícios e de compromisso.

4.2 Madrinha de mesa em: 2012, 2013 e 2014

A organização da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo realizada no Terreiro Fé em Deus é complexa e o grupo religioso e os seus colaboradores fazem tudo, com muita dedicação. Ser madrinha da mesa central dessa festa, a princípio, constituiu para nós um grande desafio. Primeiro, pela nossa falta de habilidades em relação aos bolos, as lembranças da festa e outras necessidades desse momento. A ausência dessa virtude nos fez compreender que para sermos madrinha, não poderíamos desempenhar efetivamente essa função, sem a devida assistência de quem já sabe e conhece bem como funciona a estrutura da festa.

O bolo oferecido pela madrinha é simbolicamente a referência a uma ou mais entidades espirituais que o sistema de crenças do terreiro cultua e põem em evidência no decorrer do ciclo da festa, por isso, é impregnado de muitos significados. Não é um bolo simples, mas bem grande⁶² decorado e posto sobre uma mesa coberta por uma toalha feita com tecido da cor em destaque na Tribuna montada no altar do terreiro. É preparado sobre uma tábua enfeitada com imagem e objetos religiosos. No dia da festa, o bolo deve ser distribuído juntamente com as lembranças da festa de forma hierárquica. Primeiro, a distribuição é realizada entre os membros da Côrte, de acordo com as caixeiras, e por fim, entre as filhas-de-santo e seus convidados. É obrigatória a troca de lembranças e bolos entre todos da Côrte, assim como, oferecer para cada caixeira bolos e lembranças. Ao final da festa, cada uma recebe lembranças, pedaços de bolos e vão embora com as sacolas cheias.

Do mesmo modo, quando chega o dia da festa, geralmente o que vemos expostos nas mesas de bolos, são vários tipos de lembranças. As mais elaboradas não são distribuídas para qualquer pessoa, pois são presentes oferecidos aos

⁶² A quantidade de material solicitada para fazer o bolo foi: dez quilos de farinha de trigo; dez quilos de açúcar branca de neve; dez quilos de açúcar união; três cartelas de ovos; nove quilos de margarina; oito caixas de leite; dez pacotes de queijo ralado; oito pacotes de gordura vegetal; e anilina para dar a cor.

participantes especiais da festa, e quem recebe uma lembrança maior é prestigiado diante do grupo e as mais simples, são oferecidas, de modo geral, aos visitantes que comparecem à festa, mas nem todos que vão à ela recebem uma lembrança.

Sobre as lembranças, elas articulam uma rede de relações entre “os festeiros” e a sociedade maior que vai, desde o primeiro momento, com as lojas do comércio pela compra de materiais para a montagem das mesmas, depois com os padrinhos e madrinhas e com as caixeiras. Ninguém pode deixar de oferecer ou negligenciar bolos e lembranças, pois isso, seria cair em “certa desgraça”. O modo como é oferecido é fundamental. Não é sem razão que Mauss (2003, p. 201-02) enfatiza que ao “recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar a receber é declarar guerra; é recusar aliança e comunhão”. No entanto, os tipos de lembranças e, também os bolos, são elaborados conforme os recursos dos padrinhos e madrinhas e os meses que antecedem a festa são de muito controle financeiro para cada participante ou festeiro. Já ouvimos de alguns que: “fazemos o cofrinho de Sant’Ana”, pois sem o “cofrinho” fica muito mais difícil fazer tudo que é necessário.

Assim, embora não temêssemos a tarefa de ser madrinha, tínhamos consciência de que sem ajuda de pessoas da casa, não seria fácil, pois como já explicamos acima, há uma lógica em tudo que se faz dentro da festa e que submete aos participantes a cumprir com a tarefa incumbida. Desse modo, algumas pessoas⁶³ se ofereceram para associar-se a nós nessa “obrigação”, como espécies de “colaboradores”.

O fato, a princípio pareceu-nos vantajoso, pois facilitaria muita coisa e sem contar que ser madrinha em colaboração com essas pessoas teríamos mais oportunidade para estabelecer relações mais próximas e conversas mais íntimas com as pessoas do terreiro. No entanto, logo no primeiro momento, a colaboração junto a nossa reponsabilidade, culminou somente em algumas instruções⁶⁴ sobre a nossa tarefa.

⁶³ Muito próximas à dona Elzita.

⁶⁴ As orientações eram desencorajadoras, pois nos informavam da necessidade de fazer um determinado número de lembranças muito acima do que nossa condição material poderia realizar. Por exemplo, oitenta lembranças a um valor de doze reais, no total, custariam mil reais. Além disso, ainda nos informaram sobre os preços de bolos e o quanto custaria o aluguel de uma mesa de vidro e ainda o lugar da locação. Mesa de vidro é visto é mais luxuosa para apresentar o bolo. Porém, o aluguel não é barato.

As informações foram importantes, porém carregadas de impressões⁶⁵ de que a nossa atuação como madrinha, gerava certa expectativa com relação ao nosso desempenho⁶⁶ em “retribuir” a oferta recebida. No entanto, buscamos alternativas dentro do terreiro que nos proporcionasse exercer a nossa “obrigação”, de acordo com as nossas possibilidades e as encontramos. Assim, nos vinculamos a uma pessoa⁶⁷ da casa com quem temos uma proximidade maior e encontramos condições de fazer a mesa de Sant’Ana com o bolo e as lembranças durante os três anos que nos fora oferecido.

O segundo desafio enfrentado como madrinha de mesa central da maior festa do terreiro, refere-se a parte objetiva e material para assumir sozinha uma responsabilidade bem mais ampla em relação ao que estávamos acostumados em outras ocasiões. Ao longo do contato desenvolvido com o grupo, colaborávamos somente com alguns produtos em algumas atividades da casa e o compromisso era menor e menos observado.

Como madrinha de uma mesa importante que além do bolo era composta por lembranças e outros assessorios como: a toalha para cobrir a mesa, a imagem da santa, um esplendor do Divino e mais os utensílios para servir o bolo, os recursos para tantas despesas tinham que ser reservados com alguma antecedência e cuja única fonte era a nossa bolsa de estudo⁶⁸. Nos dois meses que antecedia a festa evitávamos adquirir compromisso financeiro, canalizando recursos para cumprir com essa obrigação. No entanto, só desejávamos desempenhar esse papel, a contento de dona Elzita e retribuir a ela a confiança que sempre nos ofereceu quando estamos em sua casa.

Em 2012, nossa primeira experiência como madrinha de mesa, funcionou como descoberta da real dimensão econômica da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, pois de acordo com o ciclo, sabemos que é uma festa onerosa e vai muito além do que pensávamos, pois custear a mesa de bolo com as

⁶⁵ Berreman (1975, p. 142) diz que as impressões que o etnólogo e os sujeitos buscam projetar mutuamente são, portanto as que julgam ser favorável a consecução de seus objetivos respectivos. Nenhum deles poderá ter sucesso absoluto.

⁶⁶ Segundo Silva (2000, p.88) O grupo também mobiliza seu sistema de classificação para tornar aquele que inicialmente era um estrangeiro em uma pessoa de dentro, isto é um sujeito socialmente reconhecido.

⁶⁷ Dona Rôxa que é filha-de-santo de dona Elzita e vive de fazer bolos e roupas para festas em realizadas em muito terreiros de São Luís.

⁶⁸ Fomos contemplados com uma bolsa da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) que muito contribuiu para a realização dessa pesquisa.

lembranças, arranjos e outras coisas necessárias ao momento da festa, é bem oneroso. Em se tratando da mesa de bolo, o valor não é menos que 1.500 reais, mas esse valor pode ser alterado, à medida que as lembranças sejam maiores e em maior quantidade. O valor também é diferenciado para cada membro da Côrte que, além de oferecer a mesa de bolo, as lembranças, ainda precisa adquirir pelo menos duas roupas⁶⁹ diferentes para usar durante o ciclo festivo.

A princípio, nos deixamos orientar pela experiência de dona Rôxa, por ela possuir atributos pessoais e características importantes como filha-de-santo de dona Elzita que influenciaram o nosso desempenho como madrinha de mesa. Por isso, combinamos com ela sobre valores⁷⁰ a serem pagos por seus serviços prestados – mão de obra para fazer o bolo, as lembranças e costurar às toalhas da mesa – no decorrer dos três anos de madrinha. Primeiro, porque dentro do grupo de filhas-de-santo de dona Elzita ela é uma das mais antigas e entre as dançantes, ela ocupa a quarta posição na hierarquia do grupo, levando em consideração Ana Maria - a contra guia da casa - ela é quem possui mais prestígio.

As suas relações com outros terreiros, mas por conta dos serviços que presta como costureira das roupas de festa e, também, as suas habilidades como doceira agregam à ela, mais desenvoltura, mais conhecimento e mais acessibilidade para conversar sobre as situações relativas à festa e também sobre as entidades espirituais com as quais ela entra em transe nos toque de Mina, Cura e tambor de Borá. Ela recebe em transe espiritual nos toques de Mina, um repertório de entidades espirituais como dona Joaquina que de acordo com as suas informações “vem somente uma vez por ano”, o rei Surrupira que ela diz ser, “o pai de Surrupirinha” e a entidade espiritual mais conhecida por todos - o caboclo Pedrinho - para quem ela realiza uma brincadeira de Cura que já faz parte do calendário de atividades do terreiro, há onze anos.

⁶⁹ Segundo nos informou Lenilda filha-de-santo e que teve filhos que saíram em outras festas como rei e rainha da Tribuna. “Essas mesas, são as mais caras e as roupas também, pois roupa de rei e de rainha não se aluga, pois tem a ver com a cor da marcação que reina” (EM:19/08/14).

⁷⁰ Em 2012, pagamos 250, 00 reais para dona Rôxa fazer toda a mesa com bolos, lembranças e a toalha. No entanto, fomos ao comércio comprar o material para a montagem das lembranças e entre tantas fitas e pombinhos, etc. e o material de bolo e gastamos mais que o valor da bolsa. Tudo é muito caro. As opções no comércio são poucas e no centro da cidade há somente duas lojas mais conhecidas que oferecem, tanto lembranças prontas, como vendem o material para montá-las. Não há muita diferença de custo, entre comprar uma lembrança pronta ou montá-la, principalmente, para quem não possui habilidades técnicas e artesanais para elaborá-las, como é o nosso caso. Assim, comprar uma lembrança pronta ou comprar o material de montagem das mesmas e pagar a mão-de-obra, não altera muito o valor final da conta.

A proximidade com dona Rôxa, durante as compras de materiais para montagem das lembranças, no primeiro ano de madrinha de mesa, nos possibilitou conhecer mais além do terreiro de dona Elzita.

Figura 22- Lembrança⁷¹ da mesa de Sant'Ana em 2013.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Dona Rôxa sabe da importância da mesa do bolo de Senhora Sant'Ana, das lembranças e dos significados a eles atribuídos para a Côrte. Cada criança que ocupa uma posição na Côrte: Rei, Rainha, Dama, Vassalo e anjos chamados de Fé, Esperança e Caridade é uma referência a todas as outras mesas que são oferecidas pelos ocupantes da Tribuna que, por sua vez, fazem alusão às entidades espirituais, ou melhor, a entidade espiritual que sai de frente, ou reina no ciclo de festa.⁷² A sua colaboração nos propiciou apresentarmos - no decorrer do período de três anos - uma mesa de bolo que não destoasse das demais e tivemos a oportunidade de entender a forma como se estabelece toda a organização da festa e, ainda, “aumentou proporcionalmente o nosso acesso à informação de vários tipos” (BERREMAN, 1975. p.140).

⁷¹ Valor da unidade vinte reais e oferecemos sessenta unidades, nesse ano.

⁷² Dona Elzita já mencionou que a Tribuna é o espaço da Princesa Doralice que faz suas as suas “giradas” de corrente e se coloca na parte de Sant'Ana. A Corte que se apresenta na Tribuna configura as diversas representações da entidade espiritual dona do terreiro que se manifesta assim: 1Fé->Doralice, 2Esperança->Doralice, 3Caridade-> Doralice, Dama-> Rainha-> Doralice.

Em 2013, preferimos comprar as lembranças em uma loja ⁷³ especializada, pois a ocasião nos animava a oferecer lembranças compradas no comércio. Ademais, há no comércio uma variedade de modelos que são produzidos por especialistas treinados e que ficam expostos em vitrines para atrair os “festeiros”, como dizem de quem faz festa no terreiro. Nesse período, tínhamos um complemento financeiro, além da bolsa e na verdade, foi uma fase em que mais nos dedicamos a nossa função de madrinha de mesa, por causa de algumas situações de ordem pessoal que alteraram o nosso moral e, de certo modo, assim como Berreman, (1975, p. 137) não podemos “entrar aqui em detalhes sobre as causas dessa condição moral”, mas foram situações e circunstâncias ocorridas no ano de 2013, em que a pesquisa tornou-se, para nós, o “princípio motivador mais importante”. Nesse ano, consideramos o momento em que mais nos aproximamos de algumas pessoas⁷⁴ do terreiro e estabelecemos uma relação nos termos em que Cardoso de Oliveira (2006, p. 24) define como uma “verdadeira interação”, pois:

Ao trocarmos ideias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guiados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante. O ouvir ganha uma qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto uma verdadeira interação.

Paralelo ao contexto do ano de 2013, as nossas relações com o grupo do terreiro se mantiveram e dona Rôxa neste ano também fez o bolo e nos orientou sobre como escolher e comprar o material para a montagem das lembranças⁷⁵ na loja do centro de São Luís e o resultado foi melhor.

No transcurso do nosso compromisso como madrinha, em julho de 2014, algumas situações que nos colocaram em dúvidas, sobre como desempenhar ou cumprir essa obrigação e, mais uma vez, dona Rôxa nos apoiou nesse empreendimento. Apesar da situação financeira não ter favorecido como no ano de 2013, como todos os festeiros, também fizemos o nosso “cofrinho de Sant’Ana” e

⁷³ Festa Center localizada no centro da cidade na Rua de Sant’Ana.

⁷⁴ Dina filha carnal de dona Elzita e dançante do terreiro.

⁷⁵ A lembrança feita em 2012 teve um resultado pouco interessante e por isso, decidimos que no ano seguinte faríamos com outra pessoa. Assim, em 2013, dona Rôxa ficou responsável somente pela preparação da mesa de bolo e a toalha da mesa, mas sem as lembranças e nos cobrou 300,00 reais pela mão-de-obra, mas fomos às compras de materiais para tudo. O material do bolo nos custou 280,00 reais, com aproximadamente mais 150, reais de tecido e assessórios para costurar a toalha. Compramos 60 lembranças montadas em uma loja especialista e nos custou 900,00 reais.

fechamos o ciclo de madrinha da mesa central da Festa de Senhora Sant"Ana e Divino Espírito Santo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

No que se refere à religião, o Terreiro Fé em Deus – casa de mãe Elzita - é um terreiro de tambor de Mina tradicional nos moldes da Casa das Minas e Casa de Nagô, as referências da religião de origem africana no Maranhão. O conhecimento religioso é restrito ao grupo de dançantes ou filhas-de-santo e mesmo assim, relaciona-se com o nível de iniciação. No entanto, com a realização da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo, o terreiro promove a sua abertura para a participação externa e desenvolve relações com outras categorias que vão mais além da organização da festa e, especificamente, com pesquisador – objeto de nossa pesquisa.

Essa abertura do terreiro, a participação do pesquisador é feita a partir de *dádivas* que são vistas como papéis que o pesquisador desempenha na organização da festa, embora essa participação não funcione como estratégia do pesquisador para acesso as “regiões interiores” do sistema de crença do terreiro, uma vez que, como já foi mencionado anteriormente, os conhecimentos religiosos são reservados ao grupo de dançantes. No entanto, o pesquisador inserido na organização da festa tem a possibilidade de interagir em uma dimensão maior com todo o grupo religioso e perceber mais nitidamente, o que pensam sobre várias dimensões da festa e também com a mãe-de-santo, as caixeiras e outros colaboradores. Como diz Geertz (2003, p. 89), sobre a proximidade do pesquisador como os sujeitos estudados, “o importante é descobrir o que diabos eles acham que estão fazendo”.

Nesse sentido, podemos afirmar que em relação ao nosso papel de pesquisadora inserida na organização da Festa de Senhora Sant’Ana e o Divino Espírito Santo como madrinha de mesa, nos permitiu aprender muitas lições com e sobre as pessoas ligadas ao terreiro e, entre tantas, a coragem foi a mais importante e fundamental para a continuidade desse trabalho.

Temos consciência das limitações desse estudo, sobretudo, porque fazer trabalho de campo, de certo modo, é “mergulhar no escuro”, mesmo que a disciplina nos forneça os recursos necessários para nos guiar no itinerário traçado em busca dos nossos objetivos. Aqui, eles representam, sobretudo, indicativos de muitas dimensões da religião do tambor de Mina, nos quais podemos encontrar situações, fatos e muitas questões. Sobre esse aspecto da pesquisa, o antropólogo Vagner da Silva (2000, p. 39) pontua que:

Embora as lições de metodologias nos orientem a coletar depoimentos representativos de maior número possível dos segmentos sociais que compõem as sociedades ou grupos observados, nem sempre isso é possível. A experiência mostra que o próprio campo condiciona o que observar e a quem.

Ao etnografar a nossa experiência como madrinha de mesa da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo em um terreiro de tambor de Mina, a partir das *dádivas* inerentes a realização da festa, não pretendíamos dar conta de todo o ciclo festivo, mas compreender a dinâmica de interações entre pesquisador e sujeitos pesquisados que se revela por meio dessa categoria.

A partir dessa experiência, procuramos não indicar respostas para as questões propostas nesse estudo, mas antes procuramos evidenciar alguns aspectos da experiência humana acerca das situações vivenciadas no trabalho de campo. Não tratamos aqui de relações ingênuas, românticas, mas ao contrário, são relações de poder permeadas por dinâmicas, contradições e uma boa dose de conflitos.

Podemos constatar que *as dádivas*, não são simples *dádivas*, mas constitui apoio material e simbólico que determinam o papel de cada participante da organização da festa e articulam uma rede de relações mais ampla do terreiro no bairro Sacavém. Nesse sentido, estudo de Mauss (2003, p. 211) sobre a *dádiva* nos oferece a compreensão sobre o que está por trás dos presentes e das gentilezas entre os indivíduos, pois “a finalidade é antes de tudo moral, seu objeto é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas, e, se a operação não tivesse esse efeito, faltaria tudo”.

Dessa forma, vivenciamos essas situações desde o nosso primeiro contato como o tambor de Mina e a dinâmica das interações se diversificaram ao longo do contato com o terreiro, e ser madrinha de mesa significou bem mais que o apoio simbólico e material ao terreiro no contexto da Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo.

Seguindo essa perspectiva, desde o nosso primeiro contato com o terreiro, a configuração das relações se mantiveram. As amabilidades sempre representaram bem mais que as palavras e as gentilezas que permeiam todas as relações com o grupo do terreiro, referente à Festa de Senhora Sant'Ana e o Divino Espírito Santo, principalmente, entre os membros da Corte que confraternizam

compulsoriamente uns com os outros, com as caixeiras e com as pessoas presentes no dia da festa.

No desempenho do nosso papel de madrinha, destacamos que a pesquisa antes de tudo tem uma história, um depoimento e um desejo de entender o sentido e tantas razões que as pessoas dão as suas vidas. E não foi por acaso - pois este não existe - mas pelas circunstâncias de uma prática orientada pela necessidade de ampliar o “olhar, o ouvir” e o compreender mais, sobre a religião do tambor de Mina do Terreiro Fé em Deus.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Maria do Socorro Rodrigues de Souza. **Terreiro Fé em Deus**: um estudo de rituais não africanos no tambor de Mina. 2008. 90f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, 2008.
- AMORIM, Cleides. **Surrupirinha dos Espinho**: A Representação Social de Uma Entidade Cabocla no Tambor de Mina. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, 1996.
- BERREMAN, Gerard. Por detrás de muitas máscaras. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1975. p.136.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: _____. **O Poder Simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____, Pierre. É Possível um Ato Desinteressado? In: **Razões Práticas**: Sobre a Teoria da Ação. 11ª ed. Campinas, SP: Papiurus, 2011.
- DANTAS, Beatriz, G. **Vovó Nagô e Papai branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DURHKEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Mina uma religião de origem africana**. São Luis: SIOGE, 1985.
- _____. **Desceu na Guma**: o caboclo no Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2000.
- _____. Terecô, a linha de Codó. In: PRANDÍ, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira**: o Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Querebentã de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas. 2. ed. rev. atual. São Luís: EDUFMA, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOUVEIA, Cláudia. Personalidades de um rito festivo: as caixeiras do Divino Espírito Santo. In: NUNES, Izaurina Maria de Azevedo (Org.). **Olhar, memória e reflexão sobre a gente do Maranhão**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003.

LEAL, João. **As festas do Espírito Santo nos Açores**: um estudo de Antropologia Social. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1994.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Editora Cosac & Naif, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006.

OLIVEIRA, Itacy J. **Orixás e Voduns no Terreiro de Mina**. São Luis: VCR Produções e Publicidade, 1989.

SANTOS, Maria do Rosário; SANTOS NETO, Manoel dos. **Boboromina, terreiros de São Luís**: uma interpretação sócio-cultural. São Luís: SECMA/SIOGE, 1989.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**. São Paulo: Ática, 1994. (Caminhos da devoção brasileira).

_____. **O Antropólogo e sua Magia**. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **Revista USP**, n. 67, p. 150-175, set./nov., 2005.

SIMMEL, George. **Questões Fundamentais de Sociologia**. São Paulo: Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**: aspectos do Ritual Ndembu. Rio de Janeiro, Niterói: EDUFF, 2005.

ZALUAR, Alba. Teoria e Prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth. (Org.). **A aventura Antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ENTREVISTAS

Assunção. (EM: 17/11/13 e 19/08/14).

Elzita. (EM: 20/06/14, 19/08/14 e 20/06/13).

Diquinha. (EM: 27/08/14).

Ildenir Freitas. (EM: 18/06/14).

Maria Auxiliadora (Rôxa) (EM:14/08/2004).

Marinalva Serra Pereira. (EM: 28/08/14).

ANEXO 1- Ofício

ASSOCIAÇÃO CULTURAL FOLCLORICA DE AMPARO SOCIO ASSISTENCIAL CASA
FÉ EM DEUS CNPJ nº 14.708.239/0001-25
Fone: 88463757/88111617/88587670

Ofício nº 007- 2014

São Luis, de julho de 2014.

A Sua Senhoria o Senhor
RODRIGO MAIA ROCHA
Secretário Municipal do Meio Ambiente - SEMMAM

Senhor Secretário.


Venho pelo presente, pedir a Vossa Senhoria a colaboração de nos conceder a liberação para o uso de aparelhagem de som para a comemoração do festejo de Divino Espirito Santo e Nossa Senhora Santana, na Rua Nossa Senhora da Conceição, bairro do Sacavém, que se realizará nos dias 20, 26, 27/07/2014 e 03/08 do corrente ano, das 13:00 hs até 02:00 hs.

De já agradecemos pela sua colaboração,

Elzita Vieira M. Coelho
Elzita Vieira Martins Coelho

Responsável pelo Festeio

ANEXO 2- Autorização provisória



ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA CIVIL
SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍCIA CIVIL DA CAPITAL
DELEGACIA DE COSTUMES E DIVERSÕES PÚBLICAS
Rua Celso Magalhães, 139, Centro. Fone: 2375.5070

GRATUITA!

AUTORIZAÇÃO PROVISÓRIA

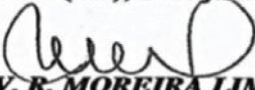
Após as formalidades legais, de acordo com o Decreto n.º 5068/73, que dispõe sobre o licenciamento e fiscalização de eventos e de estabelecimentos de diversões públicas e similares, Lei Estadual n.º 8364/06, Lei n.º 8.192/2004 e Lei Promulgada n.º 200/2009,

EVENTO	FESTEJO DO DIVINO ESPIRITO SANTOS e NOSSA SENHORA SANTANA (Com mastros, ladainhas, rezas, tambor de mina...)		
LOCAL	TERREIRO DE MINA		
ENDEREÇO	RUA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, 180, SACAVÉM		
BLITZ URBANA	589/2014	SMTT	106/2014
RESPONSÁVEL	ELZITA VIEIRA MARTINS COELHO/ASSOCIAÇÃO CULTURAL		
CNPJ/CPF/RG	14.708.239/0001-25		
DIA/PERÍODO	26, 27 de JULHO e 03 de AGOSTO de 2014		
HORÁRIO	19:00 às 01:00 horas (do dia seguinte)		

ATENÇÃO

1. A validade desta autorização está condicionada a apresentação das autorizações emitidas pela Prefeitura Municipal, Corpo de Bombeiro, Secretaria do Meio Ambiente e Vigilância Sanitária. Para eventos que irão utilizar espaço Público: "Blitz Urbana, SMTT e Meio Ambiente";
2. É obrigatório o cumprimento do horário estipulado;
3. O volume de som não pode ultrapassar aos limites legais, principalmente nas zonas residenciais, por se constituir ilícito penal (poluição sonora e perturbação do sossego alheio);
4. Proibida a venda de bebidas alcoólicas à menor de 18 anos de idade, bem como o fornecimento a pessoas embriagadas e doentes mentais;
5. O não cumprimento dos itens acima ou a constatação de qualquer irregularidade, poderá ocasionar a cassação da referida Autorização.

São Luís (Ma), 24 de julho de 2014.



UTHANIA V. R. MOREIRA LIMA GONÇALVES
Delegada de Polícia Civil
Mat. 1097336

ANEXO 3- Autorização especial



PREFEITURA DE SÃO LUÍS
SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E HABITAÇÃO – SEMURH
BLITZ URBANA

AUTORIZAÇÃO ESPECIAL N.º 589/2014

REFERENTE AO PROCESSO N.º 220.4793//2014

O Secretário Municipal de Urbanismo e Habitação de São Luís do Maranhão, no uso de suas atribuições legais, **AUTORIZA** a **ASSOCIAÇÃO CULTURAL FOLCLORICA DE AMPARO SOCIO ASSISTENCIAL FÉ EM DEUS**, a utilizar o espaço, a critério da fiscalização de campo, para interditar parcialmente a Rua Nossa Senhora da Conceição, N.º180 e Rua Bom Jesus, Fé em Deus São Luís/MA para realização de um **EVENTO “FESTEJO DO DIVINO ESPIRITO SANTO E NOSSA SENHORA DE SANTANA”** que acontecerá nos dias 20, 26 e 27 de Julho de 2014, no horário das 19:00h a 01:00h. Sob a responsabilidade da **DINALVA ANGELA VIEIRA COELHO DE OLIVERIA, CPF:351513583-91**.

- Art. 1º Esta licença é precaríssima e poderá ser revogada em qualquer tempo a bem da municipalidade.
- Art. 2º Esta autorização só terá validade se apresentada a via original, no momento de qualquer solicitação do Agente de Fiscalização, com documento oficial identificação do responsável (CPF, CNH, RG).
- Art. 3º A referida barraca deverá portar ponto de energia elétrica próprio, com medidor legalizado na CEMAR, ficando proibida a utilização de furto ou qualquer clandestinidade de energia pública.
- Art. 4º A barraca deverá ser móvel e retirada todos os dias após a sua utilização, com tamanho máximo de 1,20x0,80.
- Art. 5º Fica proibido a obstrução do passeio público e da pista de caminhada/ciclovía com colocação de mesas e cadeiras.
- Art. 6º Para manuseio de alimentos, fica proibida a utilização de gás ou carvão, devendo a mesma portar o manuseio de equipamentos elétricos quando preciso visando à proteção ao público, e sempre respeitando as orientações do curso de Segurança Alimentar e da Vigilância Sanitária.
- Art. 7º Fica **determinantemente proibida a venda de bebidas alcóolicas**.
- Art. 8º O lixo deve ser acondicionado em sacos plásticos ou tonéis em local de fácil acesso à empresa coletora municipal, que deverá ser informada previamente
- Art. 9º O descumprimento de qualquer determinação acima imposta implicará em notificação para regularização da infração. Em caso de reincidência será aplicada multa, e apreensão da barraca, e a cassação da licença concedida.

São Luís-Ma, 23 de Julho de 2014.


RUBEMAR MARQUES ARAÚJO

Sec. Adj. De Fiscalização


MARCIO CESAR DE CASTRO ARAGÃO

Superintendente da área de Fiscalização de Postura

Av. dos Franceses, A – Alemanha
São Luís-MA, CEP.: 65036-281

ANEXO 4- Autorização para interdição de vias públicas



PREFEITURA DE SÃO LUÍS
SECRETARIA MUNICIPAL DE TRÂNSITO E TRANSPORTES – SMTT
SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO

AUTORIZAÇÃO PARA INTERDIÇÃO DE VIAS PÚBLICAS
 Com base no Art. 95, da Lei Federal nº 9.503/1977
 (Código de Trânsito Brasileiro)

Nº 106/2014

CONSIDERANDO o requerimento de interdição constante no Ofício Nº 02/2014, Online 1437, e com base no parecer **FAVORÁVEL** da Coordenação de Projetos, Obras e Engenharia de Trânsito, datado de 18 de julho de 2014. **AUTORIZO** a **ASSOCIAÇÃO CULTURAL FOLCLÓRICA DE AMPARO SÓCIO ASSISTENCIAL FÉ EM DEUS** a interditar parcialmente a Rua Nossa Senhora da Conceição, Nº 180 e Rua Bom Jesus, Fé em Deus, para realização de um evento denominado **“FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E NOSSA SENHORA SANTANA”**, que acontecerá nos dias **20, 26 e 27/07/2014 (domingo, sábado e domingo)** e no dia **03/08/14(domingo)**, no horário das **19h00min às 01h00min**.

REGRAS:

- I. A sinalização da via em questão será de responsabilidade do interessado;
- II. A utilização dos equipamentos de som deverá obedecer ao que preceitua a Lei do Silêncio, sob pena de cancelamento do referido evento.
- III. O interessado deve apresentar sempre que solicitado pelos agentes de fiscalização desta Secretaria, esta Permissão acompanhada da Autorização Especial emitida pela **Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação**, na falta de uma delas o evento será imediatamente cancelado.

O não cumprimento de qualquer das exigências desta permissão, implicará na nulidade da autorização para interdição com o conseqüente cancelamento do evento, sem prejuízo das demais sanções legais cabíveis.

São Luís, 18 de julho de 2014



Antônio Silva
 Superintendente de Trânsito

Av. Daniel de La Touche, nº 400 – Ipase – CEP. 65.061.020 – São Luís/Ma
 Fones: (98) 3214-1127/1128 – Fax: (98) 3236-2642 – HP: